



## INCLUSÃO E APOIO

# Iniciativas ajudam a combater o trabalho infantil na Paraíba

Projetos sociais e campanhas educativas transformam a vida de crianças e adolescentes. **Página 3**

## Cidadãos têm 30 dias para resolver pendências com a Justiça Eleitoral

Até o dia 6 de maio será possível realizar alistamento (tirar o primeiro título), transferir o domicílio e revisar dados. Após essa data, as operações serão voltadas à preparação do pleito de outubro.

**Página 13**

## IR: declaração de pensão alimentícia exige atenção do contribuinte

Especialistas alertam para os problemas gerados por erros no preenchimento ou pela falta de comprovação legal, que podem gerar inconsistências de dados, aumentando as chances de cair na malha fina.

**Página 17**

## Impermeabilização do solo piora casos de alagamentos nas cidades brasileiras

Sem um sistema de drenagem adequado, o asfaltamento de vias urbanas reduz a infiltração da água, que passa a se acumular na superfície, causando transtornos e riscos aos habitantes.

**Página 20**

## Autodefesa incentiva mulheres a aprender artes marciais

Academias de jiu-jítsu e krav maga, em João Pessoa, reúnem adeptas que buscam, além de melhorar as condições físicas, prevenir e até reagir a situações de risco.

**Página 7**



Foto: Roberto Quevedes

## Correio das Artes



A revista presta uma homenagem aos 50 anos do suplemento infantil O pirralho, que serviu de plataforma para jovens quadrinistas e ajudou a revelar talentos no estado. O leitor também poderá conferir a reprodução exata da primeira edição do suplemento.

## Serra Branca estreia, hoje, na Série D, contra o Sergipe

Time do Cariri paraibano inicia sua participação no Brasileiro, no Estádio Amigão, em Campina Grande, a partir das 16h30, em duelo válido pela primeira rodada do Grupo A9.

**Página 21**



Foto: Reprodução/Instagram @serrabranca.ec



Foto: João Pedrosa

## Páscoa une fé, valores e memória em celebrações de diferentes doutrinas

Um dos períodos mais comemorados pelos cristãos é também momento de reafirmação de união e solidariedade na tradição judaica e em religiões de matriz africana.

**Página 5**

■ “A aridez dos relatórios foi amaciada, ao que consta na nossa história literária, pelo texto de Graciliano Ramos, como prefeito, numa prestação de contas ao Governo Federal chegada às mãos de Augusto Schmidt. Jorge Amado diz que não foi bem assim”.

Gonzaga Rodrigues

**Página 2**

■ “Quando me perguntarem e ninguém vai querer saber sobre a pedra, eu nem vou lembrar que escrevi sobre seus desenhos desbotados, questionando o desgosto sobre um movimento na escrita, que até hoje ninguém decifrou ou foi devorado”.

Kubitschek Pinheiro

**Página 10**

■ “Durante a infância no Sertão, onde as ondas do rádio ainda não haviam chegado, costumavam-se ouvir os cantores e seresteiros da época pelos raros serviços de alto-falantes. Alimentando esse hábito, o menino Fernando começou a cantar”.

Professor Francelino Soares

**Página 27**

# Editorial

## Filme que se reprisa

Os dias de chuvas intensas, em João Pessoa, além dos transtornos “naturais”, como deslizamentos de barreiras, quedas de árvores, acidentes e obstruções no trânsito, reprisam, também, outro filme dramático que a população assiste a cada temporal que desaba sobre a cidade: os alagamentos causados pela oclusão de galerias pluviais, provocados por diversos tipos de resíduos sólidos, descartados de maneira irresponsável.

Quem caminha pela capital de olhos bem abertos percebe que, se a coleta municipal de lixo ainda é insuficiente, à população, de uma maneira geral, também cabe uma grande parcela de culpa pelos constantes alagamentos na estação das chuvas. É impressionante a quantidade de lixo atirado nas ruas, praças e avenidas, à luz do Sol ou da Lua, sem falar nos locais ermos, de maneira particular, matagais e terrenos baldios.

O meio ambiente, a infraestrutura urbana e, por extensão, a saúde da população são afetados, direta ou indiretamente, pelos resíduos dos quais centenas de pessoas livraram-se sem qualquer obediência às regras da coleta consciente. São, por exemplo, embalagens de plástico, vidro, alumínio e papel. Restos de alimentos variados. Resíduos de construção civil. Móveis, roupas e calçados, além dos perigosos artefatos eletrônicos.

Na frente de muitas casas e condomínios residenciais, é comum avistar-se uma grande quantidade de lixo espalhado pelas calçadas, caído exatamente dos tambores e lixeiras de metal que deveriam acondicioná-lo. Isso acontece seja pelo excesso de dejetos, seja pelo descuido de moradores e zeladores, na hora de descartar os resíduos, como também por catadores imprudentes, que não reorganizam o refugio não aproveitado.

Muitos proprietários de bares e restaurantes, que deveriam ter maior atenção com os resíduos que seus estabelecimentos produzem, também engrossam as hostes de poluidores das vias públicas. O lixo é descartado sem critérios rígidos de segurança, no processo de acondicionamento, de maneira que, ao amanhecer, a presença de bandos de pombos e cães de rua denuncia a existência desses lixões a céu aberto.

A Prefeitura da capital deveria fazer, com mais frequência, mutirões de recolha do que é descartado, por exemplo, nos terrenos baldios e áreas florestais. E os profissionais da limpeza urbana, que trabalham duro na coleta dos resíduos produzidos pela sociedade, deveriam ser orientados a recolher, também, o lixo que cai de tambores e lixeiras. Mas um ciclo perfeito de limpeza não se completa sem a efetiva colaboração da coletividade.

## Artigo

Rui Leitão  
iurleitao@hotmail.com

### O legado dos “bispos vermelhos”

A Igreja Católica exerceu papel preponderante na concretização do Golpe de 1964. Estimulada pelo discurso de que o país vivia sob a ameaça de um regime comunista, a instituição apoiou os militares na instalação do novo governo.

Entretanto, com o passar dos anos, percebeu o equívoco cometido e passou a adotar uma postura crítica à ditadura. Ganhou força o grupo progressista do clero, que decidiu combater as violações aos direitos humanos e a prática da tortura utilizada para extrair informações dos opositores do sistema. A Igreja abandonava, assim, sua postura secular como instituição elitista e conservadora para se aproximar das classes populares em defesa da justiça social.

No Nordeste, três bispos destacaram-se como líderes religiosos que denunciavam as torturas e a violência repressiva imposta pelo governo militar. Por isso, passaram a ser chamados de “bispos vermelhos”. Dom Hélder Câmara (arcebispo de Olinda e Recife), dom José Maria Pires (arcebispo da Paraíba) e dom Antônio Batista Fragoso (paraiabano de Teixeira e bispo de Crateús, no Ceará) eram apontados como expoentes da esquerda católica.

Eles enfrentaram a ditadura com coragem. Pregaram a reação ao regime e incentivaram a juventude a se rebelar contra a repressão. Apoiaram sindicatos e cooperativas na assistência aos trabalhadores, em especial aos camponeses. Defendiam a conscientização política do povo como forma de fortalecimento diante do regime totalitário. Embora recebessem frequentemente mensagens ameaçadoras, não se acovardaram e desafiaram os detentores do poder.

Na mesma noite em que Geraldo Vandré consagrava-se no Maracanãzinho com a música que se tornaria o hino da resistência, dom José Maria Pires proferia uma palestra na Faculdade de Direito da UFPB. Ao ser advertido por um estudante sobre a presença de agentes dos Dops, o arcebispo afirmou categoricamente que a presença policial não deveria constar ninguém, pois eles ouviriam verdades sobre os problemas brasileiros.

Dias depois, na sede do Sindicato dos

Vendedores Ambulantes, dom José realizou uma de suas conferências mais corajosas daquele ano. Começou afirmando:

“O atual governo não é cristão. Neste sistema de privilégios de um pequeno grupo em detrimento de uma maioria faminta e analfabeta, não podemos ver uma maneira cristã de governar. É indispensável que ataquemos os erros políticos e econômicos, sem atacar as pessoas. Não somos contra ninguém; somos contra situações”.

“Precisamos de sindicatos fortes, abrindo o maior número de pessoas conscientizadas politicamente. O ideal é que caminhemos com inteligência, pois não é com fuzis nas mãos que mostraremos que temos razão. Não há dinheiro no mundo que possa comprar nossa liberdade ou a contribuição de amor que queremos dar para melhorar a situação de nossos irmãos”.

“Só acredito em mudança quando houver conscientização; não acredito em mudança que não seja pacífica. Contudo, pacífica não significa ser pacifista. Não posso exigir justiça por meios violentos, primeiro porque não condiz com o Evangelho; segundo porque a violência, para nós, agora, seria um suicídio”.

Discursos como esse faziam com que os militares rotulassem dom Hélder, dom José Maria Pires e dom Fragoso como os “bispos vermelhos”.

“

**Defendiam a conscientização política do povo como forma de fortalecimento diante do regime totalitário**

## Foto Legenda

Evandro Pereira



Celebrando a vida

## Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

### Custa a acontecer, mas acontece

A aridez dos relatórios foi amaciada, ao que consta na nossa história literária, pelo texto de Graciliano Ramos, como prefeito, numa prestação de contas ao Governo Federal chegada às mãos de Augusto Schmidt. Jorge Amado, não sei onde li, diz que não foi bem assim.

Assim ou assado, o relatório é peça sempre lida por obrigação. A não ser um João Agripino, que acompanhado ou não, nem na cama largava a sua leitura. E me cai às mãos, agora, além das 28 páginas de *A União* da última terça-feira, mais 15 do mesmo formato, em tipo 12, equivalente a um livro de 70 ou mais páginas, o relatório integrado da nossa Companhia de Água e Esgotos da Paraíba – Cagepa.

Aos poucos entrei nele e me vi penetrar entre os que levaram à pia batismal, em 1966, o antigo departamento de águas da capital, mudado para Sanecap no governo de Pedro e reestruturado como Cagepa por Agripino, missão a cargo de Manuel Dantas Vilar e Guarany Marques Viana entre os de sua equipe.

Gritava-se nas ruas e assembleias contra a falta d’água nas torneiras e chafarizes, Buraquinho e Marés já insuficientes para a João Pessoa de 170 mil habitantes, num estado sem recursos para normalizar o abastecimento com o afluxo de outras fontes e a ampliação do sistema elevatório. Enfrentando a impopularidade de seu início de governo (a gratificação do Natal veio ser paga em junho de 1967), os baixos vencimentos do funcionalismo, mesmo assim Agripino dispõe-se a aumentar a conta d’água com a promessa de que “Vamos botar um rio em sua casa”. Rio não faltava, como se sabe desde que o ouvidor português escolheu o piso da cidade.

Com esse testemunho, que entra no meu currículo de publicitário amador, acompanho o esforço da empresa não só para se antecipar às necessidades do consumo como para o “cenário de maior exigência regulatória e aceleração das metas de universalização do saneamento”. É o que está escrito, fundamentando “a compreensão de que a atuação da Companhia depende da integração equilibrada de di-

“

**Gritava-se nas ruas e assembleias contra a falta d’água nas torneiras e chafarizes**

ferentes estoques de valor, que são utilizados, transformados e preservados ao longo do tempo. Dessa forma, o relatório evidencia como a Cagepa mobiliza e conecta o Capital Financeiro, Manufaturado, Humano, Intelectual, Social e Natural para assegurar a continuidade, a expansão e a sustentabilidade dos serviços públicos de saneamento no estado da Paraíba”. Bonito na escrita e nos resultados.

Hoje, sessenta anos depois, associo esse exemplo ao modelo de gestão adotado por João Azevêdo, aluno e professor da Escola Técnica, fundada por Coriolano de Medeiros, hoje IFPB. Tudo que eles fundaram ou implantaram prosperou. Aprendi a mexer em tipos e a lidar com gráfica pelas mãos dos tipógrafos e impressores saídos da primitiva Escola de Artífice para as oficinas da nossa Imprensa Oficial.

Meio século depois, essa lição vem permitir, pela segunda vez na nossa história, que um governador da Paraíba não se queixe da falta de recursos. A primeira e até então a única ocorreu em 1935-1940, colocando a Paraíba no pódio das exportações do algodão de fibra longa, não faltando dinheiro para os campos de experimentação de uma agricultura que foi exemplo para o Nordeste; dinheiro para levar água das serras de Areia para Campina Grande; dinheiro para o postal urbano que passou a simbolizar João Pessoa — o Parque Solon de Lucena com a Avenida Getúlio Vargas encimada pelo Instituto de Educação — Liceu.

### SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



**William Costa**  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

**Naná Garcez de Castro Dória**  
DIRETORA-PRESIDENTE

**Amanda Mendes Lacerda**  
DIRETORA ADMINISTRATIVA,  
FINANCEIRA E DE PESSOAS

**Rui Leitão**  
DIRETOR DE RÁDIO E TV

**A UNIÃO**  
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

**Gisa Velga**  
GERENTE-EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

**Renata Ferreira**  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: [circulacao@epc.pb.gov.br](mailto:circulacao@epc.pb.gov.br) (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual ..... R\$ 404,25 / semestral ..... R\$ 202,12 / número atrasado ..... R\$ 4

CONTATO: [redacao@epc.pb.gov.br](mailto:redacao@epc.pb.gov.br) / [ouvidoria@epc.pb.gov.br](mailto:ouvidoria@epc.pb.gov.br)

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Foto: Divulgação/Secretaria de Assistência Social de Picuí

Ensaios da Banprós, que é a banda dos projetos e serviços de convivência, atraem os usuários dos programas sociais

## CRIANÇAS E ADOLESCENTES

# Projetos combatem o trabalho infantil na PB

Iniciativas em Picuí incentivam convivência e profissionalização de jovens

Iris Machado  
 irmchdo@gmail.com

Em todo o Brasil, 1,68 milhão de crianças e adolescentes, de cinco a 17 anos, estão em situação de trabalho infantil, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na Paraíba, só no primeiro trimestre de 2025, o Disque 155 recebeu 74 novas denúncias de jovens na força de trabalho. A erradicação da exploração infantil é uma preocupação constante no Estado, como em Picuí, no Seridó paraibano.

“Ao longo dos anos, nós temos conseguido, sim, reduzir o número de crianças e adolescentes em situação de trabalho infantil. Hoje, temos números bem menores, embora a gente saiba que ainda existe um processo de subnotificação. Os projetos sociais contribuem muito para que a criança saia da situação de trabalho infantil, porque ela está envolvida nas atividades no contraturno e, às vezes, até no final de semana — em alguns momentos, nós chegamos a realizar também atividades aos sábados, que é o dia da feira livre, então, em vez de ir à feira, ela participa da atividade. O trabalho que é feito junto a famílias também fortalece o enfrentamento do trabalho infantil”, revela a secretária de Assistência Social de Picuí, Rejane Miranda.

Essas iniciativas são desenvolvidas em conjunto com o

Fundo Estadual da Criança e do Adolescente (Fundesc). A maior parcela dos atendimentos envolve jovens que realizam atividades informais, com longas jornadas, para complementar a renda familiar. “Nós atendemos crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Temos algumas situações de trabalho infantil que aparecem no município com mais frequência, que são principalmente a questão da feira livres e situações também junto à agricultura familiar. Todos os usuários chegam por meio do Cras [Centro de Referência de Assistência Social], do Creas [Centro de Referência Especializado de Assistência Social] ou do Conselho Tutelar. Eles fazem o encaminhamento do usuário para os projetos. Nesse meio tempo, é realizado o trabalho social junto a essas famílias com esses serviços de referência”, aponta.

As ações apostam em projetos sociais e campanhas educativas, que vão de atividades no contraturno escolar até programas de profissionalização para jovens, capazes de oferecer alternativas ao trabalho precoce: o programa Transforme uma Vida, voltado para crianças de sete a 11 anos, e o Sementes do Seridó, destinado a adolescentes de 12 a 17 anos. Ambos promovem momentos socioeducativos e de bolsas de incentivo que ajudam no sustento das famílias.

“Nós, enquanto equipes, vi-

mos que aqui, em Picuí, há um índice muito alto de crianças e adolescentes em situação de trabalho infantil na questão de pegar frete na feira livre, que funciona aos sábados pela manhã. Por isso, pensamos em trazer os ensaios da Banprós, que é a banda dos projetos e serviços de convivência, para esse horário. Porque, como os usuários gostam muito da banda, gostam muito de tocar, gostam muito de dançar, nós vimos e tentamos essa estratégia. Funcionou com dois usuários a princípio: Yuri e Carlos Eduardo. Os dois estavam todos os sábados pela manhã pegando frete na feira. A partir do momento que nós mudamos os horários, eles pararam de ir à feira e passaram a participar do serviço de convivência, dos ensaios da banda”, lembra Eva Maria Dantas, coordenadora do Cras.

Parte da estratégia também abrange a conscientização da população, especialmente no mês de junho, quando ocorre a mobilização nacional de combate ao trabalho infantil. A rejeição do público, no entanto, persiste. “Essa é uma das campanhas que nós recebemos mais críticas. As pessoas naturalizam muito o trabalho infantil. Muitas vezes, mesmo a gente priorizando falar sobre as piores formas de trabalho infantil, sobre os mitos e verdades do trabalho infantil, a gente encontra muita resistência”, afirma.

Por isso, o município adotou uma abordagem mais educativa. As equipes, agora, enfatizam possibilidades legais de inserção no mercado de trabalho, como o Jovem Aprendiz. A proposta é incentivar a interação social das crianças e adolescentes atendidos e estimular o desenvolvimento de um projeto de vida para cada um.

“A gente tem feito um processo também de profissionalização, por meio de um outro projeto que desenvolvemos no município, que é o projeto Jovem de Futuro. Ele atende adolescentes de 14 a 17 anos e tem como foco cursos profissionalizantes e projetos de vida. Durante um ano, os adolescentes recebem uma bolsa e a gente leva essa perspectiva do mundo do trabalho, de fortalecer e potencializar, juntar os adolescentes, para ter uma visão futura de profissão, de universidade, de carreira”, destaca.

■  
 Na Paraíba, só no primeiro trimestre de 2025, o Disque 155 recebeu 74 novas denúncias de jovens na força de trabalho

## Feira de Oportunidades reúne instituições

Outra iniciativa é a realização da Feira de Oportunidades, que reúne instituições parceiras e apresenta os serviços oferecidos à juventude. “É o momento de os adolescentes do município visualizarem as políticas públicas voltadas para eles, a exemplo do ID Jovem. Para isso, a gente conta, para além dos projetos da Secretaria de Assistência Social e da prefeitura, com parceiros como o Senac, que faz a confecção de currículos para esses adolescentes e uma série de outras atividades que são realizadas”, elen-

ca Eva Maria Dantas. Apesar disso, ainda existe uma cultura muito forte que vê o trabalho infantil como algo positivo. A naturalização desse tipo de violência contribui para o número de subnotificações e a invisibilização de casos. Como afirma a secretária, trata-se de um problema em nível nacional.

“A dificuldade em identificar e denunciar situações de trabalho infantil existe não só em Picuí, mas é uma questão bem geral, porque infelizmente a sociedade ainda naturaliza muito essa questão.

As pérolas que a gente encontra, de que ‘é melhor trabalhar do que roubar’, ainda são muito presentes, por isso que a gente tem bastante dificuldade em trabalhar essa temática e identificar situações. Mas, mesmo assim, temos feito esse trabalho junto à rede de atendimento, escola, saúde, o sistema de garantia de direitos, para que a gente consiga, de fato, ter um trabalho mais efetivo com relação às situações de trabalho infantil. Mas eu acredito que essa é a maior dificuldade que a gente tem, essa na-

turalização que ainda se tem nos dias de hoje”, pontua.

### Denuncie

Casos de trabalho infantil podem ser denunciados de forma anônima por meio dos canais oficiais, como o Disque 100. A Secretaria de Estado dos Direitos Humanos (Sedh) também disponibiliza o Disque 155 para comunicar casos desse tipo em todos os 223 municípios paraibanos. Na capital, a população pode entrar em contato com o Ministério Público do Trabalho, no telefone 3612-3600.

# Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

## O túmulo vazio e o mundo cheio

No princípio era o Verbo. Agora só há o estrondo. As bombas caíram sobre a escola na manhã de domingo. Não era qualquer domingo. Era o domingo em que os sinos deveriam repicar anunciando que a morte fora vencida. Em vez disso, os sinos jaziam em silêncio, fundidos com o metal das esquinas, enquanto os estilhaços cantavam seu hino de aço e fogo. A escola fora atingida às sete horas e quinze minutos, horário em que as crianças costumavam pintar ovos de Páscoa com guache e algodão. Agora pintavam o chão de vermelho.

Os senhores da guerra chamaram aquilo de “erro de coordenadas”. Um acidente. Dano colateral. As palavras escorriam de suas bocas como óleo sobre água, cobrindo a superfície do horror sem jamais tocá-lo. Eles vestiam ternos escuros e gravatas discretas, mas seus olhos eram os mesmos de Caim perguntando se era o guarda do irmão. Sabiam o que haviam feito. Sabiam que havia crianças ali. Sabiam que era domingo. Sabiam que era Páscoa.

O túmulo onde Cristo jazera há dois mil anos permanece vazio. A pedra foi removida, os lençóis estão dobrados, os anjos sentam-se à espera. Mas Cristo não aparece. Não caminha pelos jardins. Não se deixa reconhecer no partir do pão. Em algum lugar entre o céu e a terra, entre a promessa e a realidade, ele parou. Deixou-se no meio do caminho e olhou para baixo. Viu as crianças estaceladas pelos estilhaços. Viu os pais cavando com as mãos nuas entre os blocos de concreto. Viu os senhores da guerra declarando luto oficial com o rosto grave enquanto seus generais preparavam o próximo ataque.

E então, talvez, ele tenha recuado.

Talvez tenha voltado ao sepulcro e sentado sobre a pedra, não porque não pudesse ressuscitar, mas porque não quisesse. Que mundo é este para onde ele voltaria? Que humanidade é esta que precisa de um salvador porque aprendeu a amar a morte? Os senhores da guerra rezam antes de apertar o gatilho. Beijam crucifixos antes de autorizar bombardeios. Invocam o nome de Deus enquanto despejam fósforo branco sobre bairros inteiros. E o que diria Cristo ao ressurgir diante deles? Que os ame? Que perdoe? Que entregue a outra face enquanto a face das crianças é reduzida a pó?

Não. Talvez ele prefira o túmulo. Talvez a pedra que os anjos removeram seja agora colocada de volta por sua própria mão. Talvez ele tenha decidido ficar ali, no silêncio do sepulcro, porque o silêncio do sepulcro ainda é menos hipócrita que os aleluias dos homens que matam.

A metáfora da ressurreição sempre foi uma metáfora sobre recomeço. Sobre a vida que insiste após a morte. Sobre o broto que rompe o solo depois do incêndio. Mas os senhores da guerra queimam o solo, envenenam a água, contaminam o ar. Não deixam broto algum. Não deixam recomeço. Queimam as escolas para que não haja aprendizado. Matam os médicos para que não haja cura. Destroem as igrejas para que não haja onde clamar. E, então, no domingo seguinte, posam para fotografias ao lado de Bíblias abertas.

Cristo, se existe, deve olhar para isso com uma tristeza infinita. Deve pensar que seu sacrifício foi em vão. Que, dois mil anos depois, os homens continuam pregando-o na cruz a cada dia, em cada guerra, em cada bomba que carrega seu nome na ogiva. E, talvez, naquele domingo em que as crianças da escola foram reduzidas a números em um comunicado oficial, ele tenha tomado uma decisão: não voltará. Não enquanto os senhores da guerra usarem sua ressurreição como desculpa para a morte. Não enquanto o mundo preferir o estrondo ao Verbo. Não enquanto for mais fácil fabricar bombas do que fabricar perdão.

Resta-nos, então, acreditar no quê? Na pedra que permanece fechada? Nos lençóis que ninguém desdobrou? Na ausência que se tornou definitiva? Talvez reste acreditar naquilo que os senhores da guerra não conseguem destruir: a memória das crianças que morreram pintando ovos de Páscoa. A teimosia dos pais que cavam com as mãos. A recusa de uma avó que ainda acende uma vela no escombros. Não é muito. Não é a ressurreição prometida. Mas é o que há.

E Cristo, de dentro do túmulo onde decidiu ficar, olha para essa pequena chama e talvez reconheça ali algo que valha a pena. Não o mundo dos poderosos, não a hipocrisia dos que oram com a mão no gatilho. Mas esse pequeno gesto, quase nada, de quem se recusa a aceitar que a última palavra seja a bomba. Talvez por isso ele espere. Talvez aguarde o dia em que os senhores da guerra finalmente se cansem de matar, ou sejam varridos da terra como a praga que são. E, então, só então, ele sairá do túmulo.

Até lá, o túmulo está vazio. Mas não porque Cristo tenha ressuscitado. Porque ele se recusou a renascer neste mundo.



Foto: Carlos Rodrigo

# Jean Patrício da Silva

Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano

## “Pela primeira vez na história, nós estamos interiorizando as ações do IHGP”

Em entrevista, historiador traça um panorama sobre as atividades da instituição, perspectivas futuras, convênios e projetos

Carolina Oliveira  
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Advogado, militante, historiador e professor, Jean Patrício da Silva é doutor em Direito Constitucional pela Universidade de Brasília (UnB), sócio do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) há 12 anos e, há cinco, presidente da instituição. Também sócio do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e do Instituto Histórico Geográfico de Minas Gerais, ele acompanha e participa ativamente, à frente do IHGP, de um momento de renovação da instituição cultural mais antiga em atividade na Paraíba. Em entrevista ao jornal **A União**, o presidente do IHGP traça um panorama sobre as atividades do instituto e revela suas perspectivas futuras, apostando tanto na melhoria do espaço-sede – quanto em iniciativas de educação e interiorização, além dos convênios e projetos, como exposições e eventos.

### Entrevista

■ Para começar a nossa conversa sobre este instituto paraibano, queria pedir para o senhor falar um pouco sobre o IHGP. Quando ele surgiu?

O Instituto Histórico Geográfico Paraibano nasceu no dia 7 de setembro de 1905, fundado por um grupo de 51 intelectuais, tendo à frente, à época, o governador do Estado da Paraíba, Álvaro Machado. Em 1838, foi fundado o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, e, a partir desse ano, em outros estados da Federação, foi feito um movimento de surgimento de institutos históricos.

■ Qual é a função desses institutos históricos em nível estadual e em nível nacional?

Quando se tem a formação de um estado nacional, você precisa contar a história desse estado. Então a função precípua dos institutos históricos é preservar a memória, a história e também contar essa história. No caso do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, por exemplo, há uma revista que circula desde 1839 e, no caso da Paraíba, uma revista que nós vamos publicar o próximo número agora no meio do ano, que existe desde 1909. Então, respondendo efetivamente, você tem a função de preservar e também de contar, transmitir a história e a geografia do nosso estado. Nós temos, atualmente, no nosso acervo, 70 mil livros e documentos que contam um pouco da história da Paraíba e do Brasil.

■ As publicações fazem parte das atividades do IHGP e trazem um vasto conteúdo de pesquisa. Poderia nos contar um pouco mais sobre essa produção?

O instituto possui eixos de publicação. Primeiro, as publicações dos sócios: como uma casa especializada de estudos e pesquisas, tivemos como sócios vários intelectuais ao longo da história, historiadores, geógrafos, que produziram milhares de publicações nas suas respectivas áreas. Mas também, a gente tem a nossa revista desde 1909. Em 2022, por exemplo, lançamos uma revista com a Editora A União, inclusive, sobre os 200 anos da independência do Brasil na Paraíba, que teve uma repercussão muito positiva. Em 2025, lançamos, em parceria com a Secretaria Estadual de Cultura (Secult), um catálogo de obras raras, trazendo alguns documentos da história da Paraíba desde 1694 até a atualidade, e esse catálogo também conta um pouco da história da Paraíba e um pouco da história do Brasil. Nós temos outro

te elétrica e acessibilidade, o instituto vai ter agora um elevador, e nós vamos também trabalhar na parte hidráulica do prédio, então é um projeto no valor de R\$ 1 milhão. Nós já fizemos o pagamento de uma primeira parcela à construtora. É uma obra bem significativa. Nós somos auditados, esse projeto foi apresentado à Secult, o projeto passou pelo Iphaep, nós fizemos várias reuniões e, nesse momento, a Energisa está auditando a obra, além da Secult e os órgãos de controle, CGE e TCE. A construtora está fazendo a compra do telhado, vai ser a primeira intervenção. E a gente está com uma previsão de entregar essa obra no início de 2027.

■ Quais melhorias esta reforma deve trazer ao instituto e ao público?

Eu vejo, em um primeiro ponto, o incentivo que está sendo feito para revitalizar o Centro Histórico. O prédio é uma estrutura de destaque naquela região, e, a partir do momento que ele é reformado, você cria condições até para o ambiente mesmo, para novos negócios, comércio. Um outro ponto é a acessibilidade: a gente recebe muita gente ali no instituto; temos uma média de pesquisa muito grande, além das visitas com estudantes, e poderemos dar uma atenção melhor às pessoas. E o mais importante: nós temos um problema em relação ao acervo. Por enquanto, eu não tenho como, de certa forma, criar uma estrutura, até para o acondicionamento do acervo, porque, no prédio, sempre convivemos com a necessidade de fazer reparos, teto, goteira. Resolvido isso, a gente terá condições de melhor acomodar o nosso acervo, que é riquíssimo e está todo lá. É um projeto que vai dar uma mudança radical no prédio. Será a maior intervenção desde a época da inauguração.

■ Com isso, como muda o atendimento à população, às pessoas interessadas, pesquisadores? Como vai ser a recepção dessas pessoas ali a partir dessas melhorias?

Eu acredito que será a melhor possível, porque um dos pontos que a gente tá trabalhando é a questão da climatização. A ideia é que, com a parte elétrica do prédio após a reforma, a gente já vai poder climatizar toda estrutura, vamos deixar espaços para uma futura climatização.

■ O instituto tem o projeto IHGP Vai às Escolas, que tem uma proposta de levar a educação patrimonial à rede estadual de ensino. Esse projeto ainda está sendo executado, como ele funciona e quais têm sido os frutos dessa iniciativa?

Pela primeira vez na história, o Instituto Histórico Geográfico Paraibano será paraibano, no sentido que, pela primeira vez em muitos anos, nós estamos saindo da capital e interiorizando as ações do IHGP. Temos uma parceria com a Secult, e a contrapartida é fazer esse trabalho de educação patrimonial. Nós estamos atendendo escolas nos municípios de Uiraúna, Cajazeiras, Patos, Campina Grande, Guarabira e João Pessoa. A nossa meta é atender mais de dois mil alunos nas Escolas Cidadãs Integrais Técnicas (ECITs). Em 2021, o instituto atendia uma média de 350 a 400 pessoas por ano. Já no último exercício, nós pu-

lamos para mais de duas mil pessoas, chegando aos estudantes e capacitando também professores, com a educação patrimonial, discussões sobre gênero e diversidade, sobre o papel da mulher na sociedade, direitos humanos, entre outras temáticas. E os sócios trabalham efetivamente nesse projeto.

■ E, com esse salto qualitativo e quantitativo em recepção e chegada do trabalho do instituto à população, em sua avaliação, qual a importância de agregar esforços com a rede educacional numa iniciativa como essa?

Somos uma instituição tradicional, que tem 120 anos, mas que se renova. Hoje abordamos temas que são propostos pela Secretaria de Educação e adequamos este conteúdo para, com a equipe e a estrutura do Instituto Histórico, levá-los para esses estudantes. Então a receptividade tem sido muito boa, e a gente sempre ressalta aqui o trabalho do governador João Azevêdo e dos secretários da Cultura e da Educação. Essa é uma parceria muito interessante. Então a gente tem dado uma contribuição muito grande ao estado, seja na área de publicação, na área patrimonial ou na educação.

■ Quais outros projetos vêm sendo parte do planejamento do IHGP?

O que é que a gente consegue vislumbrar para o futuro da instituição? Algo que eu reconheço que a gente não conseguiu avançar muito: a questão da digitalização e criação de uma plataforma de pesquisa. O site do Instituto Histórico vem passando por uma mudança, e estamos atuando fortemente nas redes sociais. Está no nosso radar, estamos captando recursos, inclusive com um projeto que será apresentado à Secult, para digitalizar o acervo. Estamos muito focados no acesso e na parte estrutural. Estabilizando isso, o próximo passo será a digitalização e manter o trabalho de educação prática nas escolas. Eu acho fundamental isso: sair dos muros da instituição e ir realmente até os estudantes. Esse é, de todos os projetos, e nós temos vários, o que me é mais caro, mais interessante: levar o nome da instituição e a história para as pessoas.

■ O IHGP também está se preparando para, em breve, lançar uma exposição. Poderia comentar um pouco mais sobre esse projeto?

Nós vamos, em maio, lançar uma grande exposição com a Energisa Cultural, sobre a cidade de João Pessoa, onde a gente vai trazer um pouco do desenvolvimento da capital do estado entre as décadas de 1920 e 1950. O Instituto Histórico, pelo menos nos últimos 12 anos, pela primeira vez, realiza uma exposição, era um sonho que nós tínhamos. A Energisa, que está junto com o Governo da Paraíba patrocinando a reforma, nos exigiu uma contrapartida. Trata-se de uma exposição de quase dois meses, com QR Code, com acessibilidade e que é um marco. A gente nunca tinha feito isso, mas eu acredito que um próximo passo será intensificar essas exposições e levar essa documentação do instituto. Nós temos também uma exposição permanente de João Pessoa que está no Museu da História da Paraíba, vários

móveis, pinturas, que fazem parte do acervo do Instituto Histórico e que estão em comodato (empréstimo) à Secretaria de Cultura.

■ Quais são os convênios firmados pelo IHGP?

Nós temos hoje, em execução, o convênio com a Secult, da interiorização do instituto. E nós estamos também com esse da exposição, e também um termo de fomento com a Funjope. O IHGP é uma instituição privada sem fins lucrativos, e todas as emendas parlamentares que nós recebemos são feitas em termos de fomento, seja com a Secretaria Estadual de Cultura, ou a do município. Esses planos de trabalho são aprovados, e os recursos só são liberados quando há prestação de contas, tanto financeira como uma prestação das metas. É algo minucioso, com uma equipe de contadores que trabalha nisso. Mas temos convênios municipais e estaduais, como o que está permitindo a reforma.

■ Que outras novidades a sociedade paraibana pode esperar do IHGP?

No mês de novembro de 2025, eu estive no congresso dos Institutos Históricos Nacionais. E lancei uma proposta, numa reunião de trabalho com o Rio Grande do Sul e com Minas Gerais, para, em 2030, fazer um grande evento sobre a chamada “Revolução de 30”, unindo os três institutos, a nível nacional. Esse é um projeto grandioso, que requer uma captação alta de recursos. Esse evento é algo que está entre as nossas prioridades, como também a questão das plataformas. Com o fim da reforma, devemos focar nessa questão da digitalização do acervo.

■ Qual a importância desses esforços desempenhados no âmbito do instituto?

O primeiro ponto que eu vejo é a preservação da identidade e da história do estado. O acervo da instituição é algo de valor imensurável. Dos arquivos privados, é o maior da Paraíba e um dos maiores do Brasil. Em setembro, recebendo o título de sócio, eu estive na sede do instituto mineiro e o acervo deles era 10% do nosso. Para se ter ideia, uma outra instituição cultural muito forte aqui é a Academia Paraibana de Letras. O acervo da APL hoje é de 33 mil livros e documentos. Nós temos 70 mil, com documentos de 400 anos. Então é preservar não apenas a história do instituto, mas a história e a identidade da Paraíba. Um exemplo: o governador lançou recentemente, com o intuito de divulgar internacionalmente o estado, o livro bilíngue *Paraíba: muito além do sol e do mar*, e quando você observa as imagens que estão lá na parte histórica desta publicação – que escrevi enquanto historiador e presidente do Instituto Histórico –, são imagens coletadas no IHGP, onde também foi feita a pesquisa. É uma instituição que tem não só essa parte de preservação, mas pessoas que construíram a identidade, a história da Paraíba. Em 1922, nós tínhamos uma revista do centenário da independência – que foi, na época, feita pelo nosso presidente Flávio Maroja, que era vice-governador –, e ainda hoje é uma referência quando a gente fala da independência do Brasil na Paraíba.

## DATA ECUMÊNICA

# Páscoa une fé, cultura e renovação

*Diferentes tradições religiosas celebram e resgatam a memória, reafirmando valores como união e solidariedade*

Nalim Tavares  
nalimtavaresrdo@gmail.com

Para uma pessoa, poucos sentimentos são tão importantes quanto a esperança. Por acreditar em dias melhores, crê-se, também, que ser resiliente vale a pena. Desse modo, a fé deixa de ser um conceito imaterial e se transforma em ação concreta que ajuda a superar dificuldades. Independentemente das divergências doutrinárias, essa crença é uma constante simbólica da Páscoa — palavra que significa “passagem” —, arquetipo da renovação: período em que é incentivado o fortalecimento espiritual de uma comunidade promovendo a prática da compaixão, união e partilha.

Segundo Jeane Cavalcanti, doutora em Ciência das Religiões, na contemporaneidade, a Páscoa manifesta-se como um fenômeno híbrido, onde as dimensões religiosas, culturais e mercadológicas se misturam — uma característica das festividades que, ao longo da história, tornaram-se patrimônios culturais. “É importante perceber que, mesmo em sua face comercial, a data ainda preserva a função social de pausa e reunião, o que é vital para o equilíbrio mental em uma sociedade hiperconectada”, reflete a pesquisadora, que atua voltada, principalmente, para estudos na área de espiritualidade e saúde.

“Observo que esses rituais de passagem possuem um impacto direto no bem-estar emocional. A celebração comunitária, as caminhadas religiosas e o próprio encontro familiar ao redor da mesa funcionam como suportes psicossociais, fortalecendo vínculos e promovendo uma sensação de pertencimento e esperança, elementos essenciais para a saúde do indivíduo”, afirma a especialista.

### Libertação

Ainda de acordo com Jeane, a gênese da Páscoa precede o Cristianismo, encontrando raízes no Judaísmo, por meio da celebração do Pessach — festa da libertação, que comemora a saída dos hebreus da escravidão no Egito, rumo à autonomia na Terra Prometida. “Entre as vertentes cristãs, há distinções de ênfase: o Catolicismo preserva uma densa tradição de ritos, enquanto o protestantismo e o pentecostalismo tendem a privilegiar a dimensão da salvação e a experiência individual de fé”, explica. Enquanto, no Judaísmo, o Pessach é uma exaltação da liberdade e da identidade nacional, no cristianis-

mo, a data é o ápice do calendário litúrgico, representando a vitória sobre a finitude. Em ambos os casos, esclarece Jeane, a ideia de superação é central — seja a transição da servidão para a liberdade ou da morte para a vida eterna.

### Tradição judaica

Para o presidente da Federação Israelita da Paraíba, Hugo Borges, o Pessach é uma celebração ligada à memória. “De geração em geração, temos a obrigação de lembrar que fomos escravos no Egito, até que Deus nos deu liberdade, para não estimular nem concordar com qualquer tipo de opressão”, afirma. Também conhecido como a “festa dos pães ázimos”, o Pessach dura oito dias fora de Israel e sete no país. Nesse período, é proibido consumir alimentos fermentados, como bolachas e macarrão, além de cereais como trigo, cevada, aveia, centeio e espelta, que fermentam em contato com água.

Hugo explica que a tradição remonta o Êxodo, descrito na Bíblia, quando o pão não teve tempo para levedar, dada a pressa com que os hebreus saíram do Egito junto a Moisés. O presidente também lembra que, neste ano, a Semana da Cultura Judaica — uma inicia-

tiva que celebra a herança, memória e identidade cultural dos judeus em João Pessoa — teve início no dia 30 de março e segue até o dia 8 de abril. O Pessach, em 2026, começa no dia 1º de abril.

“Uma associação entre o cristianismo e o Judaísmo é, justamente, a Santa Ceia”, comenta Hugo, explicando que a última refeição compartilhada por Jesus com os discípulos remete ao Seder, um jantar cerimonial judaico, realizado na primeira ou nas duas primeiras noites do Pessach. “Esse é um momento muito significativo, que representa mais do que um ponto de entendimento entre cristãos e judeus. É onde podemos ver que, apesar da fé e doutrina diferentes, Deus é o mesmo”, analisa.

### Catolicismo

Coordenador de liturgia da Arquidiocese da Paraíba, o padre Rafael Correia também faz uma associação entre as duas religiões. Segundo o livro do Êxodo, o povo de Israel foi libertado da escravidão no Egito: o sangue do cordeiro pascal, marcado nas portas, preservou os hebreus da morte e tornou-se sinal da aliança e da salvação de Deus. A celebração anual é um memorial

vivo dessa libertação, em que cada geração se reconhece participante. “Jesus celebra a ceia pascal com seus discípulos e, ao oferecer o pão e o vinho como seu Corpo e Sangue, inaugura a Nova Aliança. Sua morte e ressurreição são vistas pelos cristãos como o cumprimento definitivo da Páscoa judaica — Ele é o verdadeiro Cordeiro que tira o pecado do mundo”, afirma o sacerdote.

Na tradição católica romana, a Páscoa é o centro da vida litúrgica, celebrando a ressurreição de Cristo. O Tríduo Pascal começa na Quinta-Feira Santa, com a missa da Ceia do Senhor; na Sexta-Feira da Paixão, recorda-se a crucificação; e, no sábado à noite, a Vigília Pascal — que encontra o Domingo de Páscoa —, cujo marco é a ressurreição. Inserido na Semana Santa, o período reúne ritos que recordam os últimos dias de Jesus, como o Domingo de Ramos, o lava-pés e as procissões com imagens do Senhor morto e de Nossa Senhora das Dores. “As raízes dessas celebrações remontam o século IV. Em Jerusalém, já se faziam celebrações desses dias santos”, diz o padre, esclarecendo que “a Quaresma era marcada por intensa catequese diária, jejuns rigorosos e longa preparação dos catecúmenos; uma Semana Santa profundamente ligada aos lugares santos, com procissões e celebrações que acompanhavam passo a passo os eventos da Paixão de Cristo.”

Ele também explica que o tempo da Páscoa estende-se durante 50 dias, “período em que Cristo Ressuscitado ficou com seus discípulos,

reanimando a fé que havia se escandalizado com a cruz. O tempo da Páscoa culmina com o dia de Pentecostes — descida do Espírito Santo sobre a Igreja, que é encorajada a se espalhar pelo mundo anunciando o Evangelho”, clarifica.

### Orixás

Religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda, não celebram a Quaresma, pois possuem cosmogonias e calendários rituais próprios, baseados nos ciclos da natureza e nas obrigações aos orixás. Entretanto, para eles, o tempo marcado como a Páscoa também carrega significado e algumas casas podem adotar uma postura de mais recolhimento ou respeito ao período, especialmente por conta do contexto cultural do Brasil, conforme explica o Pai Geraldo de Oxóssi, da Casa de Iemanjá Dodé.

“Na Umbanda, não seguimos a Quaresma como no catolicismo, mas reconhecemos a Semana Santa como um período de grande força espiritual, de reflexão e renovação. Dentro da nossa tradição, entendemos que os orixás continuam atuando como forças divinas da natureza e da vida, nos guiando nesse processo de equilíbrio e crescimento”, expressa o Pai Geraldo. “Muitos de nós também fazem associações simbólicas, como a ligação de Oxalá com esse período, por representar a fé, a pureza e a conexão com o divino — valores que também são lembrados na Semana Santa. É um momento em que buscamos mais silêncio interior, rezas e prática da caridade, fortalecendo nossa ligação com os guias espirituais e com os orixás”, aponta ele. Ainda, em algumas casas tradicionais, acontece o ritual de Lorogun —, ou Olorogun — que, como exprime o Pai Geraldo, é um momento de resguardo da casa de axé.

A ialorixá Mãe Renilda Bezerra, presidente da Federação Independente dos Cultos Afro-Brasileiros do Estado da Paraíba, comenta que, há muitos anos, o Olorogun era uma obrigação, realizada nos terreiros de Candomblé, devido ao sincretismo religioso — a fusão de diferentes doutrinas, dogmas e rituais, criando novas formas de expressão de fé. “Cobríamos imagens com tecidos roxos, fazíamos oferendas de peixe aos orixás e também preparávamos comida de peixe para os filhos de santo. Mas, hoje, muitos terreiros não sincretizam mais, inclusive o meu”. Embora não haja nenhuma proibição alimentícia, ela conta que, no Candomblé, toda sexta-feira é sagrada, devido a Oxalá. “É o dia do nosso branco, e dia de reverenciar a comida que é mais típica de oxalá, que é o peixe, o ovo. A gente come tudo o que é branco. Nas sextas-feiras, nossas comidas também têm pouco sal, e algumas levam mel, para adoçar a vida da gente”.

De acordo com o Pai Geraldo, mais do que seguir um calendário específico, a Umbanda ensina que o mais importante é o que se pratica no dia a dia — um ponto de comum acordo, tendo em vista que o respeito pelo outro e o bem que se faz no cotidiano são valores ressaltados em todas as esferas da vida em sociedade, dentro ou fora de um lugar sagrado. “Mesmo diante da intolerância religiosa, seguimos com respeito, fé e compromisso com o bem, mostrando que todas as religiões podem dialogar e coexistir”, ele acredita.



*Judaísmo, cristianismo e religiões de matriz africana aproveitam o período para compartilhar símbolos de libertação, vida e transformação*

Montagem: Lucas Nóbrega

## ENSINO INFANTIL

## Métodos alternativos ganham espaço

Escolas adotam metodologias como Waldorf e Freinet, priorizando autonomia, criatividade e desenvolvimento integral

Samantha Pimentel  
samanthahuniao@gmail.com

A educação, sobretudo na infância, é fundamental para a formação e o desenvolvimento do ser humano. Aprender as primeiras letras, construindo habilidades cognitivas e intelectuais são aspectos que impactam por toda a vida. Nesse contexto, além dos assuntos abordados nas disciplinas, a metodologia utilizada também exerce papel essencial. Para além do modelo tradicional — marcado por conteúdos regulares, atividades e avaliações mais rígidas —, as pedagogias alternativas vêm ganhando espaço no debate educacional e sendo cada vez mais experimentadas no processo educativo. Em João Pessoa, algumas escolas oferecem propostas que priorizam a autonomia das crianças e o desenvolvimento integral dos alunos como sujeitos ativos no processo de ensino e aprendizagem.

Uma dessas instituições é a Escola Filhos do Sol, que atua há nove anos com a Pedagogia Waldorf, uma abordagem centenária, cujo princípio formativo é o desenvolvimento humano, organizado, metodologicamente, em ciclos de sete anos.

No primeiro ciclo, as crianças aprendem principalmente por imitação, necessitando de acolhimento e nutrição afetiva, geralmente associada ao ambiente familiar. Por isso, nas escolas Waldorf, durante essa fase, a professora assume uma postura mais maternal. Nesse momento, portanto, o aprendizado ocorre por meio do brincar e os espaços são organizados para se assemelham a um ambiente doméstico. A proposta também

estimula a autonomia, o cuidado com o espaço e a realização de atividades práticas, com foco no desenvolvimento da consciência de si, das relações e do ambiente.

De acordo com a diretora pedagógica Stefanie Esteves Salgueiro, quando as crianças são privadas do direito de brincar e submetidas, precocemente, a um sistema de cobranças por resultados — com provas, trabalhos e excesso de atividades —, podem desenvolver ansiedade e ter a criatividade prejudicada.

No segundo ciclo, dos sete aos 14 anos, inicia-se um contato mais estruturado com conteúdos disciplinares, como leitura, Matemática, História e Geografia. No Ensino Fundamental I, por exemplo, o dia começa com atividades rítmicas que envolvem música e movimento, relacionadas aos conteúdos estudados, ou com práticas na horta. Em seguida, ocorrem a aula principal, o lanche, o momento no parque e as atividades complementares.

Na Pedagogia Waldorf, os conteúdos são organizados em intervalos temporais chamados de “épocas”, períodos de cerca de 21 dias dedicados à imersão em um determinado tema disciplinar de uma área do conhecimento, como Língua Portuguesa. Ao longo do ano, as épocas alternam-se, seguindo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mas com uma abordagem diferenciada.

Além das disciplinas tradicionais, os alunos têm aulas de música, atividades manuais — como tricô, crochê e ponto-cruz —, Educação Física e Inglês. Há ainda propostas específicas, como aulas de circo no 6º ano e de xadrez no 5º e no 6º ano.



Nas escolas Waldorf, durante o primeiro ciclo, a professora assume uma postura mais maternal, o aprendizado ocorre por meio do brincar e as salas são baseadas no espaço doméstico

A presença da arte é considerada essencial no processo de aprendizagem. Até o 5º ano, não há provas formais, a avaliação é qualitativa e leva em conta aspectos como participação, engajamento, tarefas e desenvolvimento ao longo do tempo.

Apesar dos benefícios apontados, o modelo ainda enfrenta resistência. De acordo com Stefanie, cerca de 80% das famílias da escola não são de João Pessoa e procuram a instituição por já conhecerem a metodologia. Ela destaca que ainda há uma cultura voltada para resultados imediatos, em detrimento do processo de aprendizagem, o que exige das famílias uma desconstrução de concepções tradicionais de educação.

## Bem Viver

Outra instituição da capital paraibana que adota uma proposta alternativa é a Escola do Bem Viver, baseada na metodologia de Célestin Freinet, educador popular com ideias próximas às de Paulo Freire. Nessa abordagem, os interesses das crianças orientam o processo de aprendizagem. Por exemplo, ao escolherem estudar árvores, os alunos exploram o tema de forma interdisciplinar, relacionando-o a áreas como Ciências, Geografia e Matemática. A escola também promove aulas-passeio, possibilitando experiências fora da sala de aula.

O ambiente escolar é construído de forma coletiva, com acordos de convivência

definidos junto aos alunos e assembleias para discutir o funcionamento da escola. As turmas vão até o 5º ano do Ensino Fundamental, com no máximo 10 estudantes por sala. A avaliação é contabilizada mediante conceitos, do A ao D, e não por meio da forma numérica presente nas provas tradicionais. Além disso, a escola trabalha temas como respeito à diversidade, antirracismo, questões de gênero, povos originários e desigualdades sociais.

Segundo a gestora Ana Paula Ferreira de Melo, a proposta ainda enfrenta baixa procura por se tratar de uma educação libertadora, que reconhece a criança como sujeito crítico e participante do próprio processo de aprendi-

zagem. Ela relata que algumas famílias chegam a matricular os filhos, mas optam por retirá-los posteriormente por não se identificarem com o método.

A escola também incentiva a participação da comunidade no processo educativo. Pais e responsáveis podem contribuir com projetos, compartilhando seus conhecimentos com os alunos. Em um exemplo recente, um pai que é arquiteto participou de uma atividade sobre construção de edifícios, tema de interesse das crianças. Nesse modelo, os professores atuam como mediadores, estimulando o protagonismo dos estudantes e a construção coletiva do conhecimento.

## Professores e família acreditam nas filosofias educativas aplicadas

A professora Shirley Albino, da Escola Filhos do Sol, atua com a Pedagogia Waldorf há quatro anos. Ela já conhecia a proposta, inicialmente buscada para o filho, e, após uma transição de carreira, formou-se em Pedagogia e tornou-se educadora. Atualmente, trabalha conteúdos de Matemática a partir de histórias construídas com os alunos. “Criamos uma fazenda onde eles plantam, colhem e vivenciam situações em que a matemática aparece de forma prática, como calcular quantos trabalhadores são necessários para semear”, explica.

Também professora da escola, Danielle Sales está há três anos na instituição. Natural de São Paulo, ela atuou anteriormente em escolas tradicionais e afirma que buscou a mudança após se sentir insatisfeita com modelos mais rígidos. “Via crianças sem espaço para criar, com excesso de conteúdo e famílias cobrando resultados muito cedo. Conheci a Waldorf na universidade, tive a oportunidade de trabalhar com a metodologia e me identifiquei”, relata.

O engenheiro Max Neri,

pai de dois alunos, conheceu a proposta por meio da esposa e afirma que se identificou com a metodologia. Para ele, diante das transformações do mundo do trabalho, uma formação baseada em habilidades humanas é essencial.



**A criança tem liberdade para ser criança, desenvolvendo não só o intelectual, mas também o motor e a criatividade**

Rudá Amorim Lucena

Já a estudante Lara Lopes, de 12 anos, destaca o ambiente escolar: “A turma é muito unida. Gosto do parque, de brincar na areia e de estudar geometria”, conta.

Na Escola do Bem Viver, a professora Danielle Sales também relata sobre a sua adaptação com os princípios educativos utilizados na escola, após deixar de lecionar em instituições que utilizam métodos de ensino tradicionais. “Aqui me encontrei. É uma pedagogia libertadora, que coloca a criança como protagonista. Foi desafiador no início, mas é gratificante acompanhar o desenvolvimento” o apoio das famílias que constroem coletivamente o ambiente educacional.

O professor Rudá Amorim Lucena, pai de um ex-aluno da Escola do Bem Viver, avalia que o modelo favorece uma formação mais ampla. “A criança tem liberdade para ser criança, desenvolvendo não só o intelectual, mas também o motor e a criatividade e a expressão artística. É uma formação completa”, ressalta.

## Educação acompanha as demandas e as transformações da sociedade

A educação acompanha as transformações da sociedade e se adapta às novas demandas, como explica a pedagoga e psicopedagoga Patrícia Vasconcelos. Segundo ela, modelos mais tradicionais já atenderam a necessidades específicas do passado, enquanto hoje há uma busca por abordagens mais dinâmicas. “Escola e sociedade caminham lado a lado, e a educação precisa responder a essas mudanças”, afirma.

Patrícia destaca que, apesar das diferentes metodologias, todas as instituições devem seguir normas legais estabelecidas, como a BNCC e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). A partir dessas diretrizes, cada escola desenvolve seu Projeto Político Pedagógico (PPP), definindo como aplicar conteúdos e métodos de ensino.

Com a crescente valorização de habilidades socioemocionais, novas propostas pedagógicas vêm ganhando espaço, como o

ensino por projetos e modelos mais participativos. Ainda assim, essas abordagens variam conforme a etapa de ensino. Na Educação Infantil, há maior diversidade metodológica, enquanto no Ensino Médio o foco costuma ser a preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Outro fator importante é o avanço da inclusão, que tem ampliado a presença de alunos com diferentes necessidades, exigindo adaptações nas escolas, desde a estrutura física até as práticas pedagógicas. “O objetivo é formar o estudante como indivíduo, sem deixar de atender às exigências de conteúdo”, ressalta.

Sobre a escolha do modelo educacional, Patrícia afirma que não há uma opção melhor ou pior, mas, sim, aquela que mais se alinha aos valores e objetivos de cada família. “Existem escolas com foco religioso, outras voltadas para vestibulares e também aquelas que priorizam

a construção coletiva do conhecimento. Essa escolha influencia diretamente na formação e na forma como o indivíduo compreende o mundo”, conclui.



**O objetivo é formar o estudante como indivíduo, sem deixar de atender às exigências de conteúdo**

Patrícia Vasconcelos

ARTES MARCIAIS

# Autodefesa atrai mulheres ao tatame

Na capital, academias de jiu-jítsu e krav maga reúnem adeptas que buscam prevenir e reagir a situações de risco

Camila Monteiro  
 milabmonteiro@gmail.com

Em 2025, o Brasil registrou 1.568 vítimas de feminicídio, uma alta de 4,7% em relação ao ano anterior. Conforme os dados divulgados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a partir do levantamento *Retrato dos Feminicídios no Brasil*, 36 desses crimes ocorreram na Paraíba. Diante do crescimento de casos de violência contra a mulher, não é difícil encontrar paraibanas que buscam as artes marciais como ferramentas de auto-defesa, confiança e autoestima. Em academias e centros de treinamento, modalidades como jiu-jítsu e *krav maga* têm atraído pessoas que, para além da saúde física, querem conseguir defender-se de situações de risco.

A reportagem do jornal **A União** acompanhou uma aula de jiu-jítsu em uma academia localizada no bairro do Bessa, e foi possível perceber que a maioria dos participantes eram mulheres. A arte marcial envolve contato físico, técnicas de alavanca e imobilização, o que permite que pessoas com menos força consigam neutralizar adversários maiores.

Para os professores Wesley Lucas e Marcell Pessoa, a luta também contribui para mudar a postura diante de cenários de possível agressão. “Em muitos casos de violên-



Fotos: Roberto Guedes

Para o professor Marcell Pessoa, a modalidade prepara alunas para se proteger de gestos agressivos, como socos e pegadas de pulso

cia, existe um sentimento de [a vítima] ‘travar’ mediante o toque de terceiros, impossibilitando-a de reagir. O jiu-jítsu ajuda nessa questão, tira essa sensação de estar impossibilitado, de sentir-se paralisado e vulnerável diante daquela situação”, explica Marcell.

A estudante de Psicologia Larissa Ramos pratica jiu-jítsu há três anos e diz ter conseguido superar algumas inseguranças ao longo das aulas. “Eu tinha um certo trauma: se alguém segurasse meus braços, eu entrava em desespero. Quando surgiu a tur-

ma, resolvi enfrentar esse desafio”, lembra.

Com o tempo, o receio deu lugar à confiança. Hoje, Larissa afirma ter percebido mudanças significativas no amor-próprio e na forma como encara situações do cotidiano. “A questão da autoestima mudou muito. Eu me sinto mais empoderada. Sei me defender e isso me faz muito mais confiante, até fora do tatame”, conta.

Essa mudança de atitude é observada com frequência entre os professores. Segundo Wesley, de fato, o treinamen-

to frequente ajuda a desenvolver autoconfiança e postura, fatores que podem influenciar até mesmo na prevenção de agressões. “Quando a pessoa treina, sua postura muda. A mulher passa a demonstrar mais confiança, e isso pode fazer com que o agressor deixe de enxergá-la como uma vítima fácil”, avalia. Marcell acrescenta que a modalidade prepara as alunas para reagir e se livrar de gestos agressivos, como socos, pegadas de pulso, puxões de cabelo e tentativas de imobilizá-las ou atirá-las ao chão.

A característica mais conhecida do jiu-jítsu é, justamente, o uso da técnica — principalmente da alavanca — em vez da força. Conforme Wesley, essa é uma das razões pelas quais a prática é tão eficaz para as mulheres. “O jiu-jítsu brasileiro foi adaptado para que pessoas menores consigam lutar contra adversários maiores. A gente usa o peso e o movimento do oponente contra ele mesmo. Muitas vezes, o peso, que parecia uma vantagem para o agressor, acaba se tornando uma desvantagem”, pontua.



“**O jiu-jítsu brasileiro foi adaptado para que pessoas menores consigam lutar contra adversários maiores**”

Wesley Lucas

Por isso, o professor faz questão de que, nas suas aulas, mulheres e homens treinem juntos, para que elas vejam que é possível vencer pessoas mais altas e mais fortes, utilizando as técnicas da maneira correta. “Quando você luta com homens mais pesados, ganha a confiança de que você é suficiente para se defender”.

## Bem-estar e autoconfiança são outros ganhos

Apesar dos benefícios de treinos mistos, como apontou Wesley Lucas, muitas mulheres ainda sentem insegurança em fazer aulas com homens. Foi para solucionar essa questão que a professora Mag Lucena resolveu criar, em uma academia do bairro de Manaíra, turmas de jiu-jítsu exclusivas para mulheres.

A atleta faixa-preta recorda que, em 2024, algumas amigas demonstraram interesse em aderir ao esporte, mas apresentavam esse receio. “Iniciei aulas particulares para três mulheres e, em menos de dois meses, a turma cresceu para cerca de 15 alunas, levando à oficialização do treino femini-

no na academia”, destacou Mag, apontando que a iniciativa foi uma das pioneiras do tipo em João Pessoa.

A professora explica que sua motivação também foi a de compartilhar as inúmeras vantagens do esporte que ela pratica há mais de 15 anos. Segundo Mag, a disciplina, o autocontrole, a sensação de bem-estar e o empoderamento são alguns dos benefícios do jiu-jítsu, além das aptidões em autodefesa.

“As mulheres procuraram o jiu-jítsu como meio de atividade física, por ser um esporte dinâmico, que requer força, resistência, mobilidade e que proporciona emagrecimento, mas, principalmente,

como forma de defesa contra alguma agressão, considerando que trabalhamos inúmeras técnicas de imobilizações, com as quais conseguimos neutralizar e aplicar golpes em oponentes maiores e mais pesados que nós mesmas”.

Diante de tantos pontos positivos, Mag afirma que as mudanças visíveis nas suas alunas são drásticas. Melhoras na autoestima, na forma de caminhar e de se posicionar, de manter a calma sob pressão e ter a capacidade de enfrentar desafios com mais tranquilidade. “Tudo que ensinamos e aprendemos no tatame acaba refletindo em todas as áreas da vida”, defende Mag.

A professora deixa, por

fim, um recado para as mulheres que temem aderir à prática de alguma arte marcial: “Conheçam, experimentem! Se toda mulher tivesse noção dos benefícios que o jiu-jítsu nos proporciona e do quanto precisamos saber de defesa pessoal, já teriam começado a treinar na infância. Façam uma aula experimental e provem pessoalmente desse esporte maravilhoso, que não apenas transforma, mas também salva vidas!”.



“**Se toda mulher tivesse noção dos benefícios do jiu-jítsu e do quanto precisamos saber de defesa pessoal, teriam começado a treinar na infância**”

Mag Lucena

## Treinamento aguça estado de alerta no cotidiano

Para o professor de defesa pessoal Luís Alberto de Aguiar, as artes marciais podem mesmo ser uma porta de entrada importante para quem deseja aprender a se proteger. No entanto, ele ressalta que a defesa pessoal vai além do esporte.

“O esporte pode ser o início do treinamento, porque desenvolve movimentação e condicionamento. Mas, depois de um tempo, o ideal é migrar para a defesa pessoal”, explica Luís Alberto, complementando que as artes marciais tradicionais passaram por modificações para que as pessoas pudessem praticar e competir sem se machucar — ou seja, normas foram criadas para moldar essas atividades. “Para defesa pessoal pura, só existe o *krav maga*; as demais modalidades marciais sempre incluem algum tipo de regra. Na defesa pessoal, tudo é permitido — colocar um dedo no olho, atingir a região genital masculina etc.”, comenta o especialista.

Um dos principais ensinamentos desse outro tipo de treinamento, de acordo com Luís Alberto, é o chamado “estado de alerta”, que permite que os praticantes estejam mais atentos ao que se passa ao seu redor e, dessa forma, consigam antecipar uma reação. Entre as orientações de prevenção que o professor destaca, especialmente para as mulheres, estão mudanças simples no comportamento cotidiano. “Evitar usar celular ou fones de ouvido enquanto se caminha na rua, além de prestar atenção ao ambien-

te e reconhecer sinais de perigo, são atitudes que podem ajudar a prevenir situações de violência”, pontua.

### Empoderamento

Érika Andrade, de 55 anos, pratica artes marciais desde 2021. A vontade de aprender vem desde a infância, mas, mais do que um sonho de criança, a decisão de investir nesse tipo de esporte foi reforçada após ela se tornar mãe, em uma sociedade de riscos constantes de violência de gênero.

Assim, a oportunidade de Érika iniciar o aprendizado nessa seara surgiu quando sua filha entrou para uma turma de caratê. “Comecei nas aulas de caratê e, com o passar dos anos, me interessei pela defesa pessoal”, relata. Essa mudança fez com que ela aprendesse a lidar com situações reais de perigo contra quaisquer tipos de agressão. “Isso me trouxe empoderamento e autonomia, e eu queria passar esse sentimento para a minha filha”, ressaltou.

Segundo Érika, o treinamento em defesa pessoal também a ajuda a fortalecer o autocontrole em contextos de ameaça iminente, a “desenvolver o estado de alerta sem ficar ansiosa, além da gestão do medo, para não paralisar frente a um perigo”. Para ela, a transformação é, antes de tudo, emocional, pois as praticantes desenvolvem autoconfiança, o que possibilita evitar conflitos, mas também a capacidade de neutralizar as tentativas de violência.



Fotos: Carlos Rodrigo

Estabelecimento em Manaíra mantém turmas exclusivas para o público feminino

## ANIMAIS SILVESTRES

## Reabilitação mobiliza espaços em JP

Tanto a Bica como o Aquário Paraíba recebem bichos resgatados para cuidar de sua plena recuperação

Camila Monteiro  
milabmonteiro@gmail.com

Muito além do lazer, zoológicos e aquários exercem um papel essencial na conservação da fauna, na pesquisa científica e na educação ambiental. Na Paraíba, instituições como o Aquário Paraíba e o Parque Zoológico Arruda Câmara — a Bica —, em João Pessoa, integram uma rede de proteção e têm, entre suas frentes de atuação, a reabilitação de animais silvestres.

A aproximação entre população e biodiversidade é estratégica para a preservação. Afinal, como proteger aquilo que não se conhece? Nesse contexto, animais resgatados deixam de ser apenas indivíduos em recuperação e passam a auxiliar nas atividades de educação ambiental, ajudando a sensibilizar a sociedade sobre a importância da conservação.

Grande parte desses animais chega a essas instituições por meio de ações do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) e do Batalhão de Polícia Ambiental (BPMA). Esses órgãos atuam na linha de frente do combate aos crimes ambientais, realizando apreensões, resgates e fiscalizações, além de promover ações educativas voltadas à preservação da fauna.

### Triagem

O primeiro destino da



Foto: Evandro Pereira

Dirigido por Emmanuel Lopes, estabelecimento situado na Praia do Seixas mantém um centro especificamente dedicado ao tratamento de espécies marinhas, que podem chegar até de outros estados — como o pinguim recolhido após encalhar em Alagoas



maioria dos animais são os Centros de Triagem de Animais Silvestres (Cetas), estruturas mantidas pelo Ibama. Atualmente, existem 25 unidades no Brasil. Na Paraíba, há um Cetas em Cabedelo, mantido em regime de gestão compartilhada com a Sudema, por meio de um acordo de cooperação técnica firmado em 2021.

Nesses centros, os bichos passam por uma série de etapas técnicas, que incluem identificação, ava-

liação clínica, tratamento e reabilitação. “Os animais são acompanhados por médicos veterinários, biólogos e demais profissionais que participam das etapas da recuperação, respeitando as peculiaridades de cada grupo e espécie”, pontua Alexandre Mendonça, chefe do centro no estado.

Segundo Leandro Silvestre, chefe da Divisão de Fauna (Difau) da Sudema, em 2024, cerca de 1.700 animais foram recebidos no Cetas.

Desses, mais de 961 passaram por processos de reabilitação, sendo devolvidos à natureza ou encaminhados para instituições autorizadas, como zoológicos e criadouros legalizados. Já de 2025 até o início deste ano, aproximadamente, 645 animais foram destinados após triagem.

É a partir desse fluxo que entram atores como o Aquário Paraíba e a Bica. Contudo, é importante frisar que esses espaços não admitem bichos entregues por pes-

soas físicas. “A princípio, os animais devem ser enviados diretamente para o Cetas, uma vez que instituições como o Aquário e a Bica não estão autorizadas a realizar tais recebimentos diretamente pela população ou por demais instituições, sem que tenham sido triados pelo Ibama”, explica Alexandre.

### Polícia

Antes de o Cetas ser acionado, o BPMA tem um pa-

pel fundamental nessa rede, executando o resgate dos bichos. “Eles estão na linha de frente, lidando com situações diversas: animais feridos, vítimas de tráfico ou em risco”, afirma o médico-veterinário da Bica, Thiago Nery.

Além disso, informações coletadas no momento do resgate ajudam a orientar o tratamento. Saber a origem do animal e as condições em que ele foi encontrado, por exemplo, faz diferença no processo de recuperação.

## Comunicação com autoridades é essencial para o sucesso das ações

Na Bica, de fato, o trabalho vai muito além da exposição de animais. Segundo Thiago Nery, o espaço cumpre um papel estratégico. “A principal função do zoológico é dar um abrigo, um ambiente para esses animais que não podem voltar para a natureza, por diversos fatores — como animais amputados, com problemas comportamentais, que são dóceis demais ou até que não possuem local adequado para soltura”, detalha.

Ele ressalta que, embora a reabilitação não seja a função principal dos zoológicos, a participação nesse processo é inevitável. “A gente tem o Cetas e a Sudema, que fazem a triagem e a reabilitação como finalidade central, mas o zoológico atua como suporte. Temos várias frentes de atuação na reabilitação, desde animais idosos, acidentados ou fragilizados por sempre filhotes, por exemplo”. O médico-veterinário frisa que a troca de informações entre as entidades envolvidas é essencial para o sucesso da reabilitação, pois cada animal tem suas peculiaridades e é a soma do conhecimento de diversas instituições que garante o êxito do processo.

O perfil dos bichos recebidos na Bica varia ao longo

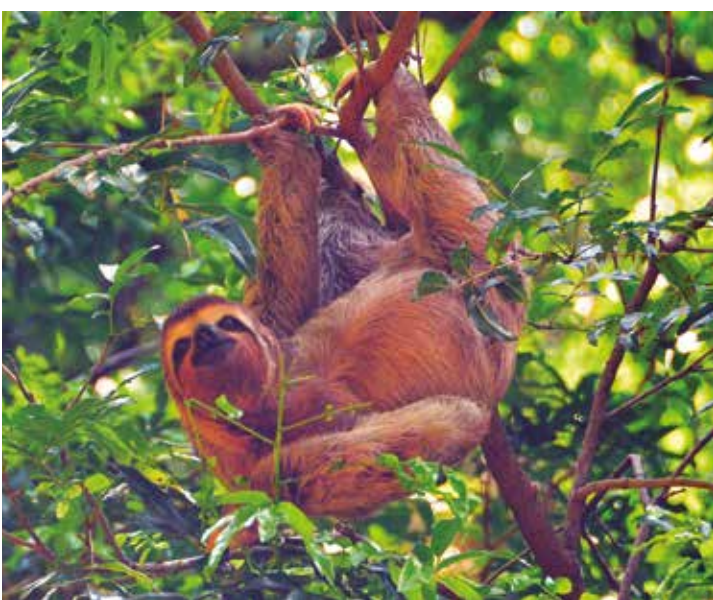


Foto: Reide Teixeira/Secom-JP

A preguiça está entre as espécies mais comuns que a Bica ampara

do ano, mas Thiago destaca o papel do parque, principalmente, na reabilitação de filhotes de répteis terrestres e de preguiças, entre outras espécies. “A maioria chega aqui porque perdeu a mãe e foi vítima de atropelamentos, choques em rede elétrica ou outras ações humanas. Sem assistência, esses animais acabam não sobrevivendo”, pontua. Também são frequentes os casos de espécimes mutilados ou vítimas do tráfico ilegal.

Conforme o médico-veterinário, há, na Bica, muitos indivíduos fisicamente saudáveis, mas com problemas comportamentais. São animais que passaram tempo demais em contato com

humanos e não conseguem mais retornar à natureza. Mas, apesar das dificuldades, o objetivo principal é sempre a reintrodução na natureza, como salienta Thiago. “A princípio, trabalhamos para que os animais sejam reintroduzidos. Temos recintos que não são de visitação pública, exatamente para tentar essa adaptação, para ensinar o animal a caçar, a se defender, que também é importante”.

Após essa etapa, a decisão final sobre a destinação de cada espécime cabe aos órgãos ambientais, que avaliam se o animal está apto à soltura ou se deve ser encaminhado para outra instituição.

## Processo inclui terapias, controle de alimentação e tanque aquático

Assim como a Bica, o Aquário Paraíba mantém uma contribuição relevante na conservação de espécies ameaçadas. Muitos dos animais silvestres que se encontram lá foram vítimas do tráfico e de maus-tratos. Apesar do nome, o espaço — situado na Praia do Seixas — abriga atualmente, em seu anexo, diversas espécies, não apenas marinhas, embora essas sejam seu maior foco.

De acordo com o diretor do estabelecimento, Emmanuel Lopes, a maioria dos animais chegam por meio do BPMA, da Sudema ou do Ibama. Em alguns casos, vêm até de outros estados, como ocorreu com um pinguim que havia encalhado em Alagoas. Para Emmanuel, o papel principal do aquário é sócio-ambiental. “Nós não atuamos apenas no setor turístico. Trabalhamos com preservação, além da educação ambiental”.

O Centro de Reabilitação de Espécies Marinhas (Ceram), mantido no espaço, recebe, principalmente, tartarugas-marinhas. Segundo o médico-veterinário Audísio Alves, que presta consultoria ao local, os casos mais comuns estão relacionados à ingestão de lixo, especialmente plástico, além de infecções e acidentes com embarcações, o que faz com que

os bichos cheguem bem debilitados. Recebidos no Cerem, eles passam por estabilização clínica, antes de um tratamento de recuperação que pode incluir o uso de antibióticos, fluidoterapia, suplementação vitamínica e controle da alimentação.

Para tratar animais marinhas é necessário um suporte específico. O Aquário Paraíba conta com grandes tanques de água salgada, coletada diretamente do mar, onde os espécimes são monitorados e estimulados a retomar comportamentos naturais. Estratégias como esconder comida ou criar obstáculos ajudam a ativar habilidades fundamentais para a sobrevivência deles na natureza. Conforme Audísio, esses desafios são essenciais para o avanço da reabilitação. “Precisamos en-

tender se o animal consegue submergir e se alimentar sozinho. Escondemos comida no recinto, para que ele possa caçar, por exemplo”, explica o especialista.

Como descreve Audísio, o processo de reabilitação é minucioso. Para que o animal chegue ao ponto em que pode ser solto, há várias etapas a serem cumpridas e é preciso certificar-se de que ele tenha todas as condições necessárias para sobreviver na natureza, sem o auxílio de humanos. Um dos casos atualmente acompanhados pela equipe do aquário é o de uma tartaruga-marinha com atrofia nos membros anteriores, além de dificuldade de flutuação. Após tratamento intensivo, ela tem apresentado evolução positiva, evidenciando a importância do trabalho especializado.



Foto: Evandro Pereira

Tartaruga-marinha passa por readaptação no Cerem

## MEMÓRIA

# Muito além dos versos

Esmejoano Lincol  
esmejoanolincol@hotmail.com

Durante parte de sua vida, o poeta popular Raimundo Luiz do Nascimento viveu em municípios do Ceará e do Rio de Janeiro, mas nunca abandonou suas raízes paraibanas. Tanto que em seu apelido artístico — Raimundo Santa Helena — está assinalado o nome de sua cidade, situada no Sertão do estado. O centenário de seu nascimento, celebrado amanhã, evidencia o seu legado como cordelista (talento materializado em mais de 300 folhetos) e ativista cultural, assinalando, ainda, um de suas maiores heranças: a Feira de São Cristóvão, tradição fluminense criada em 1945, idealizada ao lado de outros conterrâneos.

Os primeiros anos da vida de Santa Helena, contados pelo próprio em algumas de suas obras, tem lances dramáticos. No início do século 20, seu pai, que também se chamava Raimundo, foi o fundador do distrito de Cantão do Feijão, região quase na divisa com o Ceará, que viria a se tornar, em 1961, o município de Santa Helena. O pioneiro teria sido morto durante a invasão de Lampião à cidade: o cangaceiro viu que aquele homem “com a espada na mão, era intocável”, conforme indicou no relato. Sua mãe, Rosinha, defendeu ele e seus dois irmãos com um ferro de passar roupa, escondendo o poeta recém-nascido numa moita.

Sem o patriarca e sem os bens da família — roubados por um fazendeiro vizinho que arrematou mas não pagou lotes de terra de Raimundo —, Rosinha e sua prole peregrinaram por várias cidades nordestinas em busca de melhores condições de vida, encontrando, ao invés disso, mais desafios.

“Ao meio-dia de 31-12-1937, sem tostão, num velho trem de madeira, fugi de casa para matar Lampião. Mas tive de trabalhar duramente no Ceará, para sobreviver e sustentar minha mãe”. Da labuta como empregado doméstico à lida no mar: começou, então, a acalentar o sonho de ingressar na Marinha, por meio da Escola de Aprendizes do Ceará.

A Segunda Grande Guerra, em vias de acabar, mas ainda em voga, não foi suficiente para capturar toda a atenção do paraibano: a poesia popular, absorvida por meio da observação e da leitura de outros cantadores nordestinos, o tomou de assalto. Ele exercitava seus versos autorais na idas e vindas em alto mar, durante o teste prático da Marinha — nesse processo, chegou a ter a prisão decretada por um oficial, revoltado ao ver que Santa Helena havia escondido um poema, escrito em papel higiênico, no meio de um sanduíche. Outro superior o libertou com uma boa notícia — havia sido aprovado em primeiro lugar no curso para marinheiro.

Mas a poesia venceu: em 1945, ao desembarcar, condecorado, no Rio de Janeiro, decidiu fixar morada, formar família e dar vazão ao talento como autor. Em território fluminense, ao lado do mestre Azulão e de outros nordestinos que migraram para o Sudeste em

*Raimundo Santa Helena, cordelista paraibano, completaria 100 anos amanhã: ele quis enfrentar Lampião e ajudou a criar a Feira de São Cristóvão*



Raimundo Santa Helena publicou mais de 300 folhetos de cordel

busca de postos de trabalho e espaços para divulgar sua arte, fundou a Feira de São Cristóvão (hoje o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas). “Era tudo no chão, na esteira, para vender jerimum, redes, cachaça. O pessoal vinha atraído pela propaganda de rádio, chegava atrás de emprego e não achava nada”, disse Santa Helena em entrevista para O Globo em 2011.

### Igual tatu

Em seus folhetos, Raimundo Santa Helena compartilhava não apenas suas duras vivências no Sertão e na Marinha: ele aproveitava o ensejo para divulgar, ainda, suas visões sociopolíticas. Um de seus textos mais populares é a *Cartilha do povo*, datado de 1982. Às vésperas da redemocratização brasileira, o cordelista tratava, nesse livreto, de temas que seguem orbitando o cenário nacional, como o imperialismo dos EUA e a escala de trabalho vigente:

“Do progresso brasileiro / O povão não usufrui / Embora com seu suor / É o que mais contribui / Mas num regímen que suga / O honesto que madruga / Nada que preste possui”.

Em *Guerra de Canudos*, que veio a público um ano antes, ele abordou a disputa desigual entre as forças policiais e aqueles que resistiram, sob o comando de Antônio Conselheiro: “No Nordeste brasileiro / Que explodiu em Canudos / Na combustão da miséria / Nos corpos semidesnudos / Quando balas de canhão / Trituravam no sertão / Esqueletos cabeludos”. Em 2001, parte de sua obra foi reunida na antologia *Cordel: Raimundo Santa Helena*, organizada pela editora Hedra, com texto de apresentação de Braulio Tavares. “Eu não sei caro leitor / A tua opinião / Mas eu não faço pesquisa / Sou poeta do sertão”, assinalou na contracapa.

Quando faleceu em 2018, aos 92 anos, vivia no estado de Pernambuco com a esposa, Yara, e seu acervo. Partiram com apenas dois meses de diferença — ela primeiro, ele depois. “Embora vivendo distante geograficamente, jamais deixei de estar presente, já que eles nunca quiseram mudar-se para junto de mim. E olha que implorei e até montei um apartamento para eles. Respeitei a decisão, mas nunca os abandonei”, contou a filha Ynah de Souza Nascimento, num relato pessoal em seu blog, na internet. Em 2019, o acervo material de sua biblioteca — inclusive os seus folhetos — foram doados à Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

Duas décadas antes de sua morte, o Raimundo que quis desafiar Lampião, mas foi impedido pela fome, tornou-se personagem principal do documentário *De repente Santa Helena*, dirigido por Isabel Ramalho; o filme está disponível no site Porta Curtas. “Vo-

cês entrevistam o cordelista, o poeta, o escritor. Mas, no final, eu termino sendo um nordestino, que, com o eu disse antes, é igual a

O poeta viveu seus últimos dias em Pernambuco

tatu: se cavar um buraco aqui, a gente rasga o chão e sai ali”, brincou, em depoimento.

Imagem: Tônio

Foto: Arquivo pessoal

## Artigo

Estevam Dedalus  
Sociólogo | Colaborador

## A puia e a moral infantil

A puia é um desafio, uma brincadeira, julgo eu, essencialmente nordestina, lúdico à bravura e à destreza, lançado num grupo de crianças. Não sei sua origem. Tenho larga experiência nesse jogo, sem momento certo para começar. Bastavam algumas crianças reunidas e um menino corajoso o bastante para pronunciar as palavras mágicas: “A puia é... subir no alto desta árvore de castanhola” ou “Macaquear de uma extremidade a outra pendurado no galho”, para crescer, nesse mesmo instante, um turbilhão, indecifrável, dentro da gente!

Todas as pessoas do grupo mobilizavam-se para o desafio; não havia como ignorá-lo ou fugir. Às vezes, tínhamos que saltar por cima de buracos largos e profundos, escalar paredes íngremes, “pegar bigú” em caminhões — isto é, agarrar-se à carroceria do carro em movimento —, andar em cima de um muro alto, pingue-lar calçadas de bicicleta, comer quantidade excessiva de alimento, nadar certa distância e cruzar o quarteirão fazendo embaixadinhas — sem deixar a bola cair no chão.

Havia uma regra tácita de que oponente da prova fosse o primeiro a realizá-la. Difícilmente não conseguia, é verdade, imprimindo uma pressão tamanha sobre os demais. Nesses momentos, parecíamos Atlas carregando o mundo sobre os ombros, mas com a cruel possibilidade de sermos esmagados. O menino que não se saía bem, tinha que ouvir chis-

tes, provocações e gritos repetidos de “Tá empuiado! Tá empuiado! Tá empuiado!”.

Naturalmente ninguém desejava ser “empuiado”. Tratava-se, antes de qualquer coisa, de uma questão de honra. Já que a ação prodigiosa desencadeava efeitos sobre as outras crianças que passavam a ver quem o realizasse com respeito e admiração. Essa imagem refletiria-se no “eu” e na autoestima da pessoa em questão.

Por outro lado, o fracasso nas puias tendia a resultar em efeitos inversamente negativos. Caso acontecesse de alguém ser sucessivamente “empuiado”, tal pessoa tornaria-se socialmente desacreditada. Isso era muito mau, porque, em novas puias, a pressão sobre ela aumentaria, e o grupo já daria como inevitável o novo fracasso. As crianças riam, soltavam pilhérias, desestabilizavam ainda mais uma pessoa tomada pelo medo e assombrada por fracassos anteriores. Parecia inexorável não ouvir novamente as palavras da humilhação: “Tá empuiado! Tá empuiado! Tá empuiado!”.

O sociólogo canadense Erving Goffman dizia que, em diferentes círculos sociais, existiria entendimento sobre até onde é permitido ir para salvar a fachada, ou seja, nossa imagem socialmente aprovada. No caso das crianças e da brincadeira de puia, admitia-se arriscar a própria vida. O termo fachada pode ser traduzido como a “imagem do eu” socialmen-

te aprovada, a maneira positiva como as pessoas nos percebem e como nos projetamos para elas. Os indivíduos a assumiriam em contatos de interação face a face. Ela não seria eterna ou natural, mas uma construção social que deve ser compreendida dentro de uma lógica relacional, com o detalhe de que, em algum momento da vida, numa conversa informal, por exemplo, pode ser ameaçada e até desabar, o que redefiniria as avaliações positivas sobre nosso caráter moral.

Todavia, o indivíduo terá que demonstrar respeito próprio, abrindo mão de determinados comportamentos. O que lhe força a agir de maneira mais congruente com as expectativas sociais. A adoção de uma fachada implicará que outros deverão produzir ações baseadas nela e que indivíduos passem a controlar suas manifestações expressivas, garantindo que uma *ordem expressiva* particular seja mantida. De modo prático, diz Goffman, quando agimos por causa de uma espécie de obrigação pessoal, exercitamos o nosso orgulho.

É interessante perceber que, em determinadas idades, as crianças já possuem internalizados padrões morais e se veem donas de uma fachada. Analisar como as brincadeiras são formas de socialização importantes para a aquisição de sentimentos morais é algo que tentarei discutir noutro texto.

## Estética e Existência

Klebber Maux Dias  
klebmaux@gmail.com | Colaborador

## Dialética do medo e da esperança

A condição humana apresenta uma dualidade de afetos que estruturam as funções emocionais do indivíduo. Nesse processo, residem o medo e a esperança. O medo — enquanto instinto de preservação — orienta o ser humano para os perigos e para a vulnerabilidade da existência. A esperança, como projeção de um desejo em um futuro possível, impulsiona a ação, a resiliência e a busca por um projeto de vida melhor. Diante disso, a maturidade existencial está no equilíbrio dinâmico entre a prudência e o impulso vital da expectativa.

Para o filósofo holandês Baruch Spinoza (1632–1677), em sua obra *Ética*, publicada em 1677, o medo e a esperança são afetos inseparáveis. Eles originam-se da dúvida e da imaginação humana. O pensador afirma, na parte 3 desse livro — na demonstração da Proposição 50 —, que “não há esperança sem medo, nem medo sem esperança”. Essa tese espinosana sugere que a esperança só pode surgir na presença da possibilidade de um resultado indesejado, o que, por sua vez, gera temor. Inversamente, o medo pressupõe a existência de algo que se deseja preservar ou conquistar, o que impulsiona a esperança de que o pior não ocorra e de que o bem desejado se concretize.

O escritor, historiador e filósofo iluminista francês François-Marie Arouet (1694–1778), conhecido como Voltaire, descreve a esperança — em seu *Dicionário filosófico* (1764) — como um “alimento da alma, ao qual se mistura sempre o veneno do medo”. A metáfora indica que a esperança — desprovida de qualquer senso de realidade ou de risco — pode tornar-se uma ilusão paralisante ou uma fonte de desilusão. O medo atua como um contrapeso que impede que a esperança se transforme em negação dos fatos ou em otimismo ingênuo. Juntos, Espinosa e Voltaire estabelecem a interdependência entre essas duas forças diante do desconhecido e da complexidade da vida.

A tradição estoica, representada pelo filósofo romano Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C.–65 d.C.), via na conexão entre medo e esperança um ciclo de sofrimento. Para Sêneca, ambos os sentimentos pertencem a uma pulsão ansiosa, que se recusa a habitar o pre-



João Guimarães Rosa: fadiga da fé no futuro expressa em Grande Sertão: Veredas

sente. Em suas *Cartas a Lucílio*, ele argumenta que “deixarás de ter medo se deixares de ter esperança”. Nesse estoicismo, a esperança é uma forma de escravidão ao futuro: ao projetar desejos, anseios e expectativas em eventos que estão além do controle humano, as pessoas tornam-se vulneráveis ao medo de sua não realização, à frustração e à dor. Uma das soluções para esse mal-estar está no domínio do autocontrole, buscando uma ataraxia — isto é, uma serenidade imperturbável, caracterizada pela ausência de perturbações emocionais — que transcendenda a oscilação angustiante entre essas tensões, libertando o indivíduo das amarras da expectativa e do temor constante.

O filósofo alemão Ernst Bloch (1885–1977) resgatou a esperança, elevando-a a um princípio ontológico e revolucionário. Em sua obra *O princípio esperança* (1954), ele a define como o “não-ainda-consciente”, isto é, uma força motriz que reside na essência do ser humano e da história. Para Bloch, a esperança é um afeto ativo que identifica possibilidades latentes na realidade, impulsinando a ação humana para transformá-la. É essa esperança ativa que permite às pessoas transcenderem o medo da estagnação, da opressão e da desesperança, agindo sobre o mundo de forma propositiva para construir um futuro possível.

Na literatura brasileira, o médico, diplomata, escritor e poeta João Guimarães Rosa (1908–1967), em seu livro *Grande Sertão: Veredas* (1956), afirma, por meio da voz de seu personagem-narrador Riobaldo, que “viver é muito perigoso”. Ao considerar esse mal-estar, pode-se concluir que o medo é uma dimensão constitutiva da vida e de suas incertezas. Nessa dinâmica, diante de perigos e desafios, a coragem e a esperança manifestam-se como a capacidade de seguir adiante, de lutar e de sonhar apesar do medo. Em um momento de reflexão e exaustão, Riobaldo desabafa: “Tinha era cansaço de esperança”. Nessa frase, o personagem expressa a fadiga da expectativa e da fé no futuro, em meio às adversidades do Sertão. Quando o medo orienta as ações humanas e o individualismo prevalece, a sociedade deteriora-se em egoísmo. Em contraposição, a esperança surge como uma força capaz de restaurar a dignidade humana.

Sinta-se convidado à audição do 562º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 5 das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5 ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei algumas peças de temática sinfônica, popular e erudita que tratam da esperança e da dignidade humana.

Kubitschek  
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Pedra de  
responça

Fui bater em Ingá, para rever a Pedra, 30 anos depois. Dessa vez, a estrada me pareceu longe — a última vez que fomos lá, foi com o cineasta Torquato Joel, que me chamou para declamar umas falas, um poema para um curta, e não me lembro de quase nada: eu estava de preto e ele com uma câmara na mão. A pedra vivia o tempo da “modernidade”.

A Pedra de Ingá não tem mais aquela visibilidade, as inscrições rupestres, os signos se apagando, mas agora tem um cercado, e ninguém mais sabe onde canta o sabiá, só seu Vavá da Luz, que fala pelos cotovelos e é a permanência da cultura daquele lugar. Vavá cuida da pedra e do museu.

Bem antes, falava-se que ao conhecer as riquezas arqueológicas da Pedra do Ingá aprenderíamos a valorizar, a cuidar e preservar. A Paraíba e seus problemas. Mas isso foi antes.

As inscrições rupestres possuíam uma excepcionalidade, chamava a atenção, tanto em relação à sua forma e imagens utilizadas quanto à sua complexidade e execução de sua vasta petrografia. O som da água do Rio Ingá, que corta o sítio arqueológico, lembra uma seresta, um espelho, sem Narciso por perto — um som que parece um riacho sangrando.

Na Praça Antenor Navarro, centro de Ingá, cercada pelo coreto, igrejas e botecos, ninguém, sequer nas casas, ninguém quis falar sobre a situação da pedra, alguns até disseram que é o tempo, “com o tempo tudo se acaba, senhor”.

Os casarões de Ingá aumentam a sensação, a glória de lugares por onde passei. Na verdade, somos proteicos, mas não abdicamos das ilusões que nos rodeiam. Paramos para um café e esqueci que traçava ali o apanhar de nenhuma tristeza, demasiado ventre que pariu a Pedra de Ingá, e esqueceu do velho cartão-postal.

Na estrada, ouvíamos Jim Harrison, adorável monstro que nenhuma amadilha apanhou. Tudo verde, nada azul. Da janela do carro, a 100 por hora, os arvoredos se deixavam se ver, apesar da guerra contra tudo e todos, as árvores resistem cada vez mais distantes uma das outras.

Jim Harrison saiu, culpa da frequência do Spotify. Veio o rádio, que ainda se amplia junto ao múltiplo desejo de ouvir canções, o noticiário jamais. Por incrível que não pareça, a sintonia foi bater numa rádio chamada Senado. Tá ligado?

Atravessarmos lugarejos no movimento da voz de Cássia Eller, que cantava que tava com um cara que carimba postais e que por descuido abriu a carta que voltou. Seguimos.

Depois veio Vandrê, cantando “Se a tristeza chegar” e já estávamos na estrada que passa pelo cemitério de carros, das profundezas do tempo sem códigos. Os versos do Vandrê parecem um alerta: “De só trabalhar (e trabalhar) / pra depois dormir (depois acordar) / e trabalhar (só trabalhar) / se você quiser, se você lembrar”.

Eu não quero esquecer da Pedra de Ingá. Quando me perguntarem e ninguém vai querer saber sobre a pedra, eu nem vou lembrar que escrevi sobre seus desenhos desbotados, questionando o desgosto sobre um movimento na escrita da natureza, que até hoje ninguém decifrou ou foi devorado.

Sim. Ninguém estava lá para tirar uma *selfie* na pedra, ainda bem.

## Kapetadas

- 1 – O amor não, mas o plástico é para sempre.
- 2 – O idiota completo, desde que bem embalado, vira gênio da raça.



Foto: Arquivo pessoal

“Nem vou lembrar que escrevi sobre seus desenhos desbotados”

# Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

## Recursos federais beneficiarão o Nudoc

O Informe APC da Academia Paraibana de Cinema trouxe nesta semana a confirmação da emenda parlamentar do deputado federal Luiz Albuquerque Couto apoiando o Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A medida visa fortalecer atividades institucionais, técnicas, acadêmicas e estruturantes.

Conforme argumenta o próprio deputado, “a indicação dos recursos ora formalizada reafirma o nosso compromisso do mandato com o fortalecimento da universidade pública, da educação superior de qualidade, da preservação da memória, da produção cultural, do audiovisual, como também do apoio a iniciativas voltadas para a valorização do nosso patrimônio documental e cinematográfico”.

No seu comunicado ao professor João de Lima Gomes, coordenador do Nudoc, o deputado Luiz Couto reconhece o valor do trabalho que se vem realizando na direção do núcleo, renovando sua disposição de colaborar no que for necessário. O deputado solicita também à direção do Nudoc que sejam adotadas as medidas administrativas adequadas ao encaminhamento e execução dos recursos, que somam o total de R\$ 100 mil, dentro



Foto: Arquivo pessoal

O colunista João de Lima Gomes, nos arquivos da Fundação Casa de José Américo

das normas técnicas, orçamentárias e institucionais.

De bom grado, vejo a iniciativa do parlamentar paraibano naquilo que diz respeito à “preservação da memória audiovisual”. Preocupação essa que se irmana às que tantas vezes ressaltai aqui mesmo na nossa coluna de *A União* e por outros meios de comunicação social. E um detalhe: quando fui a Brasília fazer o meu mestrado, o prof. Luiz Couto chefiava o Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN) da UFPB, sendo quem mais me motivou a fazer a pós-graduação. Nessa época, eu integrava

o Departamento de Comunicação Social, exercendo assessoria de imprensa, mas já ensinava a disciplina Focine no Decom.

Recentemente, o Ministério da Cultura (MinC) anunciou investimentos destinados à memória e preservação do audiovisual, para fortalecer o setor em diferentes regiões do país. O que nos faz crer na importância do trabalho feito na Paraíba, na manutenção de cineclubes e implantação do acervo digital do Cinema Paraibano. — Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso *blog*: [www.alex santos.com.br](http://www.alex santos.com.br).

# Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

[hildebertopoesia@gmail.com](mailto:hildebertopoesia@gmail.com)

## A lagarta e o cuscuz

Literatura infantil, não creio que isso exista. No meu purismo epistemológico e na minha estética radical, a literatura (e outra arte qualquer) dispensa a vestimenta dos atributos na sua ontologia singular. O que importa, pelo menos para mim, nesse terreno movediço, é o cuidado com a palavra, o tratamento especial pelo qual passa, para daí florir e comportar todos os sentidos na configuração da semântica. O cheiro, o tato, o paladar, o som e a visão, tudo misturado na clareira da estesia.

Aprecio sobretudo os textos que respeitam a fina sensibilidade e a inesperada inteligência da criança. *Criança também é gente*, eis o título de um livrinho saboroso, de Léa Lerner. Ou seja, criança sente, pensa, interpreta as coisas a seu jeito próprio, elastecendo a compreensão dos fatos e das emoções. Com elas, aprende-se muito.

Não fazê-las de idiotas, portanto, parece-me um mandamento fundamental. O compromisso com os valores humanos, o elemento lúdico, o critério da imaginação e da fantasia, enfim, a pavimentação do poético, devem, sim, lastrear a composição da escrita e das ilustrações, sem, contudo, instrumentalizá-los. Não é a boa nem a má intenção que garantem a literariedade.

Lendo as paraibanas Rosinete Flor, em *Era uma vez, Berenice* (São Paulo: Lux, 2024), e Lizziane Azevedo, em *Um cuscuz arretado* (Campina Grande: Papel da Palavra, 2025), sinto que ambas e cada uma, a seu modo peculiar de lidar com os vocábulos e de captar os sinais do mundo, têm plena consciência do processo de criação.

Rosinete Flor investe no universo da floresta e faz de uma simpática lagartinha a protagonista da história. Do círculo estreito do casulo para a liberdade do mundo, o bichinho faz a sua trajetória cheia de altos e baixos, sinalizando, no entanto, para as mudanças essenciais do percurso — quer no plano real, quer na dimensão simbólica. O motivo da solidariedade pontua o texto do começo ao fim, sem que o dispositivo da didática ou do moralismo contamine o recado da função poética.

Não li o seu primeiro livro, *A fada ao contrário*, e vejo que a autora como que se inscreve nos tópicos tradicionais, no entanto, ousando, dentro de seus limites e condições, reinventar o seu legado.

Lizziane Azevedo, diferentemente, traça um roteiro mais próximo e ambienta sua história na zona rural, donde surgem ingredientes típicos de um modo de ser, de uma cultura particular e de uma linguagem específica em que o recorte regional se alia à magia do poético. Kiu, Lino e o avô são os três personagens em cena, submetidos ao imperativo da seca. O açude, a botija e o cuscuz, “arretado”, sim, como que formam o cenário e movimentam o enredo.

Diz Lino: “Kiu, vô tá tão fraquinho! Tá secando junto com o açude”. Para superar o drama da seca e a doença do avô, o narrador afirma que “Kiu e Lino plantaram os joelhos no chão e lançaram sementes de oração no coração da noite. Deus as colheria orvalhadas de lágrimas”. Verdade, eis uma prolepse que ilumina o texto, criando expectativa e esperança.

O melhor da escrita de Lizziane reside na seleção dos símbolos e no apelo mágico que eles podem oferecer. O cuscuz, que se transmuta em água e, com essa água, enche o açude e cura o avô, nos remete para a força cósmica dos elementos, para a energia dos fenômenos naturais, que o pensamento de um Gaston Bachelard, por exemplo, eleva ao estatuto do sagrado. É forte a empatia para com seu lócus originário. Digamos que brota dos emblemas da terra a singela poesia de seus nutrientes.

Da escritora já li os haicais de *Panapaná* e percebi seu talento face à tessitura do poema curto de linhagem oriental, embora, na sua voz, fizesse ecoar os sons típicos da alma brasileira. Nesse *Um cuscuz arretado*, a mesma temperatura lírica permanece, revelando uma sensibilidade humana capaz de se converter em sensibilidade estética.

De outra parte, se Edilza Florêncio e Juliana Aline enriquecem o tecido verbal na fábula de Rosinete Flor, Flaw Mendes e Vitória Emilly, por sua vez, reforçam o prazer literário de ler o livro de Lizziane Azevedo. Em ambos, deparei-me com a literatura, na sua genuína expressão. Uma literatura que serve aos de 6 e aos de 90. Isso me basta!



## APC promove debate sobre *Menino de engenho*

A Academia Paraibana de Cinema (APC) reuniu nesta semana membros de sua diretoria para indicar e discutir a realização de *Menino de engenho*, obra dirigida por Walter Lima Jr. O debate aconteceu no Cine Mirabeau, no bairro do Bessa, oportunidade na qual foi lembrada a participação do ator Sávio Rolim (Carlinhos), falecido recentemente aos 72 anos de idade.

O prof. João de Lima Gomes, presidente da APC, juntamente com o vice-presidente Mirabeau Dias, conduziram o debate, que faz parte do programa da entidade para homenagear figuras importantes da cultura paraibana.

## TEATRO

# Tragicomédia estreia no Ednaldo do Egypto

Esmejoano Lincol  
[esmejoanolincol@hotmail.com](mailto:esmejoanolincol@hotmail.com)

Vivendo o luto e atolados em diversos problemas, sete filhos buscam, nos escritos da falecida matriarca, respostas para seus fracassos. Apesar da premissa dramática, o espetáculo *O diário da mamãe*, dirigido por Bento Júnior é uma comédia — o riso vem, justamente, das situações contraditórias geradas pela tragédia. A peça faz sua estreia hoje, às 20h, no Teatro Ednaldo do Egypto (em Manaíra, João Pessoa). Os ingressos custam de R\$ 40 (inteira) a R\$ 20 (meia) e são adquiridos por meio de contato pelo número (83) 99869-1195 (WhatsApp). Novas sessões acontecerão nos dias 12 e 19, no mesmo horário e local.

Os personagens principais não são identificados por nomes, mas por características subjetivas ou seus ofícios:

o Macumbeiro (Rosberg), o Evangélico (Fábio Gouveia), o Advogado (Nalldo Barbosa), a Maconheira (Thaís Madruga), a Analfabeta (Thamara Medeiros), o Agiota (Itamê Júnior) e o Homossexual (Raian Soares).

“Magnólia (Deyvilla) teve oito filhos. Um se dá bem, parte para outro empreendimento e outros sete permanecem. A inspiração veio de um alerta importante, a noção de que todos temos os nossos processos de desenvolvimento e, com isso, não devemos ficar às custas dos nossos familiares”, diz o diretor.

*O diário da mamãe* nasceu como atividade final de um curso de teatro oferecido no Centro Estadual de Arte (Cearte), também em João Pessoa. Após a realização de uma pré-estreia para um público limitado, em dezembro de 2025, no Teatro Lima Penante, o diretor sugeriu que

ele e os alunos dessem continuidade à empreitada, transformando o projeto em uma peça profissional.

Pessoense, Bento Júnior acumula quatro décadas de ofício dramaturgico, como diretor, autor e ator. Sua gênese foi no espetáculo *Circo sem pano*, sob a batuta do pernambucano Nilson Condé. Entre os outros títulos de sua carreira, estão *Os meninos da minha rua*, *No amor somos todos reacionários* e *Um dia se-rei Suzana*.

“Meus diretores de teatro foram Ednaldo do Egypto, Alarico Correia Neto, João Costa e Tarcísio Pereira. Depois, em 1991, fundei o grupo Circo sem Pano, com todas as montagens dirigidas por mim. Recebi das mãos do próprio Ariano Suassuna o direito de encenar *O auto da Compadecida*”, relembra.

Mesmo em se tratando de uma comédia, Bento apon-

ta que sua empreitada pode suscitar debates pertinentes junto ao público, propiciados pelo contato aparentemente desprezioso com o texto: manterem-se presos ao cordão umbilical de Magnólia impediu que eles buscassem alternativas para suas vidas.

“É um espetáculo que exhibe essa faceta social ao mesmo tempo que mostra seus personagens. O diário vai revelando quem é cada um. O importante é que, mesmo diante de todas essas contradições, aqueles irmãos se amam e se respeitam, no seu processo de afetividade, sensibilidade, aceitação”, conclui.

### ONDE:

■ TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, nº 284, Manaíra, João Pessoa).

Foto: Moisés Junior/Divulgação



Sete filhos lidando com a morte da matriarca e procurando a razão de seus fracassos é o tema do espetáculo *O diário da mamãe*

LITERATURA

# Livro é meditação sobre a memória

Manazuru, da japonesa Hiromi Kawakami, conta trama que faz ruir fronteira entre o real e o fantasioso

Eduardo Augusto  
Especial para A União

No romance *Manazuru*, que a Editora Estação Liberdade traz pela primeira vez ao Brasil, a escritora japonesa Hiromi Kawakami — conhecida por obras como *A Valise do professor* e *Quinquilharias Nakano* — entrega-nos uma narrativa que oscila entre o onírico e o cotidiano com a precisão de quem sabe que os grandes abismos se abrem nas pequenas frestas do dia a dia.

A trama acompanha Kei, uma mulher de meia-idade que, há anos, convive com o desaparecimento inexplicável do marido. Em Tóquio, sua rotina divide-se entre o cuidado com a filha e com a mãe, enquanto sua mente insiste em orbitar em torno da ausência que nunca lhe deu descanso. É num movimento ambíguo de fuga e atração que Kei embarca para Manazuru, uma cidade litorânea onde o limiar entre o real e o fantasmagórico começa a ruir.

O grande acerto de Kawakami está em não tratar o trauma como um evento a ser resolvido, mas como um estado de suspensão. A narração em primeira pessoa reflete essa condição:

fragmentada, entrecortada por pensamentos intrusivos, costurada como uma colcha de retalhos na qual a própria linguagem parece hesitar entre afirmar e duvidar. O leitor é convidado a habitar a mente de Kei, mergulhando em suas divagações, sentindo o peso de uma realidade que se torna cada vez mais permeável ao inexplicável.

A autora explora com delicadeza o conceito de *kamikakushi* — termo japonês que designa um “desaparecimento misterioso de causa divina”, presente em narrativas folclóricas e imortalizado por Hayao Miyazaki em *A Viagem de Chihiro*. Em *Manazuru*, contudo, o sobrenatural não se apresenta com a nitidez do fantástico; ele habita o terreno incerto da percepção.

A figura espectral que passa a seguir Kei na cidade pode ser lida tanto como um elemento sobrenatural genuíno quanto como uma projeção de sua psique em frangalhos. É nessa ambiguidade que a obra encontra sua força: a narrativa nunca oferece respostas definitivas, convidando à interpretação idiossincrática, tão fluida quanto o mar que banha Manazuru.

Se o enredo pode soar herméutico para quem busca uma estrutura linear, o estilo poético de Kawakami é o fio condutor que sustenta a experiência. Sua prosa, ao mesmo tempo contida e sensorial, extrai beleza dos momentos mais sombrios — e é justamente nesse contraste que emerge uma ternura silenciosa, quase inominável. As relações familiares, especialmente o vínculo entre Kei e sua filha, são tratadas com um olhar que evita o sentimentalismo fácil, preferindo a precisão cirúrgica dos gestos pequenos.

No entanto, é preciso reconhecer que *Manazuru* pode frustrar leitores habituados a romances psicológicos de resolução mais clara. A aposta na elipse, no não dito e na fragmentação narrativa exige paciência e entrega. Há momentos em que a prosa flerta com o excesso de abstração, deixando a sensação de que algumas camadas poderiam ser mais bem delineadas sem perder o mistério.

Ainda assim, trata-se de uma obra que se destaca no cenário literário contemporâneo por sua coragem em habitar zonas cinzentas. Kawakami não se interessa em decifrar o desaparecimento do marido; interessa-se, sim, pelo que esse desaparecimento faz com quem fica. *Manazuru* é,

antes de tudo, uma meditação sobre a memória e sobre os modos como o amor e a perda se reconfiguram no corpo de quem permanece. Ao final, a leitura não oferece um alívio catártico, mas algo talvez mais raro: a aceitação de que conviver com o incompleto também é uma forma de cura.



Foto: Divulgação/Estação Liberdade

Hiromi Kawakami aposta na elipse, no não dito e na fragmentação narrativa



Foto: Divulgação

## Em Cartaz

### Cinema

Programação de 2 a 8 de abril, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Guarabira.

\* Até o fechamento desta edição, não haviam divulgado suas programações: o Cine RT, em Remígio, e o Cine Vieira, em São Bento.

#### ESTREIAS

**BARBA ENSOPADA DE SANGUE.** Brasil, 2026. Dir.: Aly Muritiba. Elenco: Gabriel Leone, Thainá Duarte, Ricardo Blat. Suspense. Após a morte do pai, que conta do misterioso desaparecimento do avô, professor de natação busca respostas sobre o passado. 1h48. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 13h, 15h45, 18h30.

**A GRAÇA (La Grazia).** Itália, 2025. Dir.: Paolo Sorrentino. Elenco: Toni Servillo, Anna Ferzetti, Orlando Cinque. Drama. Presidente da Itália em final de mandato enfrenta dilemas morais. 2h12. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: dom., 5/4: 15h; sex., 10/4: 16h; ter., 14/4: 18h; qui., 16/4: 16h; qua., 22/4: 20h20; sáb., 25/4: 17h; seg., 27/4: 18h; qua., 29/4: 20h.

**LUMIÈRE! A AVENTURA CONTINUA (Lumière: l'aventure continue).** França, 2024. Documentário. Segunda coleção de curtas restaurados dos irmãos Lumière, pioneiros do cinema. 1h44. 10 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: ter., 7/4: 16h; dom., 12/4: 15h; seg., 13/4: 18h; sáb., 18/4: 17h; qui., 23/4: 16h; dom., 26/4: 17h; qua., 29/4: 18h10.

**NARCISO.** Brasil, 2026. Dir.: Jefferson De. Elenco: Arthur Ferreira, Seu Jorge, Juliana Alves. Drama. Menino tem desejo atendido por um gênio de ganhar uma família rica, mas começa a sentir saudade dos amigos. 1h30. Livre.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 5/4: 17h15; qua., 15/4: 20h20; sex., 17/4: 18h10; ter., 21/4: 18h10; qui., 23/4: 20h20; sáb., 25/4: 15h; seg., 27/4: 16h; qui., 30/4: 20h20.

**SUPER MARIO GALAXY: O FILME (The Super Mario Galaxy Movie).** Japão/EUA, 2026. Dir.: Aaron Horvath e Michael Jelenic. Comédia/aventura/animação. A dupla de encanadores Mario e Luigi enfrentam uma dupla que conspira para dominar o mundo. 1h38. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 15h, 17h15. CENTERPLEX MAG 3: dub.: 14h, 16h15, 18h30, 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h, 16h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 13h, 15h30, 18h, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 15h, 17h30, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 3D: 13h30, 16h, 18h30, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): qua.: 14h30, 17h, 19h30, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): dub.: 13h15, 15h45, 18h15, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 3D: 13h, 15h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h30, 16h, 18h30,

21h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h, 17h, 19h, 21h. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 3D: 15h30; 2D: 17h30, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 14h30, 16h30, 18h30, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 3D: 15h30; 2D: 17h30, 19h30. CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: 14h30, 16h30, 18h30, 20h30. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h, 17h, 19h, 21h. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 16h, 18h, 20h. CINE GUEDES 3: dub.: dom.: 3D: 15h10, 19h10; 2D: 17h10; seg., a qua.: 3D: 15h10, 19h10, 21h15; 2D: 17h10. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: dom.: 15h30, 18h10, 20h25; seg., a qua.: 3D: 15h15; 2D: 18h10, 20h25. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: dom.: 14h30, 16h50, 19h15; seg., a qua.: 2D: 16h45; 3D: 19h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 15h, 17h10, 19h20; seg., a qua.: 17h10, 19h20. CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 2D: 14h, 18h20; 3D: 16h10, 20h30; seg., a qua.: 2D: 15h45, 20h15; 3D: 18h.

**VERDADE & TRAIÇÃO (Truth & Treason).** Lituânia/EUA, 2025. Dir.: Matt Whitaker. Elenco: Ewan Horrocks, Rupert Evans, Ferdinand McKay. Drama. Adolescente forma um grupo de resistência contra os nazistas e é julgado pelo governo. 2h01. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 21h.

**A VIDA SECRETA DE MEUS TRÊS HOMENS.** Brasil, 2026. Dir.: Letícia Simões. Elenco: Nash Laila, Guga Patriota, Giordano Castro. Drama/fantasia. Três fantasmas do passado retornam para mostrar como o Brasil chegou ao que é hoje. 1h15. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: sex., 10/4: 18h15; ter., 13/4: 16h; qui., 16/4: 18h20; dom., 19/4: 15h; sex., 24/4: 18h10; ter., 28/4: 18h10.

**YES (Ken).** França/ Chipre/ Alemanha/ Israel, 2025. Direção: Nadav Lapid. Elenco: Ariel Bronz, Elfrat Dor, Naama Preis. Drama/comédia. Músico de jazz e dançarina vão compor um novo hino nacional. 2h30. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: dom., 5/4: 19h; qua., 8/4: 20h; ter., 14/4: 15h; sáb., 18/4: 19h; ter., 21/4: 20h; sex., 24/4: 20h; seg., 27/4: 20h20.

#### REAPRESENTAÇÃO

**BEN-HUR (Ben-Hur).** EUA, 1959. Dir.: William Wyler. Elenco: Charlton Heston, Stephen Boyd, Jack Hawkins, Haya Harareet, Hugh Griffith, Martha Scott. Aventura. Príncipe de Jerusalém é traído por amigo romano e enviado para escravidão, mas volta para se vingar. Vencedor de 11 Oscars, incluindo filme, direção e ator. 3h32. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: dom.: 19h30.

**CREPÚSCULO (Twilight).** EUA/ Reino Unido, 2008. Dir.: Catherine Hardwicke. Elenco: Kristen Stewart, Robert Pattinson, Taylor Lautner, Anna Kendrick. Romance/aventura. Jovem se apaixoa por um misterioso colega de classe que revela ser um vampiro. 2h02. 12 anos.

Patos: CINE GUEDES 2: dub.: dom.: 16h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 15h30.

**O DIÁRIO DE PILAR NA AMAZÔNIA.** Brasil, 2026. Dir.: Eduardo Vaisman e Rodrigo Van Der Put. Elenco: Lina Flor, Sophia Ataíde, Babu Santana, Marcelo Adnet. Aventura/infantil. Com uma rede mágica, menina viaja até a Amazônia e ajuda amiga ribeirinha a reconstruir sua comunidade. 1h30. 6 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): 12h.

**QUEENS OF THE DEAD (Queens of the Dead).** EUA, 2025. Dir.: Tina Romero. Elenco: Jaquel Pivey, Katy O'Brian, Quincy Dunn-Baker. Terror/comédia. Show de drag queens em Nova York é atacado por zumbis. 1h41. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dub.: qua., 8/4: 18h10; dom., 12/4: 17h; ter., 14/4: 20h20; sex., 17/4: 20h20; qua., 22/4: 16h; dom., 26/4: 19h; qui., 30/4: 16h.

**SÃO PAULO, SOCIEDADE ANÔNIMA** Brasil, 1965. Dir.: Luiz Sérgio Person. Elenco: Walmor Chagas, Eva Wilma, Otelo Zelsoni, Darlene Glória, Ana Esmeralda. Drama. Homem vive crise existencial enquanto lida com amores e a vida profissional em São Paulo. 1h47. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: ter., 7/4: 18h; sáb., 11/4: 17h; qua., 15/4: 18h10; dom., 19/4: 19h; qua., 22/4: 18h10; sáb., 25/4: 19h20; ter., 28/4: 16h; qui., 30/4: 18h10.

**A ÚLTIMA CEIA (The Last Supper).** EUA, 2025. Dir.: Mauro Borelli. Elenco: James Oliver Wheatley, Jamie Ward, James Faulkner. Drama/religioso. Jesus reúne seus discípulos para uma última ceia antes da crucificação. 1h54. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 15h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 13h, 15h40, 18h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h15. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 16h50. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 14h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h50.

**VALOR SENTIMENTAL (Affektionsverdi).** Noruega/ Alemanha/ Dinamarca/ França/ Suécia/ Reino Unido/ Turquia, 2025. Dir.: Joachim Trier. Elenco: Renate Reinsve, Stellan Skarsgård, Inga lbsdøtter Lilleaas, Elle Fanning. Drama. Diretor oferece o papel em seu novo filme para sua filha. Quando ela recusa, ele escala uma jovem estrela de Hollywood que entra nessa complicada relação. Oscar de filme internacional. Grande Prêmio do Juri no Festival de Cannes. Globo de Ouro de ator coadjuvante. 2h13. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: qua., 8/4: 16h; sex., 10/4: 20h; dom., 12/4: 19h.

#### CONTINUAÇÃO

**O AGENTE SECRETO.** Brasil/ França/ Países Baixos/ Alemanha, 2025. Dir.: Kléber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Tânia Maria, Carlos Francisco, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Alice Carvalho, Udo Kier, Thomás Aquino, Buda Lira, Joáílsson Cunha, Suzy Lopes, Cely Farias. Drama. Em 1977, durante a ditadura militar, homem chega a Recife se escondendo

de perseguidores. Indicado a 4 Oscars: filme, ator, filme internacional e produção de elenco. Prêmios de melhor direção e ator em Cannes. Vencedor de dois Globos de Ouro: ator/drama e filme de língua não inglesa. 2h38. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: ter., 7/4: 19h50; qui., 9/4: 16h; sáb., 11/4: 19h; seg., 13/4: 20h.

**CARA DE UM, FOCINHO DE OUTRO (Hoppers).** EUA, 2026. Dir.: Daniel Chong. Aventura/animação. Pesquisadora usa máquina que transfere sua consciência para um castor robô, permitindo que ela interaja com animais e incite uma rebelião contra os humanos. 1h45. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 14h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 17h10, 20h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 18h25. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: dom.: 14h45, 19h50; seg., a qua.: 19h45. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 20h20.

**DEVORADORES DE ESTRELAS (Project Hail Mary).** EUA, 2026. Dir.: Phil Lord e Christopher Miller. Elenco: Ryan Gosling, Sandra Hüller, James Ortiz (voz). Ficção científica/suspense. Astronauta tenta impedir o Sol de ser destruído e recebe a ajuda de um ser alienígena. 2h36. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 16h45, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 13h15, 16h45, 20h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h15, 17h30, 20h45. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 17h10, 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 17h10, 20h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 18h25. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: dom.: 14h45, 19h50; seg., a qua.: 19h45. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 20h20.

**ELES VÃO TE MATAR (They Will Kill You).** EUA/ África do Sul, 2026. Dir.: Kirill Sokolov. Elenco: Zazie Beetz, Patricia Arquette, Heather Graham, Tom Felton. Terror. Mulher trabalha como empregada em um edifício, onde aconteceram desaparecimentos. 1h34. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: dom.: 21h15. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: dom.: 17h45; seg., a qua.: 16h.

**NUREMBERG (Nuremberg).** Hungria/EUA, 2025. Dir.: James Vanderbilt. Elenco: Rami Malek, Russell Crowe, Michael Shannon. Drama. Em 1945, psiquiatra estadunidense avalia 22 nazistas que respondem julgamentos por crimes de guerra. 2h28. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: seg., a qua.: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h10, 17h30.

**UMA SEGUNDA CHANCE (Reminders of Him).** EUA, 2026. Dir.: Vanessa Caswill. Elenco: Maika Monroe, Tyriq Whithers, Lauren Graham. Drama/romance. Após deixar a prisão, mulher tenta se reaproximar da filha, mas enfrenta a resistência da família e dos amigos do namorado que morreu. 1h54. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 19h. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 20h. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 4: 21h10. **Guara-**

birá: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 18h.

**VELHOS BANDIDOS.** Brasil, 2026. Dir.: Cláudio Torres. Elenco: Fernanda Montenegro, Ary Fontoura, Vladimir Brichta, Bruna Marquezine, Lázaro Ramos, Reginaldo Faria, Vera Fischer, Toni Tornado, Nathalia Thimberg. Comédia/policial. Casal idoso se junta a jovens parceiros para um audacioso roubo a banco. 1h33. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: seg., a qua.: 19h30, 21h30. CENTERPLEX MAG 2: dom.: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 13h, 15h30, 18h, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 13h45, 15h45, 18h15. CINESERCLA TAMBIA 2: 19h, 20h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: 19h, 20h50. **Patos:** CINE GUEDES 2: 21h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dom.: 21h30; seg., a qua.: 15h, 21h30.

### Teatro

#### HOJE

**O DIÁRIO DA MAMÃE.** Do Grupo de Teatro Circo sem Pano. Texto e direção: Bento Jr. **João Pessoa:** TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, 284, Manaíra). Domingo, 5, 12 e 19/4, 20h. Ingressos: R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia), antecipados pelo whatsapp (83) 9.9869.1195.

**TRÊS MULHERES ALTAS.** Texto de Edward Albee. Direção: Fernando Philbert. Com Ana Rosa, Helena Ranaldi e Fernanda Nobre.

João Pessoa: TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho). Domingo, 5/4, 17h. Ingressos: de R\$ 25 (plateia C/ meia) a R\$ 200 (plateia A/ inteira), antecipados na plataforma Symppla.

### Música

#### HOJE

**MATEUS FAZENO ROCK.** Artista cearense apresenta show da turnê *Lá na zérea todos querem viver bem*.

**Campina Grande:** LONDON PUB (R. Treze de Maio, 59, Centro). Domingo, 5/4, 17h. Ingressos: R\$ 70 (inteira), R\$ 40 (social) e R\$ 35 (meia), antecipados no site Symppla.

#### AMANHÃ

**SANHAUÁ SAMBA CLUBE.** Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Segunda, 2/3, 21h30. Ingressos: de R\$ 20 (meia/ 1º lote) a R\$ 50 (inteira/ 2º lote), antecipados na plataforma Shotgun.

## REGULARIZAÇÃO

# Cadastro eleitoral fecha em 30 dias

*Prazo para emitir título e regularizar pendências vai até 6 de maio; depois disso, operações serão bloqueadas*

Paulo Correia  
paulocorreia.epc@gmail.com

Com o fim do feriado da Semana Santa, os cidadãos brasileiros têm, a partir de amanhã, exatos 30 dias para realizar operações no cadastro eleitoral antes das Eleições Gerais 2026. O alerta é fundamental: quem precisar fazer o alistamento (tirar o primeiro título), transferir o domicílio, revisar dados ou regularizar pendências tem até o dia 6 de maio para fazê-lo. Após essa data, o cadastro eleitoral será fechado para a preparação do pleito, sendo reaberto apenas em novembro.

Conforme prevê a Lei nº 9.504/1997, conhecida como “Lei das Eleições”, o encerramento do cadastro eleitoral deve ocorrer 150 dias antes do pleito. A reabertura do cadastro será realizada após o processamento dos arquivos de justificativas e dos registros de eleitores faltosos apurados após o segundo turno das eleições.

Para evitar filas, quem precisa apenas consultar ou alterar o local de votação pode utilizar o portal do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O serviço de autoatendimento eleitoral é gratuito e permite solicitar a transferência de domicílio e a mudança de seção sem necessidade de ir ao cartório presencialmente.

No entanto, para efetuar transferências, é preciso, antes, verificar e quitar eventuais multas, geradas por ausência às urnas ou a trabalhos eleitorais, também por meio do autoatendimento ou do aplicativo e-Título.

De acordo o Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB), já foram realizados, neste ano, 22.639 alistamentos, 14.912 transferências de domicílio e 22.093 revisões cadastrais. O estado conta com 3.225.312 eleitores aptos



Fotos: Divulgação/TRE-PB

De acordo com o Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba, já foram realizados, neste ano, 22.639 alistamentos, 14.912 transferências de domicílio e 22.093 revisões

a votar, sendo que o comparecimento às urnas é obrigatório para 2.711.546 e facultativo para 513.766. A base de dados do órgão indica que, de todo o eleitorado, 94,74% – ou seja, 3.055.534 cidadãos – possuem cadastro biométrico, enquanto 5,26% – 169.778 eleitores – ainda não realizaram o procedimento.

### Primeiro título

Para solicitar o primeiro título, é preciso protocolar o requerimento até amanhã, garantindo tempo hábil para comparecer ao cartório e concluir o atendimento até 6 de maio. O pedido pode ser realizado de duas maneiras: pelo autoatendimento eleitoral, acessível no portal do TSE, ou presencialmente, nos cartórios eleitorais ou em postos de atendimento da Justiça Eleitoral.

O eleitor deve apresentar os seguintes documentos: documento oficial de identificação com foto (como cartei-

ra de identidade, carteira de trabalho ou passaporte); comprovante de residência recente; e comprovante de quitação do serviço militar (para homens que completam 19 anos no ano do alistamento). É importante que o documento de identificação permita a comprovação da nacionalidade brasileira e contenha foto que possibilite a identificação.

A legislação estipula que o voto é facultativo aos jovens de 16 e 17 anos, mas se torna obrigatório a partir dos 18. Aqueles que completarem 18 anos no período compreendido entre o primeiro e o segundo turno das Eleições Gerais 2026 devem ficar atentos: eles já são obrigados a votar na segunda etapa do pleito. Para que isso seja possível, também precisam realizar o alistamento eleitoral dentro do prazo estipulado.

### Restrições aos irregulares

A regularização não é apenas uma questão eleito-

ral, mas um requisito para diversos atos da vida civil. A coordenadora da Central de Atendimento ao Eleitor (Cenatel), Alice Coelho, ressalta que o eleitor em situação irregular pode sofrer uma série de sanções.

“É importante destacar que, caso não haja a regularização dentro desse prazo, os serviços do cadastro eleitoral serão suspensos e somente retomados após o segundo turno das eleições, previsto para novembro”, ratifica a coordenadora.

Além disso, o cidadão deve verificar se possui multas por ausências em pleitos anteriores, que podem ser pagas via Pix, cartão de crédito ou boleto diretamente no site do TSE.

### Ampliação do atendimento

Para absorver a demanda e facilitar o acesso da população nesta reta final, a Justiça Eleitoral ampliou sua estrutura em João Pes-

soa. Um novo posto da Cenatel foi instalado no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, localizado no bairro Tambauzinho.

No posto da Cenatel no Espaço Cultural, o eleitor pode realizar os seguintes serviços:

- alistamento eleitoral (primeiro título);
- transferência de domicílio eleitoral;
- revisão e atualização de dados cadastrais;
- regularização de título cancelado;
- emissão de certidões eleitorais;
- coleta biométrica;
- quitação de débitos eleitorais.

“O eleitor que permanecer em situação irregular poderá enfrentar diversas restrições na vida civil, tais como: impedimento para emissão de passapor-

■ Sistema só será reaberto em novembro, depois que a Justiça Eleitoral processar os dados de abstenções no pleito

te; dificuldade para obtenção de empréstimos bancários; impossibilidade de tomar posse em cargo público; impedimento para matrícula em instituições de ensino, dentre outros. A orientação é não deixar para a última hora e buscar atendimento dentro do prazo, evitando transtornos futuros”, adverte Alice Coelho.

## Saiba Mais

Confira outras datas importantes para o cidadão no período eleitoral:

### Julho | Mobilidade

Pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida que queiram votar em outra seção ou local de votação da circunscrição têm de 18 de julho a 18 de agosto para informar à Justiça Eleitoral.

### Novembro | Abertura do cadastro

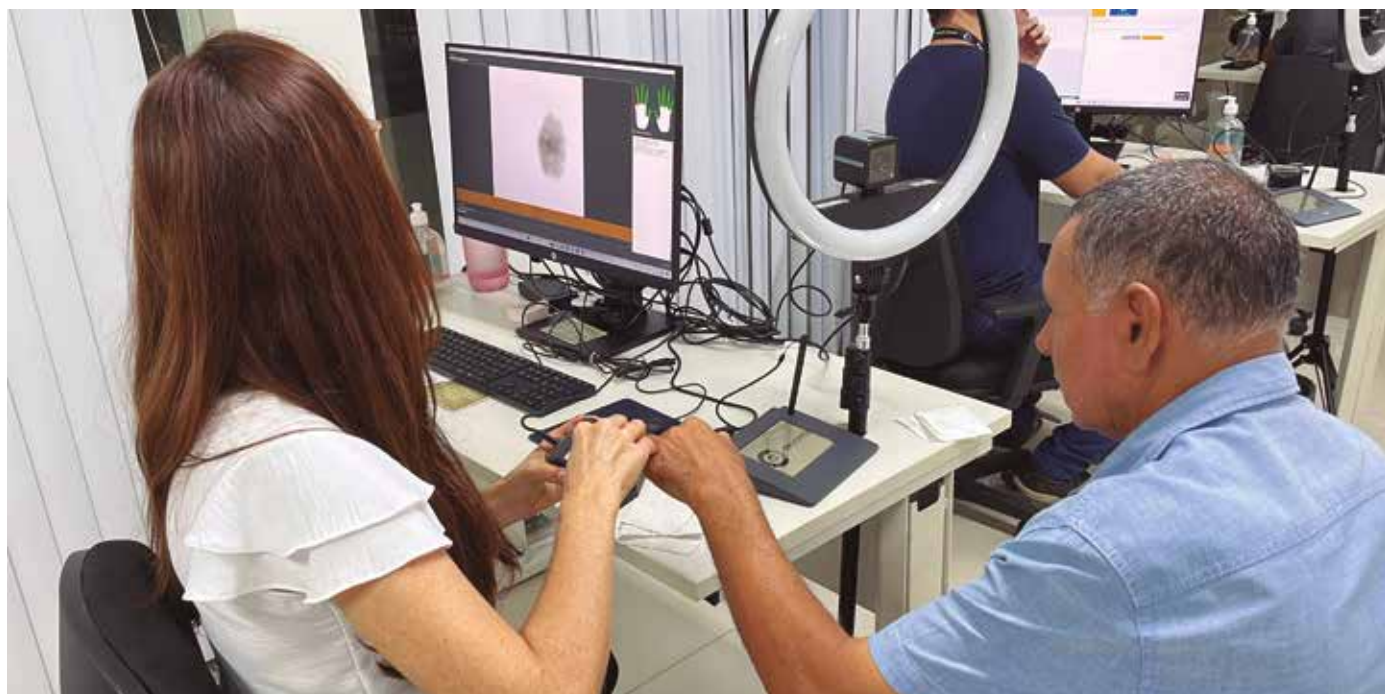
Até 5 de novembro, ficam suspensos os recebimentos de solicitações de alistamento, a transferência e a revisão eleitoral em todas as unidades da Justiça Eleitoral e no autoatendimento eleitoral na internet.

### Dezembro | Justificativa eleitoral

Eleitores que não votaram no primeiro turno e não justificaram a falta no dia das eleições devem apresentar justificativa até 3 de dezembro de 2026, em qualquer cartório eleitoral, pelo e-Título ou pelos portais do TSE e dos TREs na internet. Já a ausência no segundo turno das eleições deve ser justificada até 6 de janeiro de 2027.



Pelo QR Code acima, acesse a página de autoatendimento eleitoral



Para facilitar o acesso da população, a Justiça Eleitoral instalou um ponto de atendimento no Espaço Cultural José Lins do Rêgo



Foto: Fernando Donagel/MMA

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Instituto Brasileiro de Museus realizam ações em todo o país

## COOPERAÇÃO TÉCNICA

# Acordos alinham Ministério da Cultura à pauta climática

*Parcerias têm foco em sustentabilidade e preservação do patrimônio*

Agência Gov

O Ministério da Cultura (MinC) e o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA) assinaram, na última semana, acordos de cooperação técnica (ACTs) que marcam um avanço na integração entre cultura e ação climática no Brasil. As parcerias envolvem o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), com previsão de ações conjuntas em todo o território nacional.

A ministra da Cultura, Margareth Menezes, destacou o caráter estratégico da iniciativa e relembrou o processo de construção da pauta dentro do ministério. “Começamos a trabalhar [essa pauta do clima] mais profundamente em 2024”, contou.

Margareth também ressaltou o momento como um marco institucional. “Eu fico muito feliz de chegar nesse momento de assinar esse acordo de trabalho, essa cooperação técnica”, declarou.

Por sua vez, a ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva, enfatizou o caráter estrutural da parceria entre as pastas. “A gente vive esse momento importante de uma ação que dialoga com raízes mais profundas”, discursou.

Para ela, a iniciativa também abre caminhos para projetos concretos de preservação da memória ambiental no país. “Que não vire uma coisa cenográfica, mas que seja vivo mesmo, dinâmico”, disse, ao mencionar a proposta de transformar espaços ligados à trajetória de Chico Mendes em uma memória ativa.

Os acordos têm como objetivo promover ações integradas entre cultura e meio ambiente, com foco na sensibilização da sociedade sobre a urgência da mudança climática e na proteção do patrimônio cultural. A iniciativa inclui a salvaguarda de espaços de memória, a formação de gestores e agentes culturais e a produção de materiais de referência para o setor.

Entre as frentes de atuação, estão a integração de dados ambientais e culturais, a implementação de gestão de riscos ao patrimônio material e o intercâmbio técnico entre as instituições. Também estão previstas medidas de adaptação climática em políticas de preservação e ações que conciliem proteção ambiental e patrimônio histórico.

No campo museológico, o acordo com o Ibram prevê o fortalecimento da sustentabilidade nas instituições de memória e o aprimoramento da gestão museológica, alinhando práticas culturais às agendas ambiental, social e econômica.

A presidente do Ibram, Fernanda Castro, destacou a importância do acordo para o campo da memória. “[Para] a gente que trabalha com memória, ter a oportunidade de resgatar histórias antes que elas sejam invisibilizadas, é muito importante”, pontuou. Ela também reafirmou o simbolismo da iniciativa ao mencionar o legado de Chico Mendes: “Vai ser uma honra trabalhar na memória de Chico Mendes”.

O presidente do Iphan, Leandro Grass, enfatizou o papel do patrimônio como eixo estratégico para o desenvolvimento sustentável. “É condição básica poder trazer o patrimônio como ferramenta de desenvolvimento sustentável”, explicou. Ele também defendeu a integração da pauta ao planejamento climático nacional: “O patrimônio entrou no Plano Clima”, disse Grass, referindo-se ao plano nacional elaborado para orientar a resposta do Brasil à crise climática até 2035.

A secretária de Articulação Federativa e Comitês de Cultura (Safcc), Roberta Martins, destacou o impacto da iniciativa nos territórios e na gestão cultural. “Tem sido um aprendizado muito grande, com agentes territoriais que incorporaram a pauta ambiental”, revelou. Para ela, a sensibilização de gestores municipais será fundamen-

tal para fortalecer a integração entre cultura e clima no Sistema Nacional de Cultura.

Já o secretário de Formação Artística e Cultural, Livro e Leitura, Fabiano Piúba, apontou ações concretas previstas, como a formação de gestores culturais e ambientais em diferentes regiões do país. “Cada território vai desenvolver um plano de ação sustentável e cultural”, exemplificou, citando iniciativas em áreas como Chapada do Araripe, Marajó e Xapuri.

### Integração

Pelo MMA, a secretária-executiva adjunta, Anna Flávia de Senna Franco, reforçou que a articulação entre as agendas é essencial. “Não há como preservar a vida, se a gente também não proteger e conservar a cultura, os modos de vida e a história”, declarou.

Segundo ela, os acordos também respondem ao desafio de proteger o patrimônio diante de eventos climáticos extremos. “O nosso acordo tem tudo a ver com a proposta ambiental, tanto no enfrentamento das mudanças climáticas quanto na preservação do nosso patrimônio histórico frente a eventos críticos”, concluiu.

A secretária nacional de Povos e Comunidades Tradicionais e Desenvolvimento Rural Sustentável, Edel Moraes, destacou o caráter simbólico e coletivo da iniciativa. Ela também reforçou a importância do conceito de “museu vivo” como estratégia de valorização dos territórios e suas memórias.

O diretor do Departamento de Educação Ambiental e Cidadania do MMA, Marcos Sorrentino, caracterizou o potencial de cooperação entre as instituições. “São duas potências territorializadas com capilaridade”, lembrou, ao se referir ao ICMBio e ao Ibram. Segundo ele, a formalização dos acordos permite avançar na formação de agentes culturais e ambientais em territórios estratégicos, como Marajó e Xapuri.

Já a assessora especial da ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Jane Vilas Boas, trouxe para o momento o papel da cultura na mobilização social para o enfrentamento da crise climática. “O poder está aqui”, comemorou, ao comentar a capacidade de linguagens como o audiovisual de ampliar o debate público. Ela finalizou pontuando a dimensão simbólica do território: “O Acre, minha terra nomeada, eu fico muito grata que todo mundo vá trabalhar lá pela memória e pela história”.

Entre as ações previstas nos acordos, estão a implementação de áreas verdes em equipamentos culturais, o reconhecimento de parques como espaços de cultura, a realização de ciclos de saberes com mestres e mestras de culturas tradicionais e o mapeamento de instituições culturais que atuam com sustentabilidade e mudanças climáticas.

Também estão previstas ações de fiscalização e monitoramento conjuntos entre órgãos como Iphan, Ibama e ICMBio para a preservação do patrimônio cultural em áreas de proteção ambiental e em empreendimentos sujeitos a licenciamento federal.

Os acordos terão vigência de até quatro anos, no caso da parceria com o Iphan, e de cinco anos na cooperação com o Ibram, podendo ser prorrogados. Não há previsão de transferência direta de recursos entre os parceiros, sendo as ações realizadas em regime de cooperação mútua.

■ **Iniciativa inclui a salvaguarda de espaços de memória e formação para gestores e agentes culturais**

## Toca do Leão

Fábio Mozart  
mozartpe@gmail.com | Colaborador

### Microcrônicas (38)

“Uma criança muito suja atira pedras a um cão. O cão não foge. Esquiva-se e vem até junto da criança para lhe lambem o rosto. Há, depois, um abraço apertado, de compreensão e de amizade. E lado a lado, com a mãozinha muito suja no pescoço felpudo, lá vão, pela rua estreita, em direção ao sol” (Antônio Salgado).

“Político é feito motorista de lotação: se oferecendo sem ser chamado” (Jessier Quirino).

“Não adianta você desejar minha morte. Eu morro quando quiser” (Sonsinho, magoado).

Pessoas há que simplesmente são únicas, mágicas, fantásticas. Mas, de vez em quando, são chatas.

Abril começou da forma que ele sempre começa, desde que nasci: abrindo-se para múltiplas possibilidades. Ou não.

“Tem um tal de Judas pensando em delação premiada” (Fala da Paixão de Cristo atualizada).

Deputados pensam em pedir a cassação dos colegas que não estejam envolvidos em algum escândalo.

Deputado Fulano de Tal diz que não vai usar tornozeleira. Talvez aceite coleira.

Desejos de abril: para a educação, mais comprometimento. Para o cidadão, gentileza e conversa franca.

Para a luta, mais consciência. Para o luto, mais tranquilidade. Para a glória de sua divindade, mais louvor e superstição.

Para os boçais, indiferença. Para os fracos, óleo de peixe de bacalhau e Calcigenol B12. Para os fortes e babacas, semacol três vezes ao dia.

Para Cátia de França, continue sustentando a pisada.

Para o poeta Gorrion da Rebeca, mais saúde, mais fé e lustre na rabequinha.

Para as regras preestabelecidas, um maluco inovador. Para a fecundidade, cultura e conhecimento.

Para mim, um copo de vitamina de banana com maçã e passas, pão de centeio e meia dúzia de luas para orbitarem em torno do leão, esse astro ainda desconhecido.

Palavras escondidas nos varais das casas indicam que a poesia ainda está aqui.

“Testemunha ocular da História é outro nome para velhice” (Zuenir Ventura).

“Se a pessoa é contra o casamento gay, é só não se casar com gay. Deixe as outras pessoas se casarem com quem elas quiserem” (Clotilde Tavares).

Teorema de Ameba: se a mentira tem quem acredite nela, deixa de ser mentira inteira e passa a ser meia-verdade.

Em 1964, foi a extrema direita católica. No 8 de janeiro, a extrema direita pentecostal. Os orixás nunca ameaçaram a democracia...

## ULTRAPROCESSADOS

# Fatores sociais incentivam consumo

Pesquisa do Unicef mostrou a busca elevada por este tipo de alimento em comunidades urbanas de diferentes cidades

Agência Brasil

A sobrecarga materna, o preço atraente e até componentes afetivos são alguns dos fatores sociais que impulsionam o consumo de alimentos ultraprocessados por crianças em comunidades urbanas de diferentes cidades brasileiras, segundo pesquisa realizada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef).

O estudo entrevistou cerca de 600 famílias de três comunidades urbanas do país: Guamá, em Belém (PA); Iburá, em Recife (PE); e Pavuna, no Rio de Janeiro (RJ).

Apesar de 84% dos entrevistados considerarem-se muito preocupados em oferecer uma alimentação saudável para suas famílias, em metade dos lares os alimen-



Foto: Agência Brasil

Produtos como refrigerantes estão presentes nos lares e nos lanches das crianças brasileiras

tos ultraprocessados faziam parte do lanche das crianças. Além disso, algum desses produtos estava em um a

cada quatro cafés da manhã. Os produtos ultraprocessados mais presentes nas casas brasileiras pesquisadas

foram iogurte com sabor, embutidos, biscoito recheado, refrigerante e macarrão instantâneo.

### Sobrecarga materna

Nas famílias ouvidas pela pesquisa, 87% das mães exerceram a tarefa de comprar e servir o alimento às crianças, e 82% delas também foram responsáveis pela preparação. Já entre os pais, apenas 40% compraram alimentos, enquanto 27% cozinharam e 31% ofereceram a comida às crianças da casa.

A oficial de Saúde e Nutrição do Unicef no Brasil, Stephanie Amaral, ressalta a sobrecarga das mulheres nos cuidados com a alimentação. “Muitas mães fazem isso sozinhas, além de trabalhar fora. É uma sobrecarga que acaba fazendo com que a praticidade dos alimentos ultraprocessados pese muito mais”.

### Desconhecimento

Outro ponto destacado

pela pesquisa é o desconhecimento sobre os produtos ultraprocessados. Muitos alimentos que se enquadram nessa categoria foram apontados como saudáveis pela maioria dos entrevistados, como os iogurtes com sabor e os *nuggets* de frango fritos na *airfryer*.

A nova rotulagem frontal dos produtos, que traz avisos quando eles têm grande concentração de sódio, açúcar e gorduras saturadas também não cumpre seu papel de forma integral: 26% dos entrevistados disseram não saber o que esses avisos significam.

Além disso, 55% dos entrevistados nunca observam os avisos de alto teor no rótulo dos alimentos, e 62% admitem que nunca deixaram de comprar algum produto por causa deles.

## Preço baixo e elemento afetivo são atrativos

A percepção de preço também pode influenciar no consumo. A maioria das famílias (67%) considera que os sucos de caixinha, salgadinhos e refrigerantes são baratos. Já legumes e verduras são considerados caros por 68% delas, proporção que sobe para 76% no caso das frutas e 94% no das carnes.

Os pesquisadores também fizeram entrevistas aprofundadas com algumas famílias e identificaram, ainda, um componente afetivo. “Essas pessoas não tinham dinheiro para comprar os alimentos que elas queriam quando eram crianças, então agora elas se sentem felizes por poder comprar o que a criança quer comer. E, aí, esses alimentos ultraprocessados, ainda mais aqueles com desenhos e personagens, são associados a uma infância feliz”, explica Stephanie Amaral.

A oficial de Saúde e Nutrição do Unicef destaca, ainda, que é mais difícil controlar o consumo no caso dos ultraprocessados, porque os danos que eles causam à saúde são cumulativos e não imediatos. Mesmo assim, ela acredita que as escolas podem contribuir de forma essencial. “As famílias mostram uma confiança muito grande na alimentação escolar, o que mostra como as escolas são importantes em oferecer o alimento saudável, mas também em promover essa alimentação para as famílias”.

### Recomendações

O estudo propõe alternativas como avançar na regulação da publicidade infantil, na tributação de ultraprocessados e na promoção de ambientes escolares saudáveis, reduzindo a exposição e o consumo desses produtos. Também sugere expandir creches e escolas em tempo integral, fortalecendo a rede de apoio às famílias, reduzindo sobrecargas, especialmente sobre as mulheres.

Fortalecer a orientação alimentar nos serviços de saúde é outro caminho apontado, na medida em que promove informação de qualidade, evita a introdução precoce de ultraprocessados e influencia a adoção de hábitos saudáveis desde o início da vida. Do mesmo modo que apoiar iniciativas comunitárias como hortas, feiras e atividades esportivas que ampliam o acesso a alimentos saudáveis e incentivam práticas de atividade física.

Por fim, o estudo reforça a necessidade de ampliar a compreensão e o uso da rotulagem frontal por meio de campanhas e ações educativas que expliquem, de forma clara, o significado da rotulagem e seu uso no dia a dia; além de investir em comunicação para mudança de comportamento por meio de estratégias que considerem a realidade das famílias, usando linguagem simples e abordando os desafios práticos nas rotinas.

## Conceito foi criado por pesquisadores da USP

De modo geral, no Brasil, o consumo de ultraprocessados mais do que dobrou desde os anos de 1980, passando de 10% para 23% do total de calorias ingeridas na alimentação. Mas esse é um fenômeno que acontece em vários países. Dados internacionais foram publicados em uma série de artigos na revista científica *The Lancet* por mais de 40 pesquisadores de todo o mundo, liderados por cientistas da Universidade de São Paulo (USP).

Foi justamente na USP que o conceito de ultraprocessados foi criado. Naquele momento, em 2009, o pesquisador Carlos Monteiro, do Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde (Nupens), estava preocupado com o aumento de obesidade, sobrepeso e doenças crônicas associadas ao consumo de alimentos com alto nível de processamento.

O pesquisador e sua equipe, então, desenvolveram a classificação Nova, que organiza os alimentos em quatro grupos: (1) alimentos *in natura* ou minimamente processados, como frutas, arroz ensacado, feijão ensacado; (2) ingredientes culinários processados, como azeite, manteiga, sal; (3) alimentos processados, a exemplo de milho em lata, sardinha em lata, pão de padaria; e (4) alimentos e

## Divisão

**Estudiosos fizeram a classificação que organizou os alimentos em quatro grupos: in natura, ingredientes processados, alimentos processados e ultraprocessados**

bebidas ultraprocessados, como bolachas recheadas, achocolatados de caixinha, refrigerantes e bebidas açucaradas.

De acordo com Carlos Monteiro, antes da classificação Nova, as explicações para o aumento de obesidade, sobrepeso e doenças crônicas eram muito relacionadas à escolha individual das pessoas. Seguindo ele, era como se as pessoas comessem muito açúcar, sal e muita gordura por um “defeito de força de vontade”.

“Não existe uma epidemia de falta de força de vontade, as pessoas são as mesmas. O que mudou foi o sistema alimentar. O sistema alimentar hoje é muito não saudável e acaba estimulando as pessoas a quase compulsoriamente consumir alimentos ultra-

processados”, afirma o pesquisador.

### Custo à saúde

Um levantamento conduzido pela Fiocruz Brasília e pelo Nupens indica que o consumo de produtos ultraprocessados é responsável por um custo de mais de R\$ 10 bilhões à saúde e à economia no Brasil. Segundo o pesquisador Eduardo Nilson, da Fiocruz Brasília, estudos mostraram que até 57 mil mortes ao ano poderiam ser evitadas se o consumo de ultraprocessados fosse eliminado.

Estudos como esse são um alerta e preocupam cientistas brasileiros, organizações da sociedade civil e todos que defendem “comida de verdade” e reivindicam uma política fiscal mais agressiva para os produtos ultraprocessados. A última reforma tributária foi publicada em dezembro de 2023, mas a transição começou neste ano e segue até 2033.

Os produtos ultraprocessados ficaram de fora do imposto seletivo e não estarão sujeitos à cobrança criada para desestimular o consumo de itens nocivos à saúde ou ao meio ambiente. Apenas as bebidas açucaradas, como os refrigerantes, receberam a taxa extra na reforma.

A coordenadora-geral de Alimentação e Nutrição na Secretaria de Atenção

Primária à Saúde do Ministério da Saúde, Kelly Santos, explica que, no novo desenho fiscal do Brasil, um conjunto importante de alimentos saudáveis terá alíquotas zero de imposto, e os alimentos considerados não saudáveis terão alíquotas de imposto maior.

Sobre as bebidas açucaradas, a coordenadora explica que o país precisa ainda aprovar uma lei complementar para definir a alíquota de imposto que tornará o refrigerante mais caro. “É uma medida já aplicada em outros países, como México e Chile, que nos inspiram a desenvolvê-la aqui no Brasil também”, diz.

Outras iniciativas para tentar frear o crescimento do consumo de ultraprocessados são educação e estratégias regulatórias de publicidade. A diretora-executiva da organização ACT Promoção da Saúde, Paula Johns, lembra que impor limites na publicidade do cigarro foi uma estratégia bem-sucedida.

“Você vê aqueles biscoitos recheados com várias alegações de que eles têm vitaminas. Então, tem todo um contexto de promoção desses alimentos que cria uma impressão de que eles são muito bons”, afirma. “É mais importante você ter um marcador que indique que aquilo é um alimento ultraprocessado”, defende.

## Excessos podem desencadear o surgimento de doenças crônicas

A chefe da área de Saúde e Nutrição do Unicef no Brasil, Luciana Phebo, ressalta que o problema é ainda maior na vida de uma criança, que está em pleno desenvolvimento. “Desenvolvimento do sistema nervoso, do sistema imunológico, do sistema digestivo, enfim, de todo o corpo, das suas dinâmicas. Ser desde cedo afetado por ultraprocessado vai levar esse corpo a

muitas outras doenças crônicas”, alerta Luciana.

O estudante Luan Bernardo Marques Gama tem 13 anos. Por conviver com asma, ele faz acompanhamento no Hospital da Criança em Brasília. Há dois anos, Luan desenvolveu pré-diabetes e foi encaminhado ao Programa de Atenção à Criança e ao Adolescente com Sobrepeso ou Obesidade do hospital.

“Eu era tipo uma formiga. Era bala, chocolate, presunto, suco de caixinha, refrigerante, aqueles biscoitos”. A mãe de Luan, Cecília Marques, conta que ficou em alerta quando ele desenvolveu pré-diabetes, ela se sentiu mal com hipertensão e o pai do adolescente quase teve um infarto. Cecília conseguiu ficar mais tempo em casa para cuidar da alimentação da fa-

mília e contou com a ajuda da nutricionista do Hospital da Criança.

“As compras são um processo dessa educação nutricional, leitura de rótulo, ver também que a criança consegue fazer esporte. O Luan aderiu supercerto. Ele demorou apenas um ano dentro do programa e recebeu alta”, conta a nutricionista Ana Rosa da Costa.

## Saiba Mais

### O que são ultraprocessados?

Os ultraprocessados são produtos alimentícios de origem industrial, resultantes da mistura de ingredientes naturais com aditivos químicos, como corantes, aromatizantes e emulsificantes. Isso permite a fabricação de produtos de baixo custo, longa durabilidade e com sabores intensos, que viciam o paladar. Evidências científicas mostram que o seu consumo aumenta o risco de doenças como obesidade, diabetes, problemas cardíacos, depressão e câncer.

## SERVIÇO PÚBLICO

# Editais ofertam vagas na PB e no PI

*Certames da EPC, da UEPB e da UFPI reservam 78 oportunidades para profissionais dos níveis médio ao superior*

Priscila Perez  
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Para muita gente, o domingo de Páscoa significa momento em família, além de uma merecida pausa. Mas, para além dos ovos de chocolate e da bacalhoadada, também há espaço para pensar no que vem depois do feriado: concursos públicos. Na Paraíba, a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) abriu vagas para funções ligadas à operação, à área gráfica e à comunicação, enquanto a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) lançou uma nova seleção para cargos técnico-administrativos. Já fora do estado, a Universidade Federal do Piauí (UFPI) reúne oportunidades para professores do Ensino Superior em diferentes frentes.

### Comunicação pública

Na EPC, o concurso abre espaço para uma área que não aparece com tanta frequência nos editais: a estru-

tura técnica e operacional da comunicação. As 35 vagas abertas contemplam funções ligadas à rotina gráfica, operação de áudio, programação musical e produção de conteúdo, além de cargos como advogado, diagramador e técnicos em segurança do trabalho, artes gráficas e artes visuais. De acordo com o edital, os salários variam de R\$ 1,99 mil a R\$ 3,3 mil, a depender do nível de escolaridade, com jornadas de até 44 horas semanais e possibilidade de plantões, inclusive aos fins de semana e feriados.

As inscrições estarão abertas de 9 de abril a 14 de maio, pelo *site* do Instituto Nosso Rumo, com taxas de R\$ 70 para os cargos de nível médio e técnico e de R\$ 120 para os de nível superior. Sobre a avaliação, o processo será composto por prova objetiva, a ser realizada em 28 de junho, em João Pessoa, além de avaliação de títulos, prova prática e peça processual para determinados cargos. No conteúdo progra-

mático, constam questões de Língua Portuguesa, Matemática e Conhecimentos Específicos. O resultado definitivo deverá ser publicado em outubro.



Por meio do QR Code, acesse o *site* do Nosso Rumo

### Campina no radar

Já a UEPB aposta em um edital mais enxuto, mas bastante estratégico para quem busca estabilidade em uma instituição pública. Por lá, há 12 vagas destinadas a cargos técnico-administrativos de níveis médio e superior, distribuídas entre as funções de almoxarife, administrador, museólogo e contador, sendo que a área contábil concentra a maior parte das vagas. A

jornada de trabalho é de 40 horas semanais para todos os cargos. Já a remuneração prevista é de R\$ 3,3 mil para profissionais de nível médio e de R\$ 4,7 mil para os de nível superior, com possibilidade de acréscimo de gratificações e adicionais.

Os concurren- teiros têm até 26 de abril para realizar a inscrição pelo sistema da Comissão Permanente de Concursos (CPCo) da universidade, com taxa de R\$ 95 para nível médio e R\$ 115 para superior. A seleção será feita por meio de prova objetiva, de caráter eliminatório e classificatório, marcada para 31 de maio, em Campi-



Escaneie o QR Code para ir à página do certame da UEPB

na Grande. Ao todo, o exame terá 40 questões, divididas entre Língua Portuguesa, Informática, Matemática e conhecimentos específicos, conforme o nível de escolaridade.

### Magistério superior

No caso da UFPI, o concurso é voltado a outro perfil de candidato: com trajetória acadêmica e interesse na carreira docente. São 31 vagas, além de cadastro reserva, para professores do magistério superior especializados em diversas disciplinas, como Habilidades Médicas, Atenção Primária à Saúde, Neurologia, Libras, Filosofia Medieval, Estatística, Arqueologia Brasileira, Matemática Aplicada, Inteligência Artificial, Engenharia Agrícola e Nutrição. O certame exige graduação e titulação em níveis variados, conforme o cargo.

Segundo o edital, a jornada pode ser de 20 a 40 horas semanais ou dedicação exclusiva, de acordo com a vaga

pretendida. Já o salário varia de R\$ 1,7 mil a R\$ 7,1 mil, conforme a titulação e o regime de trabalho. Quem anseia por uma oportunidade mais acadêmica deve inscrever-se até 17 de abril pelo *site* da Coordenadoria de Concursos, Projetos Estratégicos e Seleções (Copese) da universidade. A taxa cobrada vai de R\$ 84,98 e R\$ 332,22. Quanto à avaliação, o processo contará com provas escrita, prevista para 24 de maio, didática e de títulos. Todo o processo será realizado no Campus Ministro Petrônio Portella, em Teresina.



Acesse o *site* do concurso da UFPI pelo QR Code acima

## Arqueólogo transforma o passado em fonte de conhecimento

Poucas profissões carregam um imaginário tão poderoso quanto a de arqueólogo. A imagem do aventureiro que atravessa desertos, entra em ruínas e desvenda mistérios, eternizada em personagens como Indiana Jones, ajudou a alimentar gerações inteiras de curiosos. Mas a arqueologia real é menos cinematográfica e bem mais investigativa: um trabalho que envolve campo, laboratório, pesquisa e o desafio de transformar vestígios do passado em conhecimento.

Ainda assim, quase tudo costuma começar pelo encantamento. Foi dessa forma com o paleontólogo e arqueólogo paraibano Juvandi de Souza Santos que, ainda

jovem, ao ver as pegadas de dinossauros em Sousa, sentiu despertar um fascínio que nunca mais o deixou.

A viagem ao Sertão da Paraíba, quando o Vale dos Dinossauros sequer tinha a projeção que alcançaria anos depois, acabou servindo de ponto de partida para sua jornada profissional. Primeiro, veio a curiosidade pela Paleontologia. Mais tarde, após passar pelo seminário e pelo Exército, Juvandi viu seu interesse pelas áreas ganhar corpo com a chegada à universidade. Foi ali, na academia, que teve contato mais direto com textos ligados tanto à Paleontologia quanto à Arqueologia. Ao relembrar esse percurso,

ele próprio traduz esse momento como uma espécie de encantamento sem volta. “A partir daí, comecei a ter acesso a essa loucura toda. É uma loucura porque, depois que você entra, não sai mais”, resume.

### Além da escavação

Talvez, por influência do cinema, a imagem mais cristalizada do arqueólogo ainda seja a de alguém em campo, fazendo descobertas espetaculares. Mas a profissão real envolve menos poeira do que se imagina. Como explica o especialista, escavar é apenas um fragmento desse processo, que inclui análise laboratorial, organização de acervos, documentação técnica

e produção de relatórios. “O arqueólogo não trabalha só em campo. Eu diria que a melhor parte e a mais divertida é a escavação arqueológica. Mas a atividade vai além. A parte laboratorial, por exemplo, é mais cansativa. Existe, também, a fase de preparação da documentação e dos relatórios, mais cansativa”, reflete Juvandi.

É justamente nesse aspecto que a Arqueologia se afasta da imagem do caçador de relíquias, afirmando-se como ciência. O achado, sozinho, diz pouco — o que lhe confere sentido é o trabalho de contextualização, leitura e interpretação. Alguém precisa perguntar o que um osso ou uma marca

no solo revela sobre o passado, o que leva o arqueólogo ao trabalho mais acadêmico. A própria trajetória de Juvandi mostra isso. Além do trabalho em campo, ele ajudou a consolidar estruturas importantes que sustentam a pesquisa arqueológica na Paraíba, como o Museu de História Natural da UEPB e o laboratório de Paleontologia e Arqueologia.

Aliás, se há algo que o arqueólogo deixa claro, é que a área demanda um trânsito entre saberes. “Se existe uma ciência que é interdisciplinar e multidisciplinar, essa ciência é a Arqueologia”. E faz sentido. Dependendo da pesquisa, o arqueólogo pode dialogar com História, Geografia, Geologia, Biologia, Química, Física, Linguística e até Medicina.

Essa característica múltipla ajuda a entender como a formação pode ser mais aberta. Hoje, o bacharelado em Arqueologia não é o único caminho possível. De acordo com Juvandi, profissionais oriundos de outras áreas, de História à Geologia, também podem virar arqueólogos por meio da pós-graduação. Apesar disso, ele cita dois pontos que fazem toda a diferença no âmbito profissional: gosto pela área e formação sólida. “Habilidades e características pessoais são importantes. Mas o principal é ter gosto. Não adianta forçar a barra, se você não tem um ‘dom’ para aquilo”, analisa.

### Mercado

Já quanto ao campo de atuação, o mercado de trabalho cobra sua própria dose de realismo. De acordo com o arqueólogo, a principal frente está na chamada “arqueologia de contra-

to”, ligada à legislação que exige acompanhamento arqueológico em atividades de maior impacto. Já no âmbito das universidades, o cenário é mais restrito, demonstrando um dos grandes gargalos da profissão. “Para você trabalhar em centro de pesquisa, como é o meu caso, só via concurso”, observa Juvandi. O problema é que, como ele próprio aponta, as oportunidades nesse sentido tornaram-se mais raras. Talvez seja por isso que a Arqueologia exija tanto de quem a escolhe — não apenas domínio técnico, mas persistência.

### Oportunidade

Para quem deseja seguir esse caminho, o concurso da Universidade Federal do Piauí (UFPI) oferece uma vaga para professor na área de Arqueologia Brasileira, com regime de dedicação exclusiva. A oportunidade exige graduação em Arqueologia ou áreas correlatas, além de doutorado com ênfase em Arqueologia Brasileira. A seleção é voltada ao magistério superior e inclui prova escrita, prova didática e prova de títulos.



**A melhor parte e a mais divertida é a escavação arqueológica. Mas a atividade vai além**

Juvandi de Souza Santos



Foto: Tiago Queiroz/Estadão Conteúdo

Trabalho exige capacidade de leitura e interpretação dos achados encontrados em campo, como as pinturas rupestres

| Selic  | Sálário mínimo   | Dólar \$ Comercial                | Euro € Comercial                  | Libra £ Esterlina                 |
|--|------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|
| Fixado em 18 de março de 2026<br><b>14,75%</b> | <b>R\$ 1.621</b> | <b>+0,05%</b><br><b>R\$ 5,159</b> | <b>-0,36%</b><br><b>R\$ 5,951</b> | <b>-0,52%</b><br><b>R\$ 6,825</b> |

| Inflação            |      |
|---------------------|------|
| IPCA do IBGE (em %) |      |
| Fevereiro/2026      | 0,7  |
| Janeiro/2026        | 0,33 |
| Dezembro/2025       | 0,33 |
| Novembro/2025       | 0,18 |
| Outubro/2025        | 0,09 |



## IRPF 2026

# Pensão alimentícia exige atenção do contribuinte

Entenda como informar valores pagos e quais situações permitem abatimento

Priscila Perez  
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

A Receita Federal já está recebendo as declarações do Imposto de Renda (IRPF) 2026, cujo prazo segue aberto até 29 de maio. O período é marcado por dúvidas sobre o que pode, ou não, ser deduzido da base de cálculo do imposto. Entre os temas que mais geram confusão está a pensão alimentícia, tanto pela forma correta de informar os valores quanto pela própria possibilidade de dedução. E quando há erros no preenchimento ou falta de comprovação legal, surgem inconsistências na declaração que aumentam, e muito, as chances de cair na malha fina.

Para esclarecer em quais situações a pensão alimentícia pode ser deduzida e quais cuidados devem ser observados na hora de declarar o IRPF 2026, a reportagem do jornal **A União** conversou com o professor de Ciências Contábeis do Centro Universitário de João Pessoa (Unipê), Paulo César Pereira da Silva. Segundo ele, o pagamento é totalmente dedutível da base



Foto: Carlos Rodrigo

Para declarar a pensão, o acordo deve estar formalizado e homologado pela Justiça

de cálculo do IR do pagador, mas existe uma regra fundamental: a obrigação precisa estar formalizada, seja por decisão judicial, acordo homologado judicialmente ou escritura pública, feita em cartório.

“Ou seja, qualquer acordo informal, de ‘boca’, entre as partes, não permite dedução”, esclarece o especialista. Dessa forma, mesmo os pagamentos recor-

rentes, mas informais, não são reconhecidos pela Receita. Na ficha Pagamentos efetuados, sob os códigos 30, 31 ou 33, referentes à pensão, o contribuinte deve incluir o nome completo e o CPF do beneficiário, enquadrado como alimentando — e nunca do responsável que recebe em nome dele.

Devido a essas particularidades, equívocos na hora do preen-

chimento são bastante frequentes. Entre os mais comuns estão a tentativa de deduzir valores pagos sem respaldo judicial, a divergência entre os valores informados pelas partes envolvidas e o enquadramento incorreto da pensão alimentícia como doação. “O principal cuidado é com a coerência entre quem paga e quem recebe, além da documentação formal”, ressalta.

## Pagamentos precisam ser comprovados

De acordo com Paulo César, a existência de um acordo formal não é o único cuidado necessário. Também é importante que os pagamentos possam ser comprovados por meio de transferências bancárias identificadas, Pix ou recibos que contenham o CPF do beneficiário. Por isso, a orientação é que o contribuinte mantenha a documentação que comprove a origem da obrigação e os valores pagos. O professor explica que a ras-

treabilidade é um dos pontos mais observados pela Receita Federal no cruzamento das informações declaradas.

“A Receita exige documento formal e identificação clara de quem paga, quem recebe e do beneficiário, além de comprovante de pagamento”, enumera. Não à toa, depósitos realizados em dinheiro, sem qualquer registro, podem dificultar a comprovação da despesa e gerar inconsistências.

Outra dúvida comum diz

respeito à declaração de quem recebe esses valores. Atualmente, a pensão alimentícia é considerada “rendimento isento e não tributável”, mas, ainda assim, deve ser informada no IRPF, caso o contribuinte esteja obrigado a declarar o imposto. Nessa situação, o valor deve ser registrado na linha Pensão alimentícia (código 28), com a indicação do CPF de quem efetuou o pagamento e do total recebido ao longo do ano.

“Não há mais incidência de IR sobre esses valores”, reforça Paulo. Mas atenção: a pensão só entra na declaração se o filho for declarado como dependente por quem recebe a pensão. Agora, se ele declarar separadamente, a informação deve constar no IR dele. Vale lembrar que o registro correto dessas informações é fundamental para manter a coerência entre os dados apresentados pelas partes e evitar divergências com o Leão.

## Gastos com dependente têm regras específicas

Além disso, o professor também destaca que quem paga pensão alimentícia não pode declarar o filho como dependente. Nesse caso, o beneficiário deve ser informado na ficha de alimentandos, o que permite a dedução do valor pago, mas impede a inclusão de outras despesas relacionadas ao filho, como gastos com educação ou saúde. Este, aliás, é um dos pontos que mais geram dúvidas entre os contribuintes.

“Despesas médicas só podem ser deduzidas por quem declara o dependente. No caso da pensão alimentícia, não há dependente, mas, sim, alimentando, o que impede esse tipo de abatimento”, esclarece. Como explica o professor, despesas adicionais,

como mensalidade escolar, só podem ser consideradas parte da pensão quando estiverem previstas na decisão judicial. “Escola paga ‘por fora’ não deduz como pensão. Já escola prevista na sentença pode deduzir”, afirma.

Por isso, Paulo recomenda que o contribuinte sempre verifique se as informações declaradas estão coerentes com o que foi formalizado e reúna os documentos que comprovem tanto a obrigação quanto os pagamentos realizados.

Para fazer o IRPF 2026, baixe o programa oficial no site da Receita ou declare, de forma *on-line*, pelo serviço Meu Imposto de Renda. O importante é não deixar para a última hora.

## Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira  
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

### A dívida e a metáfora do peixe e do chocolate

Neste domingo de Páscoa, enquanto as famílias se reúnem para dividir chocolates e saborear o tradicional peixe, o cenário econômico brasileiro exige uma reflexão menos adocicada. A travessia tem sido difícil: **inadimplência** e **endividamento** alcançaram marcas inéditas em 2026. De acordo com dados recentes da **Serasa** e da **CNDL**, o ano começou com mais de **73 milhões de consumidores negativados**, números que evidenciam não apenas um tropeço momentâneo, mas uma barreira estrutural à recuperação financeira.

Entre empresas e famílias, há um esforço constante para manter a cabeça fora d’água, mas o “sal” que pesa nessa receita tem origem distante. A escalada das tensões entre **EUA** e **Irã** não é apenas um capítulo da política internacional; ela chega diretamente ao cotidiano brasileiro. A instabilidade no Oriente Médio, sobretudo no **Estreito de Ormuz**, elevou

o preço do petróleo e, consequentemente, do **diesel**.

O combustível funciona como o sangue que permeia a atividade econômica. Quando o **diesel** aumenta, o frete encarece, e toda a cadeia de produção e consumo — do campo às gôndolas — sente o impacto. Para quem já convive com dívidas ou renda corroída, esse movimento restringe escolhas e comprime ainda mais o orçamento,

tomando a reorganização financeira um desafio crescente.

A simbologia da **Semana Santa** remete ao peixe, que hoje se transforma numa **metáfora** da economia doméstica: resiliente, mas vulnerável. Assim como o peixe depende de água limpa e oxigenada, o mercado precisa de crédito saudável e inflação controlada. Contudo, o ambiente atual carrega excesso de “sal” — juros altos e endividamento — que, em vez de preservar, acaba por ressecar o poder de compra das famílias.

Muitos brasileiros vivem como o peixe na rede: quanto mais tentam escapar por meio de empréstimos ou cartões para cobrir gastos básicos, mais ficam presos nas malhas da inadimplência.

E, neste domingo, enquanto o chocolate representa celebração e afeto, ele também provoca uma lição útil: **equilíbrio**. Chocolate demais faz mal; crédito sem planejamento também. A economia, tal qual uma boa receita de bacalhau, depende da medida exata. O excesso de dívida é o sal que passa do ponto, tomando amarga a experiência financeira de grande parte das famílias.

A Páscoa fala de renovação e, no campo econômico, essa renovação exige **educação financeira**, organização e atenção ao ambiente geopolítico. Com as tensões externas pressionando nossos custos internos, cresce a importância de uma gestão atenta do fluxo de caixa.

Que o chocolate de hoje não se transforme na dívida de amanhã. E que o peixe da semana sirva de lembrete de que navegar em águas agitadas pede mais que esperança: requer **disciplina, planejamento** e a consciência de que o orçamento doméstico jamais esteve tão conectado ao resto do mundo. **Feliz Páscoa! — com doçura, reflexão e lucidez financeira.**

Foto: Arquivo pessoal



Paulo César Pereira da Silva, professor de contabilidade

## INADIMPLÊNCIA

## 86% dos devedores são reincidentes

Nos últimos 12 meses encerrados em fevereiro de 2026, houve um aumento de 12,49% no número de recorrentes

Em fevereiro de 2025, o Indicador de Reincidência de Pessoas Físicas, apurado pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo SPC Brasil (Serviço de Proteção ao Crédito), revelou que do total de negativados, 86,41% foram de devedores reincidentes, ou seja, consumidores que já tinham aparecido no cadastro de inadimplentes nos últimos 12 meses.

Dentro do universo de reincidentes de fevereiro, a maior parte – 68,22% – ainda não havia quitado as pendências antigas e foi negativada novamente. Outros 18,19% tinham saído do cadastro de devedores nos últimos 12 meses, mas retornaram. Apenas 13,59% dos negativados em fevereiro não estiveram com restrições no CPF ao longo do último ano.

Um dado de atenção é o tempo médio decorrido entre o vencimento de uma dívida e o vencimento de demais pendências para os reincidentes: em fevereiro, esse período foi de 72,9 dias. Isso significa que, em média, após cerca de 2,4 meses do vencimento de uma dívida negativada, outra dívida já vence.

Os dados do indicador mostram que, nos últimos 12 meses encerrados em fevereiro de 2026, houve um crescimento de 12,49% no número de devedores reincidentes, aqueles que já tinham aparecido no cadastro de inadimplentes no período analisado. A comparação é com os 12 meses anteriores.

“A entrada para o cadastro de inadimplentes raramente é um fato isolado ou fruto de um descuido momentâneo. O que observamos é a consolidação de um ciclo vicioso, em que a imensa maioria dos novos registros pertence a consumidores que já enfrentaram restrições recentemente. Essa reincidência sistemática sugere que os problemas financeiros desses indivíduos são estruturais e persistentes, criando uma barreira difícil de romper para a plena recuperação da saúde financeira”, destaca o presidente da CNDL, José César da Costa.

## Perfil

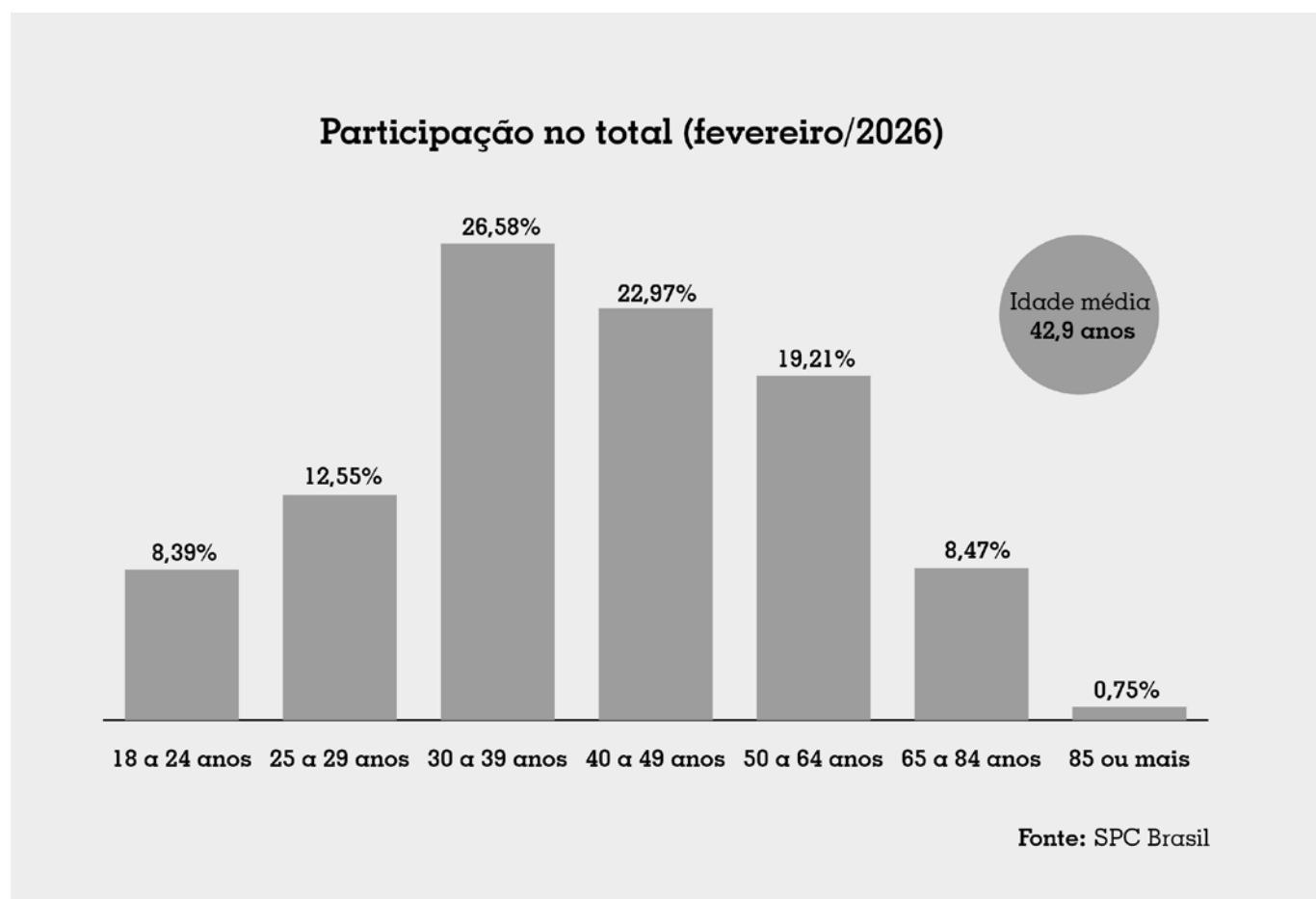
A análise do perfil dos devedores reincidentes em fevereiro de 2026 aponta que a faixa etária de 30 a 39 anos continua sendo a mais representativa, com 26,58% do total. Quanto à participação por sexo, a distribuição mantém-se equilibrada: 56,42% mulheres e 43,58% homens.

O Indicador de Recuperação de Crédito de Pessoas Físicas do SPC Brasil mostra a evolução do número de consumidores que deixaram os cadastros de inadimplentes por terem realizado o pagamento das suas dívidas em atraso. São utilizadas as informações de saídas de CPFs das bases às quais o SPC Brasil tem acesso. Em conjunto com os dados de reincidência, esses dados permitem melhor monitoramento da inadimplência no país, que atinge cerca de 44,11% da população adulta.



Foto: Reprodução/Freepik

Entre os consumidores que estão novamente na lista de inadimplência, 68,22% não haviam quitado as pendências antigas e foram negativados



Maioria dos devedores (26,58%) está na faixa etária de 30 a 39 anos, enquanto a minoria (0,75%) tem mais de 85 anos

## Recuperação de crédito para o consumidor piora

Paralelamente à alta reincidência, o Indicador de Recuperação de Crédito de Pessoas Físicas – que acompanha o número de consumidores que conseguiram sair dos cadastros de inadimplentes – registrou uma queda ainda mais acentuada. Nos 12 meses encerrados em fevereiro de 2026, houve uma redução de -7,12% no número de consumidores que limpam o nome, em comparação com os 12 meses anteriores.

A queda do indicador acumulado em 12 meses concentrou-se na diminuição da recuperação de consumidores que levaram de quatro a cinco anos (-23,67%) para efetuar o pagamento de todas as dívidas. Ao observar o perfil dos consumidores que efetivamente recuperaram o crédito em fevereiro, a faixa etária de 50 a 64 anos teve a maior participação, com 25,18, sendo 50,96% mulhe-

res e 49,04% homens.

O valor médio pago por consumidor recuperado em fevereiro de 2026 foi de R\$ 2.030,66 na soma de todas as dívidas que tinha. Os dados ainda mostram que 65,32% pagaram até R\$ 500 nas dívidas que possuíam. “A alta taxa de reincidência demonstra que sair da lista de negativados não significa, necessariamente, que o consumidor resolveu sua situação econômica de longo prazo. Existe uma parcela significativa de pessoas que consegue quitar seus débitos, mas acaba retornando ao cadastro em pouco tempo. Esse cenário aponta para uma vulnerabilidade contínua, em que o orçamento doméstico permanece tão pressionado que qualquer novo imprevisto conduz o cidadão ao estado de inadimplência”, alerta o presidente do SPC Brasil, Roque Pellizzaro Júnior.

## Quantidade de endividados cresce 38,1%

Quatro em cada 10 brasileiros que estão inadimplentes hoje estavam com nome negativado há uma década, segundo levantamento inédito sobre os 10 anos do Mapa da Inadimplência da Serasa, divulgado desde 2016. O dado de reincidência aparece em um cenário de avanço consistente da inadimplência no país. Ao longo dos últimos 10 anos, o número de brasileiros com contas em atraso cresceu 38,1%.

Na fotografia mais recente, referente a fevereiro de 2026, o país alcança 81,7 milhões de pessoas em situação de inadimplência. Ao todo, são mais de 332 milhões de dívidas – volume 43% superior ao registrado em 2016. Como consequência, a dívida média por consumidor avançou 12,2%, passando de R\$ 5.880,02 para R\$ 6.598,13, considerando valores corrigidos pela inflação entre os anos.

“O avanço da inadim-

plência ao longo da última década reflete uma combinação de fatores econômicos e comportamentais”, afirma Aline Vieira, especialista da Serasa em educação financeira. “O período foi marcado por juros elevados e pressão inflacionária, que impactaram diretamente o orçamento das famílias. Ao mesmo tempo, houve ampliação do acesso ao crédito, muitas vezes sem o devido planejamento, levando parte dos consumidores a utilizá-lo como complemento de renda, e não como um recurso pontual”.

O estudo também mostra transformações no perfil dos consumidores endividados, com destaque para o avanço da inadimplência entre a população com mais de 60 anos. Em 2016, esse grupo representava 12,23% do total de inadimplentes – a menor participação entre as faixas etárias. Dez anos depois, o cenário inverte-se: enquanto

os jovens de 18 a 25 anos reduzem sua participação em 4 pontos percentuais (p.p.), os consumidores acima de 60 anos ampliam sua fatia em 7 p.p.

Outra mudança relevante é a de gênero. Ao longo da década, as mulheres passaram a ser maioria entre os inadimplentes. Em 2016, elas representavam 49,8% do total, ante 50,2% dos homens. Hoje, somam 50,5%, enquanto eles respondem por 49,5%.

## Desafio estrutural

Ao analisar o contingente de brasileiros que estão inadimplentes e estavam na mesma situação há 10 anos – 34 milhões de consumidores –, a especialista destaca a importância do planejamento financeiro para garantir estabilidade a longo prazo.

“Negociar as dívidas é um passo fundamental, mas o acesso a condições facilitadas precisa vir acompanhada de informação e organiza-

ção, para que o consumidor consiga manter o equilíbrio de forma sustentável”, afirma. “Ao combinar oportunidades com ações contínuas de educação financeira, como oferecemos em nossos mutirões, ajudamos a transformar hábitos e evitar o retorno à inadimplência”.

## Gênero

**Neste ano, as mulheres passaram a ser maioria entre os inadimplentes, com 50,5%, enquanto homens representam 49,5%; em 2016, eles eram maioria (50,2%)**

EDITAIS PTHI

## Estado ampliou o apoio as startups focando instituições

Ações criam investimentos em infraestrutura e geram impactos sociais

Ascom Secties

Com foco na inovação e no desenvolvimento econômico, o Governo da Paraíba lançou novos editais que ampliam o apoio a startups e estruturam a atuação de instituições estratégicas no estado. As iniciativas, vinculadas ao Parque Tecnológico Horizontes de Inovação (PTHI), combinam investimento financeiro, infraestrutura e articulação institucional para consolidar um ecossistema mais integrado, capaz de transformar tecnologia em impacto social e territorial.

Ao todo, três frentes ganham destaque: duas chamadas do edital Conectando Startups 2026, voltadas às áreas de segurança alimentar e nutricional e Saúde Digital e Biotecnologia e a primeira chamada pública para seleção das Âncoras de Intensidade Tecnológica e Social (AITS).

Coordenadas pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), com execução do PTHI e fomento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq), as ações reforçam o compromisso do Governo do Estado com a interiorização do desenvolvimento tecnológico e a geração de oportunidades.

O secretário da Secties, Cláudio Furtado, destaca que os editais representam uma mudança de escala no incentivo à inovação. “Estamos estruturando um ecossistema completo. Não é apenas financiar ideias,



Foto: Mateus de Medeiros

Sede da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, em JP

mas garantir que elas encontrem ambiente, conexão e condições reais de crescimento. O Parque Tecnológico é o espaço onde isso acontece, integrando governo, academia, empresas e sociedade em torno de soluções concretas para a Paraíba”.

A coordenadora do Programa Parque Tecnológico Horizontes de Inovação, Francilene Procópio, destacou que o lançamento das novas chamadas do Conectando Startups reforça o papel do programa na articulação entre as vocações científicas e tecnológicas da Paraíba e a capacidade empreendedora das startups, voltada à solução de desafios estratégicos. “Após três edições anteriores, que somaram mais de R\$ 7 milhões em investimentos, os novos edi-

tais avançam ao focar em áreas prioritárias como segurança alimentar e nutricional, além de saúde e biotecnologia, ampliando as oportunidades para o desenvolvimento de soluções inovadoras com impacto direto no estado”.

### Conectando

O programa Conectando Startups chega à sua edição de 2026 com ampliação significativa dos investimentos. Cada startup selecionada poderá receber até R\$ 250 mil em subvenção econômica, valor superior ao das edições anteriores, para desenvolver, validar ou escalar soluções tecnológicas.

As duas chamadas abertas contemplam áreas estratégicas: Segurança Alimentar e Nutri-

cional: soluções voltadas à produção, distribuição, qualidade e sustentabilidade dos alimentos; Saúde Digital e Biotecnologia: tecnologias aplicadas ao cuidado em saúde, gestão de sistemas e desenvolvimento de novos produtos e serviços, com foco no SUS.

Cada chamada contará com R\$ 5 milhões em recursos, distribuídos entre projetos em fase inicial (desenvolvimento tecnológico) e soluções mais maduras (escala e validação). Além do apoio financeiro, as startups terão acesso a laboratórios, ambientes de teste e redes de colaboração com universidades e centros de pesquisa. A proposta é acelerar o ciclo de inovação e ampliar a aplicação prática das tecnologias.

## Âncoras: a base que sustenta o ecossistema

O edital das Âncoras de Intensidade Tecnológica e Social (AITS) cumpre um papel de atrair instituições capazes de consolidar o PTHI como um polo de inovação de alcance nacional e internacional. As âncoras são organizações que funcionam como polos de atração de talentos, projetos e investimentos, promovendo a integração entre ciência, tecnologia, setor produtivo e sociedade.

O edital das âncoras prevê a atuação em três tipos de ambientes: *living labs* permanentes – espaços de experimentação em contextos reais; laboratórios de produção avançada e micro-fábricas – voltados à prototipagem e manufatura tecnológica; *hubs* estratégicos – centros de articulação institucional e atra-

ção de investimentos.

As instituições selecionadas terão acesso à infraestrutura do parque, incluindo espaços colaborativos, auditórios, laboratórios e áreas para demonstração tecnológica.

Além do desenvolvimento científico, o projeto também aposta na revitalização urbana da capital. Instalado no Centro Histórico de João Pessoa, o PTHI busca transformar a região em um polo dinâmico de inovação, conectando tecnologia, cultura e desenvolvimento econômico.

As instituições selecionadas como âncoras deverão desenvolver ações contínuas que fortaleçam o ecossistema e ampliem o acesso à inovação. Entre as contrapartidas estão a

realização de cursos, oficinas e eventos; apoio a startups e empreendedores; parcerias com universidades; programas de inclusão de jovens e mulheres na tecnologia; iniciativas de inovação urbana e engajamento comunitário.

A execução das atividades será monitorada por indicadores de desempenho, garantindo que os resultados gerem impacto real no território.

### Participação

As inscrições para os editais seguem formatos distintos, de acordo com o perfil de cada iniciativa.

No caso do edital Conectando Startups 2026, as propostas devem ser submetidas por meio do sistema eletrônico da

Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq), com o envio do formulário do projeto e de toda a documentação exigida em edital, dentro do prazo estabelecido no cronograma oficial.

Já para o edital das Âncoras de Intensidade Tecnológica e Social (AITS), as inscrições são gratuitas e realizadas em fluxo contínuo, por meio de formulário *on-line*, disponibilizado no site da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties). As propostas podem ser submetidas enquanto o edital estiver vigente e a convocação das instituições selecionadas ocorre de acordo com a disponibilidade de espaços e o planejamento estratégico do parque.

■ Além do desenvolvimento científico, o projeto também aposta na revitalização urbana da capital



Área interior da Secties, ao lado da Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves

## Poeira Estelar

Claudio Furtado  
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

## O que aprendi com o professor João Azevêdo

Em 2011, eu assumi a presidência da Fundação de Apoio à Pesquisa, a Fapesq, que era vinculada à então Secretaria de Recursos Hídricos, Meio Ambiente e Ciência e Tecnologia, cujo secretário era o professor João Azevêdo Lins Filho. Eu já conhecia o professor João, mas, a partir desse momento, passamos a ter uma convivência muito mais próxima, no dia a dia.

Eu vinha da UFPB, como pesquisador, para assumir um desafio grande, com toda aquela visão da ciência pela ciência, que é a forma como a gente aprende na universidade e enxergamos a produção do conhecimento.

Mas meu pensamento começou a mudar com a convivência com o professor João Azevêdo.

Eu lembro de várias conversas em que eu apresentava projetos, ações de pesquisa, coisas que a gente poderia fazer para atender as nossas universidades, e ele sempre me perguntava: “Mas, Cláudio, o que disso realmente contribui para o desenvolvimento do estado? O que fica aqui na Paraíba? O que retorna para a sociedade? Mesmo sendo uma pesquisa que tem impacto global, o que ela traz, na prática, para o nosso estado?”.

Outro ponto que ele sempre colocava era: “Como é que a gente acompanha aquilo que o Estado está investindo? O que está sendo produzido? O que não vai ficar na prateleira? Como aproximar mais a universidade, fazendo com que ela dialogue diretamente com os problemas do dia a dia?”

Eu, como pesquisador de Física teórica, estudando problemas da formação do universo, problemas de mecânica quântica, fiquei inquietado por esses questionamentos. E, a partir daí, a gente começou a incorporar essa visão nas políticas públicas.

Vieram editais que já traziam essa necessidade de aplicação e de retorno. Não deixando de apoiar a pesquisa básica, mas também estimulando aquelas pesquisas que pudessem gerar impacto direto, seja em empresas, em hospitais, em soluções concretas para a população. Como criar ambientes de aplicação, como fazer com que esse conhecimento chegasse, de fato, às pessoas.

Começamos a ver aplicações muito concretas, como na melhoria da qualidade da água, com os dessalinizadores, no planejamento de cirurgias com parcerias com o Núcleo de Tecnologias Estratégicas em Saúde (Nutes/UEPB), em várias outras ações que mostram que a ciência pode, sim, responder às demandas da sociedade.

Durante a pandemia, isso ficou ainda mais claro. O Estado conseguiu dar respostas importantes com base na ciência e na tecnologia, mostrando que essa visão de aplicação, de impacto, faz diferença na vida das pessoas.

A construção de ferramentas como o Sistema de Inteligência de Dados em Ciência e Tecnologia do Estado da Paraíba (SIDTEC), também vem desses ensinamentos. Hoje, a gente consegue olhar a produção científica do estado, acompanhar o que está sendo feito, quem está produzindo e o que está sendo desenvolvido.

Atualmente, a minha visão como pesquisador é completamente diferente do que era lá atrás. Eu continuo acreditando na importância da ciência em todas as áreas, inclusive na ciência mais básica. Mas também entendo, com muita clareza, que a gente precisa melhorar a resposta para a sociedade, aproximar as universidades dos problemas reais, pensar na formação de professores, gerar impacto.

Então, aqui fica o meu agradecimento ao professor João Azevêdo, que agora encerra esse ciclo no governo para cumprir outras missões, mas que deixa um legado muito forte. Mais do que obras ou ações específicas, fica o ensinamento, a forma de enxergar, a forma de pensar a ciência e a gestão.

Obrigado, professor João Azevêdo, pelos ensinamentos. Isso eu levo comigo.

“O homem erudito é um descobridor de fatos que já existem, mas o homem sábio é um criador de valores que não existem e que ele faz existir.”

Albert Einstein

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba é professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador



Incidentes afetam principalmente cidades de médio e grande porte, causando desde transtornos no trânsito até danos a imóveis

Foto: Francisco Pereira

## VIAS URBANAS

# Impermeabilização gera alagamentos

*Asfaltamento sem um sistema de drenagem adequado reduz a infiltração da água no solo, causando desastres*

Samantha Pimentel  
samanthaunio@gmail.com

Quando chuvas intensas atingem, sobretudo, as médias e grandes cidades, é comum que problemas como alagamentos e inundações ocupem os noticiários. A água entra nas casas de moradores, principalmente em regiões periféricas, provoca a perda de móveis e eletrodomésticos e causa danos estruturais aos imóveis, além dos riscos à vida. Em casos menos graves, transtornos como engarrafamentos também são provocados pela falta de drenagem adequada nas vias e espaços urbanos. Nesse cenário, opções mais sustentáveis vêm sendo apontadas para garantir a melhor infiltração das águas pluviais e para que elas sigam seu curso natural, sem causar prejuízos. A escolha dos materiais usados em obras de urbanização e pavimentação do solo e a presença de parques urbanos e outros espaços verdes em meio às cidades também fazem a diferença.

Segundo Andréa Carla Lima Rodrigues, engenheira civil e professora da Universidade Federal de Campi-

na Grande (UFCCG), o manejo de águas pluviais é um direito da população, garantido por lei. “A gente tem uma lei nacional de saneamento básico — a Lei nº 11.445/2007 —, que estabelece como direito da sociedade quatro pilares: o abastecimento de água potável, o recolhimento de águas residuárias de esgotos, o recolhimento de lixo e a gestão de resíduos sólidos e, também, a gestão e o manejo de águas pluviais”, aponta. Porém, mesmo presente no texto, esse manejo inadequado está associado à problemática de inundações e alagamentos, que acontecem recorrentemente todos os anos.

Dados do Atlas de Desastres, base nacional consolidada pelo Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional a partir de registros de estados e municípios, apontam que, de 1991 a 2024, o Brasil registrou 5.448 mortes causadas por desastres, sendo 71,8% classificados como enxurradas, alagamentos, inundações ou chuvas intensas. Na Paraíba, no mesmo período, foram 37 óbitos e mais de 105 pessoas desabrigadas ou desalojadas. Nesse cenário,

as enxurradas representam 78,38% dos casos observados em solo paraibano, enquanto os demais se referem a seca ou estiagem.

Os números indicam um fenômeno resultante de uma quebra no ciclo natural da água. Conforme explica Andréa, parte da água das chuvas deveria naturalmente se infiltrar no solo, alcançando os lençóis subterrâneos. “No entanto, quando a gente faz o processo de urbanização, normalmente, limita-se esse processo de infiltração e, obviamente, há um maior percentual de água que vai escoar pelas ruas, pela superfície do solo”, afirma. Com o uso de concreto, asfalto ou outros materiais do tipo, os ambientes vão sendo impermeabilizados, o que impede ou ao menos reduz bastante a possibilidade de infiltração desse recurso.

“O que normalmente deve ser feito? Existem as estruturas do sistema de drenagem urbano, que são feitas para coletar esse excesso de água que vem pela superfície. Isso inclui os canais, as bocas de lobo, sarjetas, guias, todos esses elementos que devem ser feitos antes de pavimentar uma rua”, elucida a professora.

A gerente operacional de Coleta Seletiva da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas-PB), Jessika Rodrigues, também pontua que a pavimentação de vias tem relação direta com o aumento de problemas de alagamento nas cidades. “Superfícies como asfalto e concreto reduzem drasticamente a infiltração da água no solo, aumentando o escoamento superficial e fazendo com que grandes volumes de água cheguem rapidamente aos sistemas de drenagem. Como esses sistemas, em geral, não são dimensionados para esse volume e velocidade, ocorre o transbordamento”, declara.

O cenário ainda é agravado por fatores como a obstrução de galerias por resíduos descartados de forma incorreta e a ocupação inadequada de áreas naturalmente sujeitas à inundação, sobretudo por famílias em situação de vulnerabilidade social e econômica. Por isso, esses problemas costumam potencializar-se em áreas periféricas.

Um levantamento realizado pelo Instituto Trata Brasil e divulgado no ano passado aponta que, pelo menos, 32,49% dos municípios bra-

sileiros não possuem qualquer tipo de sistema de drenagem de água da chuva. A pesquisa foi feita com base no Diagnóstico Temático do Sistema Nacional de Informações em Saneamento Básico (Sinisa) para Drenagem e Manejo de Águas Pluviais Urbanas (Dmapu), um documento técnico produzido pela Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental do Ministério das Cidades com dados de 2023.

### Materiais

A professora Andréa chama a atenção para outro problema: em muitos casos, os sistemas de drenagem e o manejo de águas pluviais são desconsiderados durante a execução dos projetos urbanos. “Hoje também já se avançou muito nos materiais de uma forma geral, e a gente já tem vários tipos de pavimentos que são mais porosos e permitem uma maior infiltração da água. Alguns asfálticos já são considerados permeáveis e temos soluções em concreto também mais permeáveis, que são o que a gente chama de ‘piso-grama’”, exemplifica.

Há outras opções, como blocos intertravados drenan-

tes, que permitem a infiltração da água da chuva diretamente no solo. “Além dos materiais, entram as soluções complementares, que funcionam como uma engrenagem integrada de drenagem urbana. Os jardins de chuva, por exemplo, são projetados para captar e infiltrar a água em áreas com dificuldade de escoamento, reduzindo alagamentos e processos erosivos. De quebra, ainda qualificam o espaço urbano, trazendo vegetação e melhorando o microclima”, afirma Jessika.

A gerente operacional da Semas-PB destaca ainda as valas de infiltração, estruturas simples que conduzem a água para o solo, favorecendo a recarga dos aquíferos e diminuindo o volume que iria para as galerias pluviais. “Em cidades como João Pessoa, onde há períodos de chuvas intensas combinados com expansão urbana, esse conjunto de soluções deixa de ser tendência e passa a ser necessidade. É uma mudança de lógica: sair de um modelo que só drena rapidamente para outro que retém, infiltra e equilibra o ciclo da água dentro da própria cidade”, ressalta.

## Soluções sustentáveis transformam cidades em “esponjas”

O sistema de drenagem mais convencional, feito de “estruturas cinzas”, é um modelo que vem sendo substituído por opções cada vez mais sustentáveis, conforme aborda Andréa Rodrigues. “O que se pensa hoje é muito mais alinhado aos conceitos de sustentabilidade e de cidades inteligentes. Existe um arquiteto chinês, Kongjian Yu, criador do termo ‘cidades-esponjas’, e, pela ideia do conceito, a gente tem que diminuir a necessidade de construção de infraestruturas em concreto, com canalizações e grandes canais, e trabalhar mais com a questão de que as cidades podem absorver essa quantidade de água que cai da chuva. Por isso esse termo ‘esponja’”, afirma a professora.

Segundo Jessika Rodrigues, a presença de parques urbanos e áreas arborizadas exerce um papel estratégico na mitigação de alagamentos. “Na prática, esses espaços funcionam como áreas natu-

rais de infiltração e retenção temporária da água da chuva, reduzindo o volume que escoar superficialmente e aliviando a sobrecarga das redes de drenagem, especialmente em eventos de chuva mais intensa”, esclarece.

Além disso, a vegetação melhora a estrutura do solo, aumenta sua porosidade e favorece a absorção da água, contribuindo diretamente para a redução dos picos de cheia. “Em cidades como João Pessoa, onde o regime de chuvas pode ser concentrado em determinados períodos, esses espaços são ainda mais relevantes, pois ajudam a equilibrar o ciclo hidrológico urbano e a preservar a qualidade ambiental. Trata-se de uma solução que une engenharia e natureza de forma inteligente, trazendo não só benefícios hidráulicos, mas também conforto térmico, melhoria da qualidade do ar e bem-estar para a população”, acrescenta a gerente operacional da Semas-PB.

Ela também comenta que, nas “cidades-esponja”, a sustentabilidade deixa de ser um conceito abstrato e passa a ser um elemento estruturante do desenvolvimento urbano. Já a professora Andréa elenca soluções como telhados verdes e sistemas de reaproveitamento da água da chuva que podem ser implantados como uma política pública. “Existem alguns estudos aqui, na universidade, [que abordam] a possibilidade de transformar em lei o recolhimento de água de chuva em prédios públicos. E, quando se faz essa captação, deixa-se de lançar essa água no sistema de drenagem e acaba-se tirando um pouco do excesso no sistema. Por outro lado, a gente consegue utilizar essa água, reduzindo a conta de água”, detalha.

De acordo com ela, alguns países já vêm experimentando soluções mais sustentáveis desse tipo, a exemplo da Inglaterra, Holanda e China. No Brasil, a professora cita os

exemplos de Belo Horizonte, onde há jardins de chuva, e São Paulo, com calçadas verdes que facilitam a absorção da água. “Na Paraíba, aqui, na universidade, vários professores estudam essa questão. Mas a legislação também tem que ajudar nesse sentido, gerando, nas pessoas, uma consciência maior sobre o uso de água da chuva”, diz Andréa. Para ela, cabe aos gestores executar grande parte dessas políticas, enquanto a população deve cobrar por essas ações.

Já Jessika especifica, como exemplos de soluções sustentáveis no estado, os Parques Parahyba, em João Pessoa. Esses são espaços lineares implantados em áreas estratégicas da cidade, com múltiplas funções. “Do ponto de vista da drenagem, eles ajudam a reduzir a velocidade do escoamento superficial, ampliam as áreas de infiltração e contribuem para diminuir pontos de alagamento. Por estarem localizados



Parques Parahyba, em JP, ajudam a reduzir impactos

próximos a canais urbanos, esses espaços também funcionam como áreas de amortecimento. Em situações de chuva intensa, parte da água que poderia transbordar para vias e áreas ocupadas é temporariamente retida e infiltrada no solo, reduzindo impactos e favorecendo a recarga de aquíferos e a conexão com outros corpos hídricos”, afirma.

A gerente operacional da Semas-PB informa ainda que iniciativas vêm sendo conduzidas pela secretaria, reforçando essa linha de atuação, com projetos voltados à arborização urbana, recuperação de áreas degradadas e proteção de matas ciliares. Entre os destaques, estão o programa Paraíba Mais Verde e ações voltadas à educação ambiental.

## SÉRIE D

# Serra Branca estreia contra o Sergipe

Time paraibano participa, pela primeira vez, do Brasileiro e começa atuando no Estádio Amigão

Danrley Pascoal  
danrleyp.c@gmail.com

O Serra Branca dará mais um passo na construção da sua curta, porém extraordinária história. Depois de ter feito sua primeira aparição na Copa do Brasil, o clube do Cariri inicia, hoje, sua primeira participação na Série D do Campeonato Brasileiro. Às 16h30, no Amigão, enfrenta o Sergipe, em duelo válido pela primeira rodada do Grupo A9. A chave ainda tem Treze, Retrô-PE, Decisão-PE e Lagarto-SE. Ao todo, a primeira fase terá 10 rodadas.

Para a atual temporada, Roberto Maschio iniciou os trabalhos como treinador do clube, mas acabou demitido após início irregular no Estadual. Agora, Gerson Gusmão é quem comanda o Carcará, tendo a missão de classificar a equipe para a Série C ou fazer grande campanha, garantido vaga na Série D de 2027, objetivo que não foi alcançado via Campeonato Paraibano.

Marcelo Toscano é um dos principais nomes do Serra Branca para o torneio nacional. O centroavante teve boas atuações no Campeonato Paraibano: foram quatro gols marcados e uma assistência concedida no certame local. Agora, ele busca repetir o desempenho na Quarta Divisão para ajudar o Carcará a alcançar o acesso.

“Quero dar sequência [ao bom momento] na Série D [...]. Feliz pela campanha, pelo meu trabalho, pelo meu desempenho. E, tudo isso, eu agradeço a Deus,

por estar me dando força e também sabedoria para poder lidar com muitas coisas. A gente sabe sobre a questão da idade. Às vezes, quando você vai ser contratado, alguém já fala logo na sua idade. Eu vou mostrar sempre dentro de campo [que idade não pesa]. E eu venho demonstrando isso”, destacou o jogador de 40 anos, que falou sobre a parceria com Gerson Gusmão.

“Eu já cheguei a trabalhar contra o Gusmão quando estava na Portuguesa, lá do Rio. Ele estava no Caxias-RS e, desde então, a gente sempre acompanha o trabalho que ele vem fazendo. A nossa equipe trabalha muito e pega muito rápido aquilo que o professor passa para a gente.

Ele chegou no final do Paraibano, e a gente já conseguiu pegar um pouco do que ele gosta de trabalhar”, afirmou.

Gusmão também falou da estreia na Série D, destacando a preparação após o fim do Campeonato Paraibano. Na última semana, os trabalhos foram focados em ajustes e encaixe de jogadores. “Vamos continuar o trabalho para melhorar, para ajustar, inserir alguns atletas que ainda podem entrar na equipe. Nós ainda queremos fortalecer o nosso grupo para poder fazer uma grande competição”, destacou.

**Ascensão**  
O Carcará

vive ascensão meteórica no estado da Paraíba. Herdeiro da história do Paraíba Sport Clube, o hoje, Serra Branca é SAF desde 2022, ano em que fincou residência em Campina Grande. Mesmo atuando longe da cidade do Cariri que leva seu nome, seus dirigentes buscam manter laços com a região promovendo o traslado e incentivando torcedores a estar nos jogos dentro do Amigão.

Em 2023, inaugurou, em Campina Grande, o Centro de Treinamento Erasmo Alves Ribeiro. Com 30 mil m<sup>2</sup>, o espaço conta com academia, área de fisioterapia, campos com dimensões oficiais e um espaço moderno de alojamento para

atletas e comissão técnica. Naquele ano, o Serra disputou a Primeira Divisão do estado pela primeira vez, sendo o oitavo colocado. Nas edições seguintes, o desempenho, por conta dos investimentos, melhorou e a equipe fez grandes campanhas.

Em 2024, 2025 e 2026, o Serra Branca foi semifinalista do certame local. A boa campanha do ano passado deu a classificação para a Copa do Brasil e para a Série D. Apesar de não ter alcançado seu principal objetivo deste ano: chegar à final do Estadual. Agora, o sonho é ter um desempenho digno no torneio nacional. O clube tem Enzo Ribeiro como seu presidente e Rafael Farias como CEO.

Jogadores treinando bastante concentrados para a estreia na Série D do Brasileiro



Foto: Reprodução/Instagram @serrabranca.ec

### JOGOS DO TURNO

- **1ª rodada:** hoje, às 16h30 Serra Branca x Sergipe, no Estádio Amigão (Campina Grande-PB);
- **2ª rodada:** 12/4, às 17h30 – Retrô x Serra Branca, na Arena Pernambuco (São Lourenço da Mata-PE)
- **3ª rodada:** 18/4, às 16h30 – Serra Branca x Decisão, no Estádio Amigão (Campina Grande-PB);
- **4ª rodada:** 25/4, às 17h – Treze x Serra Branca, no Estádio Amigão (Campina Grande-PB);
- **5ª rodada:** 2/5, às 18h – Lagarto x Serra Branca, no Estádio Paulo Barreto (Lagarto-SE).

## REENCONTRO

# Sousa e Botafogo voltam atenções para a Copa do Nordeste

Da Redação

Depois das estreias no Campeonato Brasileiro séries D e C, respectivamente, Sousa e Botafogo voltam as atenções para o reencontro após a final do Campeonato Paraibano. Na quarta-feira (8), os clubes se enfrentam pela terceira rodada da fase de grupos da Copa do Nordeste, às 19h, no Marizão. Diante da maratona de jogos, os times devem jogar com equipes modificadas ou totalmente reservas. Para ambos, a prioridade é a competição nacional em detrimento ao regional.

No Nordeste, até aqui, o Botafogo soma quatro pontos, sendo vice-líder do Grupo B. Na estreia, venceu o Vitória por 2 a 1, no Barradão, em Salvador. Na sua segunda partida, o Belo apenas empatou com o ASA (2 a 2). Já o Sousa contabiliza três pontos,

tendo um triunfo (4 a 1 contra o Confiança) e uma derrota (1 a 0 contra o Piauí). O Dino ocupa a segunda posição do Grupo A.

Após o duelo de quarta-feira, os paraibanos voltam a jogar pela Copa do Nordeste no dia 15, pela quarta rodada. O Botafogo visita o Itabaiana, em Sergipe; enquanto o Sousa é mandante contra a Juazeirense. A última rodada da fase de grupos será no dia 29 de abril. O Dino viaja para Maceió, onde enfrenta o CRB, no Estádio Rei Pelé. E o Botafogo duela contra o Fluminense-PI, em João Pessoa. Os dois melhores de cada chave avançam às quartas de final, que ocorre em jogo único. Semifinal e final possuem jogos de ida e volta.

**Resultados**

A segunda rodada da Copa do Nordeste terminou



Foto: Reprodução/Instagram @botafogopb

Depois de empatar em casa com o ASA, o Belo vai enfrentar o Sousa, no Marizão

na última segunda-feira (30) com o 0 a 0 entre Jacuipense e América-RN, em Pituacú (BA). Apenas Sport, Retrô e Fortaleza têm 100% de aproveitamento: todos somaram seis pontos em duas partidas. O Regional, em sua fase inicial, é dividido em quatro grupos com cinco equipes cada um. O ASA lidera o Grupo A. A Juazeirense está em primeiro no Grupo B. Já no Grupo C a liderança é ocupada pelo Leão da Ilha. No D, o Retrô é quem está no topo.

Ainda pela segunda rodada, o CRB perdeu para o Vitória por 4 a 2; o Retrô venceu o Ceará por 3 a 1; o Maranhão foi derrotado pelo Ferroviário por 3 a 2; o Fortaleza ganhou de 2 a 1 do Imperatriz; a Juazeirense bateu o Itabaiana por 3 a 0; o Confiança fez 2 a 0 no Fluminense-PI; e o ABC perdeu para o Sport por 1 a 0.

## BRASILEIRÃO

## Fla enfrenta o Santos no Maracanã

Rodada de hoje ainda terá mais seis jogos, com outro destaque para o confronto entre Bahia e Palmeiras

Pedro Alves  
pedroalvesjp@yahoo.com.br

A 10ª rodada do Brasileirão prossegue a partir da tarde de hoje em seis estados brasileiros, com sete partidas. Os destaques ficam por conta do jogo entre Bahia e Palmeiras, que se enfrentam às 19h30 na Arena Fonte Nova, em Salvador, e o duelo entre Flamengo e Santos, que começa mais cedo, no Estádio do Maracanã, às 17h30.

A rodada de jogos do dia começa no tradicional horário das 16h, com a Chapecoense recebendo o Vitória, na Arena Condá, em Santa Catarina. Às 17h30, tem o duelo dos atléticos: o Atlético-MG encara o Athletico-PR na Arena MRV, em Belo Horizonte. Às 19h30, é a vez de Corinthians e Internacional entrarem em campo em São Paulo, na Neo Química Arena. Às 20h, em Mirassol, no Maião, o Mirassol enfrenta o Bragantino. A rodada será encerrada às 20h30, em Porto Alegre, onde o Remo visita o Grêmio.

#### Chapecoense x Vitória

A partida que abre a rodada de jogos do domingo (5) é entre Chapecoense e Vitória. O duelo acontece na Arena Condá, às 16h, e trata-se de um confronto que é relativamente jovem. A primeira partida entre os dois clubes aconteceu pelo Campeonato Brasileiro de 2014.

De lá para cá, foram 12 partidas, com um retrospecto equilibrado. Foram cinco vitórias da Chape, quatro do Leão e três empates. As partidas ocorreram pela Série A ou pela Série B do Campeonato Brasileiro. O duelo de logo mais terá transmissão exclusiva do Premiere.

#### Flamengo x Santos

O Flamengo volta a campo logo mais, às 17h30, para enfrentar o Santos no Maracanã. A partida coloca

frente a frente equipes que vivem expectativa sobre alguns dos seus atletas em relação à Seleção Brasileira. A estrela do Peixe, Neymar, não foi convocado para as últimas partidas do Brasil e precisa de sequência, além de boas atuações, para provar que tem condição de integrar o grupo de Carlo Ancelotti.

Do lado do Flamengo, Léo Pereira foi titular nos jogos contra França e Croácia e é um dos cotados para ir à Copa. Já Danilo foi confirmado pelo técnico italiano e estará no Mundial. A expectativa é que todos entrem em

campo logo mais. Alex Sandro, machucado, não joga hoje, mas também luta por uma vaga na Copa. A partida terá transmissão da Globo, do Premiere e da ge TV.

#### Atlético-MG x Athletico-PR

Às 17h30, o Atlético-MG recebe o Athletico-PR na Arena MRV, em Belo Horizonte. Os dois clubes já se enfrentaram 69 vezes em competições oficiais e vão para o seu 70º confronto. A primeira partida desse recorte foi no Roberto Gomes Pedrosa de 1968, quando o Galo levou a melhor sobre o Furação por 3 a 2.

Até aqui foram 31 triunfos do clube mineiro e 25 vitórias do lado paranaense. O duelo ainda registra na história, em campeonatos oficiais, 13 empates. A partida de hoje terá transmissão de Globo, Premiere e ge TV.

#### Corinthians x Inter

Duas partidas estão marcadas para as 19h30, e uma delas é o confronto entre Corinthians e Internacional. O duelo será na Neo Química Arena. Os dois clubes ainda não empolgaram no Brasileirão e têm estado no meio da tabela. A partida terá transmissão da Amazon Prime.

#### Bahia x Palmeiras

Um dos destaques da rodada é o duelo entre Bahia e Palmeiras, que vai acontecer na Arena Fonte Nova, às 19h30, em Salvador. No topo da tabela do Campeonato Brasileiro, o Verdão busca se manter na parte de cima e se distanciando dos possíveis rivais pelo título, como Flamengo e o próprio Bahia, que novamente vive a expectativa de lutar na parte de cima da classificação.

O confronto reúne também técnicos que já estão há algum tempo no comando de seus times. O português Abel Ferreira comanda o

Palmeiras desde novembro de 2020, enquanto que Rogério Ceni é o treinador do Bahia desde setembro de 2023. A partida entre Palmeiras e Bahia terá transmissão do Premiere.

#### Mirassol x Bragantino

O Mirassol recebe o Bragantino no único confronto entre clubes do mesmo estado. A partida acontece no Estádio Maião, em Mirassol, às 20h. O primeiro duelo da história do confronto foi em 1998, pela Segunda Divisão do Paulistão. O retrospecto é equilibrado, com nove vitórias para o Mirassol, oito para o Massa Bruta e oito empates. O jogo tem transmissão exclusiva do Premiere.

#### Grêmio x Remo

O Grêmio volta a encarar o Remo, por competições oficiais, após quase 51 anos. O último confronto entre os dois clubes foi pelo Brasileirão de 1975, quando o clube gaúcho bateu o time paraense por 4 a 0. O reencontro de logo mais acontece novamente em Porto Alegre, dessa vez na Arena Grêmio, às 20h30, fechando a 10ª rodada do Brasileirão deste ano. A partida terá transmissão exclusiva do Premiere.

## Seleção

No jogo do Maracanã, entre Flamengo e Santos, as atenções estão voltadas para a atuação de Neymar, que ainda sonha com a sua participação na Copa do Mundo



Everaldo e Kaio Alexandre, do Bahia, durante jogo do Tricolor pelo Brasileirão; hoje o time baiano terá pela frente o Palmeiras, grande favorito ao título



Foto: Pedro Souza/Atlético



Foto: Ricardo Duarte/Internacional

Atlético-MG e Inter têm compromissos importantes, nos quais o Galo joga em casa, contra o Athletico-PR, e o Colorado diante do Corinthians, em São Paulo

CABO VERDE

# Menor país do mundo está na Copa

Heróis cabo-verdianos mostram a força do futebol africano e sonham em fazer história na maior disputa do planeta

A classificação inédita de Cabo Verde para a Copa do Mundo da Fifa 2026 não foi apenas um feito esportivo. Foi um marco histórico que já garantiu a esta geração de jogadores um lugar na memória coletiva do país e do futebol africano.

Quando eles se lembram das celebrações fantásticas vividas em Praia, após a vitória sobre Essuatíni na última rodada das eliminatórias, as emoções ainda são fortes — o braço arrepia.

Mas, com o Mundial cada vez mais perto, os heróis cabo-verdianos também entendem que seu legado ainda está em construção. Eles podem usar sua estreia na competição para levar ainda mais longe um sonho que começou há décadas. O goleiro Vozinha, por exemplo, não consegue conter a emoção. Ao puxar na memória, em conversa com a Fifa, as cenas que viralizaram e as sensações vividas após o apito final do árbitro tanzaniano Ahmed Arajiga, no Estádio Nacional de Cabo Verde, ele teve de segurar um pouco a fala, admitindo tensão e pelos arrepia-dos no braço.

“Quando o árbitro apitou, sentimos que um enorme peso havia sido tirado de nossos ombros, depois de anos de luta e sacrifício. Foi um momento que marcou toda a minha carreira, a carreira de todos os jogadores cabo-verdianos. Algumas pessoas dizem que o único momento maior do que este foi a independência de Cabo Verde”, afirma.

Por isso, para ele, a conquista não pertence apenas aos atletas, mas a todo o povo. “Realizamos os sonhos dos nossos antepassados, dos nossos avós e bisavós. Quero que as pessoas vejam Cabo Verde em campo da mesma forma que veem o povo cabo-verdiano: como uma nação resiliente, que não desiste e luta sempre pelos seus sonhos”.

Um dos jogadores com mais tempo de seleção, o atacante Livramento, traz essa perspectiva mais profunda. O centroavante, nascido em



Fotos: Divulgação/Fifa

O camisa 9 de Cabo Verde, Livramento, foi um dos destaques da seleção nas Eliminatórias

Roterdã, começou sua trajetória com os Tubarões Azuis em 2024. Pouco mais de um ano depois, ficou um tanto aturdido com a explosão de seus torcedores.

“As comemorações foram... foi uma loucura. Acho que as pessoas comemoraram mais do que nós. No começo não percebemos o que tinha acontecido, mas, por causa delas — do jeito que estavam comemorando —, percebemos”.

Livramento lembra que não conseguiu dormir no voo de volta para casa — ele defende o Casa Pia, no Campeonato Português. “Eu só ficava repassando o momento e assistindo aos vídeos no meu celular. Foi especial”.

Ainda assim, o atacante fez questão de lembrar que a caminhada de muitos de seus companheiros de seleção foi longa. Foi um processo amadurecido em mais de uma década, com algumas dolorosas derrotas no caminho, mas sem perder a esperança.

“Todo mundo só vê o lado em que nos classificamos, mas o caminho levou alguns anos. Agora que olho para trás, acho que o caminho foi mais bonito do que a própria

conquista, porque você passa por bons momentos, mas também por momentos difíceis, como quando não conseguimos nos classificar para a Copa Africana de Nações”.

## Tudo a construir

Essa reflexão do jovem atacante de 24 anos dá a entender que o legado de uma equipe de futebol não se resume ao resultado final, mas à trajetória que moldou a identidade. A estreia no Mundial será uma vitrine para mostrar ao planeta o estilo de jogo, a garra e a resiliência cabo-verdiana. Será também uma oportunidade de consolidar uma identidade esportiva que pode inspirar jovens atletas e fortalecer o futebol local.

Com partidas contra Espanha, Uruguai e Arábia Saudita agendadas pelo Grupo H da Copa do Mundo, eles sabem que têm um enorme desafio pela frente. Também entendem que pensar nesses jogos e se preparar para seu primeiro Mundial já é uma vitória igualmente imensa que conquistaram.

“Acho que não temos nada a provar a ninguém, mas, como esta é a nossa primeira experiência no Mun-

dial, temos de entrar em campo honrando o nome do nosso país e dando o nosso melhor. Cabo Verde não estará lá de férias”, diz Vozinha.

“Depois que isso aconteceu, dissemos uns aos outros: ‘Ok, isso tem que valer alguma coisa. Algo especial está nos esperando. E foi isso que recebemos em troca”, completa Livramento. Nos amistosos de março, na Data Fifa, Cabo Verde perdeu para o Chile por 4 a 2, na Nova Zelândia, e empatou em 1 a 1 com a Finlândia.

## Menor país

Formado por 10 ilhas principais, o arquipélago de Cabo Verde tornou-se o menor país a se classificar para uma Copa do Mundo. Com área total de 4 mil km<sup>2</sup>, não chega à metade do território do Catar, detentor da marca desde 2022, quando sediou a competição. A população cabo-verdiana, de aproximadamente 600 mil habitantes, supera apenas os quase 400 mil da Islândia quando disputou o Mundial da Rússia 2018. Chegar à Copa de 2026 é um feito histórico para o país da costa ocidental africana, que se tornou independente de Portugal há apenas 50 anos, em 5 de julho de 1975.

## Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

## Tempo de sonhos

Começaram ontem as disputas da Série D e da Série C do Campeonato Brasileiro. Serão três clubes paraibanos na Quarta Divisão e apenas um na Terceira. Em comum, além da terra onde nasceram, Serra Branca, Sousa, Treze e Botafogo-PB dividem o mesmo sonho: subir de divisão e ascender de maneira prática no cenário nacional.

Mas não só com vontade se organiza o destino. Os clubes vivem momentos distintos, têm pretensões reais diferentes e vão precisar se desdobrar em seus degraus para alcançar a glória de conquistar o acesso.

### C de Belo

O Botafogo vai mais um ano viver o que, para si, já é um martírio. Se você perguntar a todos os outros clubes paraibanos que disputam o Brasileiro, e estão na Série D, se eles queriam estar na Série C, a caneta estaria a postos na mão de seus presidentes para assinar o contrato imaginário.

No caso do Belo é diferente. O clube vai para a sua 13ª disputa seguida da Terceira Divisão, e desde 2014 vive o sonho, verossímil, e vendido por seus dirigentes, de subir. O que não ocorreu desde lá, enchendo ano a ano o copo de decepções. Para o Belo, a Série C é um problema, uma espécie de tortura, um verdadeiro saco para seu torcedor.

Não mobiliza mais a torcida na vida ordinária da competição, que só chega junto em bom número nas arquibancadas na reta final do torneio, quando o time gera esperança, o que já ocorreu algumas vezes. Entretanto, todas essas algumas vezes o sentimento se transformou em frustração, com a bola do acesso nunca entrando no gol adversário.

Para 2026, a expectativa é a mesma. Com um time aparentemente competitivo e matematicamente caro, o investimento é de um nível que deveria ser suficiente para buscar encontrar no labirinto da Série C a escada que leva para o andar de cima. Ao fim da temporada, veremos se Lisca, comandando Nenê e companhia, conseguiu encontrar o rumo.

### Tempo de estreia

Caindo da C para a D, temos o Serra Branca, que, diferente do Belo, vive a Quarta Divisão como o grande ápice da sua curta e promissora história. O time comandado por Gerson Gusmão disputa pela primeira vez uma competição nacional.

Resta saber se vai ou não acelerar o investimento para poder se tornar um clube que realmente vai disputar o acesso. Até o momento não fez isso. Com os melhores “reforços” sendo a manutenção de alguns atletas, como o atacante Marcelo Toscano.

### Poucas esperanças

O maior clube paraibano na competição é certamente o Treze. Mas não vejo como o melhor time do nosso estado no torneio. O Galo da Borborema foi mal no Campeonato Paraibano, caiu na primeira fase, e fez uma grande renovação no elenco para as disputas da Série D. O comandante vai ser Adriano Souza, um promissor técnico do futebol brasileiro.

O grupo do Galo da Borborema na competição tem o conterrâneo Serra Branca, Retrô, Sergipe, Decisão e Lagarto. Retrô e Sergipe largam como favoritos. Para avançar, Adriano vai ter que, em pouco tempo, formatar um time melhor do que o que se apresentou no Paraibano. Não é tão difícil. Mas tenho dificuldade de acreditar que é provável.

### Tem que melhorar

O clube mais promissor em termos de pretensões dentro da Série D, ao meu ver, é o Sousa. O clube integra um grupo com ABC, América-RN, Central de Caruaru, Laguna e Maguary. Apesar do vice-campeonato estadual, perdendo a final para o Botafogo-PB, o Sousa ainda tem um time pouco criativo e que também cede muitos espaços. Notadamente inferior aos últimos anos.

Vai precisar de mais reforços para se viabilizar como um candidato ao acesso. Seu grupo não é simples. A equipe comandada por Adriano Telles vai ter que evoluir para poder avançar de fase.



Delegação da Seleção de Cabo Verde, que fez dois amistosos na Nova Zelândia, contra o Chile e a Finlândia, em março

## BRASIL NA LIBERTADORES

## Clubes vão em busca da Glória Eterna

*Flu e Cruzeiro estreiam na próxima terça-feira; Flamengo, Palmeiras e Mirassol, no dia 8; Corinthians, no dia 9*

Foto: Lucas Merçon/Fluminense F.C.

A Copa Libertadores, em sua fase de grupos, começa na próxima terça-feira (7) para os clubes brasileiros e quem primeiro entra em campo é o Fluminense que joga na Venezuela, diante do Deportivo La Guaira, a partir das 19h. Duas horas depois, será a vez do Cruzeiro, também fora de casa, jogar contra o Barcelona de Guayaquil, no Equador. Os outros quatro times brasileiros jogam nos dias 8 e 9 de abril, todos em busca da Glória Eterna.

O Flamengo, atual campeão da competição, estreia na quarta-feira, dia 8, contra o Cusco, do Peru, às 21h30, em solo peruano. No mesmo dia, também jogam Palmeiras contra o Junior Barranquilla, na Colômbia, às 21h30; e o Mirassol que recebe o Lanús, campeão da Recopa Sul-Americana, no Estádio Maião. Já o Corinthians joga na quinta-feira, dia 9, diante do Platense, na Argentina.

A Copa Libertadores da América é a principal competição entre clubes da América Latina e uma das mais prestigiadas do futebol mundial. Sua fama vem da qualidade dos times que disputam, com atletas de talento e comissões técnicas importantes para a modalidade. Disputada desde 1960, a competição está em sua 66ª edição e reúne os clubes de maior tradição da América do Sul, incluindo a elite do futebol brasileiro. Neste ano, o River Plate, que já ganhou quatro títulos, está fora da disputa e apenas compete na Sul-Americana.

A fase de grupos vai até o dia 28 de maio. Já as oitavas de final devem ocorrer entre os dias 11 e 13 de agosto, os jogos de ida, e a volta de 18 a 20 de agosto. As quartas acontecem entre os dias 8 e 10 de setembro, a ida, com a volta entre os dias 15 e 17 do mesmo mês. As semifinais serão realizadas de 13 a 15 de outubro, a ida, e a volta de 20 a 22 de outubro. A grande final será no dia 28 de novembro.

A final da Copa Libertadores 2026 será realizada no Estádio Centenário, em Montevideu, Uruguai. A decisão, disputada em jogo único, está marcada para o dia 28 de novembro de 2026, retornando à capital uruguaia cinco anos após sediar a final de 2021.

## Majores campeões

O Independiente, da Argentina, é o maior campeão da Libertadores com sete tí-



O Fluminense estreia na terça-feira (7) contra o Deportivo La Guaira, enquanto o Palmeiras joga contra o Junior Barranquilla, ambos atuando fora de casa

tulos, seguido pelo Boca Juniors, também argentino, com seis e o uruguaio Peñarol com cinco. O Flamengo tornou-se o maior campeão brasileiro com quatro títulos em 2025, superando o grupo que possui três (Palmeiras, São Paulo, Grêmio, Santos). Brasil e Argentina são os países com mais conquistas na competição, com um total de 25 cada um. As últimas sete edições foram conquistadas por times brasileiros, com três títulos do Flamengo (2019, 2022 e 2025), dois do Palmeiras (2020 e 2021), um do Botafogo (2024) e um do Fluminense (2023).

## Sul-americana

Além da Libertadores, a terça-feira marca também a estreia de times brasileiros na Copa Sul-Americana, como o São Paulo que joga às 21h30 (horário de Brasília), no Centenário, em Montevideu (URU), contra o Boston River. Mais cedo, às 19h, o Vasco joga contra o Barracas Central, em solo argentino. No dia seguinte, será a vez do Atlético Mineiro enfrentar o Puerto Cabello, da

Venezuela, na cidade de Valência. Quem também joga é o Santos contra o Deportivo Recoleta, às 19h, no Paraguai, além do Grêmio que enfrenta o Montevideo City, no Uruguai, a partir das 21h30. No dia 9 será vez dos brasileiros Botafogo e Bragantino entra-

rem em campo. O time carioca terá pela frente o Caracas, da Venezuela, no Nilton Santos, às 19h, enquanto a equipe paulista joga contra o Carabobo, na Venezuela, às 21h30.

Os maiores campeões da Copa Sul-Americana são Athletico-PR, Boca Juniors,

Independiente, Independiente del Valle e LDU, todos com dois títulos cada um. A competição é marcada pela diversidade de vencedores, com domínio de clubes argentinos e brasileiros, além da forte presença recente do Equador. O atual campeão é

o Lanús, da Argentina.

A Argentina lidera o ranking por países, seguida pelo Brasil. A competição é conhecida por ser imprevisível, já que não teve um único clube que tenha conquistado o título mais de duas vezes nos últimos anos.

## Caminho dos times brasileiros

## Jogos do Flamengo:

- 8/4  
21h30 (de Brasília)  
Cusco (PER) x Flamengo
- 16/4  
21h30 (de Brasília)  
Flamengo x Independiente Medellín
- 29/4  
21h30 (de Brasília)  
Estudiantes (ARG) x Flamengo
- 7/5  
21h30 (de Brasília)  
Independiente Medellín (COL) x Flamengo
- 20/5  
21h30 (de Brasília)  
Flamengo x Estudiantes (ARG)
- 26/5  
21h30 (de Brasília)  
Flamengo x Cusco (PER)

## Jogos do Fluminense:

- 7/4  
19h (de Brasília)  
Deportivo La Guaira (VEN) x Fluminense
- 15/4  
21h30 (de Brasília)  
Fluminense x Independiente Rivadavia
- 30/4  
19h (de Brasília)  
Bolivar (BOL) x Fluminense
- 6/5  
21h30 (de Brasília)  
Independiente Rivadavia (ARG) x Fluminense
- 19/5  
19h (de Brasília)  
Fluminense x Bolivar (BOL)
- 27/5  
21h30 (de Brasília)  
Fluminense x Deportivo La Guaira (VEN)

## Jogos do Cruzeiro:

- 7/4  
21h (de Brasília)  
Barcelona (EQU) x Cruzeiro
- 15/4  
19h (de Brasília)  
Cruzeiro x Universidad Católica (CHI)
- 28/4  
21h30 (de Brasília)  
Cruzeiro x Boca Juniors (ARG)
- 6/5  
23h (de Brasília)  
Universidad Católica (CHI) x Cruzeiro
- 19/5  
21h30 (de Brasília)  
Boca Juniors (ARG) x Cruzeiro
- 28/5  
21h30 (de Brasília)  
Cruzeiro x Barcelona (EQU)

## Jogos do Corinthians:

- 9/4  
21h (de Brasília)  
Platense (ARG) x Corinthians
- 15/4  
21h30 (de Brasília)  
Corinthians x Santa Fe (COL)
- 30/4  
21h (de Brasília)  
Corinthians x Peñarol (URU)
- 6/5  
21h30 (de Brasília)  
Santa Fe (COL) x Corinthians
- 7/5  
19h (de Brasília)  
latense (ARG) x Peñarol (URU)
- 21/5  
21h30 (de Brasília)  
Peñarol (URU) x Corinthians
- 27/5  
21h30 (de Brasília)  
Corinthians x Platense (ARG)

## Jogos do Palmeiras:

- 8/4  
21h30 (de Brasília)  
Junior Barranquilla (COL) x Palmeiras
- 16/4  
19h (de Brasília)  
Palmeiras x Sporting Cristal (PER))
- 29/4  
21h30 (de Brasília)  
Cerro Porteño (PAR) x Palmeiras
- 5/5  
19h (de Brasília)  
Sporting Cristal (PER) x Palmeiras
- 20/5  
21h30 (de Brasília)  
Palmeiras x Cerro Porteño (PAR)
- 28/5  
19h (de Brasília)  
Palmeiras x Junior Barranquilla (COL)

## Jogos do Mirassol:

- 8/4  
19h (de Brasília)  
Mirassol x Lanús (ARG)
- 14/4  
23h (de Brasília)  
LDU (EQU) x Mirassol
- 29/4  
19h (de Brasília)  
Mirassol x Always Ready (BOL)
- 7/5  
19h (de Brasília)  
Mirassol x LDU (EQU)
- 19/5  
21h (de Brasília)  
Mirassol x LDU (EQU)
- 26/5  
19h (de Brasília)  
Lanús (ARG) x Mirassol

Foto: Adriano Fontes/Flamengo



Flamengo e Corinthians estão em grupos diferentes

Mapa da foz do Rio Paraíba, produzido por Johannes Vingboons (1616–1670), em 26 de fevereiro de 1665: observa-se a fortificação em torno do convento e do seu claustro

## HISTÓRIA

# Linhas de defesa da Paraíba

Qual foi o fim dos equipamentos bélicos para a fundação da vindoura povoação da então Nossa Senhora das Neves?

Marcos Carvalho  
 marcoscarvalhojor@gmail.com

Uma das primeiras edificações das cidades fundadas pelos portugueses nas terras brasileiras era o forte. Sua principal função era defender o território das invasões estrangeiras. Para a cidade de Nossa Senhora das Neves (atual João Pessoa), a coroa ibérica ordenou, em carta enviada ainda em 1585, pela chancelaria do rei Felipe II, da Espanha, a construção de uma fortificação, sugerindo a foz do Rio Paraíba como local apropriado. O ouvidor Martim Leitão, protagonista na conquista da capitania, consideraria, no entanto, um outro local, distante três léguas espanholas da foz, num porto natural situado no Rio Sanhauá, que mais tarde seria chamado “Varadouro”.

“Existiram dois fortes no Varadouro e algumas fortificações auxiliares dele, que a gente chama de ‘baterias’, que são pequenas localidades improvisadas, geralmente contendo um, dois ou três canhões. O primeiro forte era de madeira e o segundo, de pedra. Nenhum dos dois existe mais. Foi tudo demolido. A gente não tem mais vestígios, mas eles ficavam no que seria o Porto do Varadouro e hoje em dia compreende a orla do bairro Varadouro e o Porto do Capim”, afirma o historiador e professor Leandro Vilar.

Em formato quadrangular e sem baluartes, o forte foi erguido com terra e madeira, materiais baratos e fáceis de serem encontrados na região, sobre alicerces de pedra e cal. A técnica simples e de rápida execução era comum da época, pois permitia responder emergencialmente diante de possíveis incursões estrangeiras. Vilar defende que o Forte do Varadouro serviu de marco zero para a fundação da vindoura povoação de Nossa Senhora das Neves, que foi sendo construída lentamente nos anos seguintes à sua fundação, quando foi renomeada como “Filipeia”, em homenagem ao monarca ibérico.

“Segundo o Sumário das armadas, o principal relato da fundação da Paraíba, em novembro começou a se fazer a limpeza do terreno e as medições, e, por volta do começo de 1576, o forte já es-

tava pronto. Ele era de madeira e terra. Foi quando já se começava a traçar a primeira rua e montar as casas. Na verdade, comemorar o dia da cidade em 5 de agosto de 1585 é errado, porque a cidade só surgiu um ou dois anos depois. Essa data seria da fundação da Capitania da Paraíba, e não da cidade, que é mais tardia. Até porque, naquele primeiro momento, quem morava ali eram os militares e os trabalhadores do forte. Não se tinham casas, era um acampamento”, explica o historiador.

Vilar lembra, no entanto, que a primeira fortificação nas terras potiguaras data do ano anterior. O Forte de São Filipe e Santiago foi construído em poucas semanas, e com os mesmos materiais, na margem norte do Rio Paraíba, localidade que se conhece hoje como “Forte Velho”, no município de Santa Rita. Ele foi abandonado um ano depois por deserção de seu capitão, que se desentendeu com o militar encarregado da conquista do território.

“O Forte do Varadouro despontava como fortificação de defesa daquele pequeno núcleo urbano, que era a capital da Paraíba, já que a maior parte da população era rural, vivendo nos engenhos e fazendas de gado, além de haver comunidades de lenhadores e de pescadores. Somam-se também aldeias indígenas espalhadas principalmente pela Zona da

Mata litorânea. Por conta disso, o forte, apesar de pequeno, foi julgado ser suficiente para aquela cidade”, explica o historiador, recordando que essa primeira construção foi chamada também de “Forte da Cidade”.

Sobre o Forte de Pedra, como ficou conhecido o segundo equipamento bélico, as principais fontes históricas são uma pintura em forma de mapa da foz do Rio Paraíba do período da ocupação holandesa, na qual se observa a fortificação da cidade de FrederyceStadt (ou Frederica), bem como o Forte de Santa Catarina, em Cabedelo. A estrutura pode ser vista, também, no quadro de Frans Post, pintado em 1638, por encomenda de Maurício de Nassau, no qual os telhados vermelhos da cidade, no alto da colina, estão bem distantes da fortificação junto às águas do rio.

### Achados arqueológicos

No decorrer dos trabalhos de restauração da Igreja de São Frei Pedro Gonçalves, situada no Centro Histórico de João Pessoa, nos anos 2000, historiadores, arqueólogos e arquitetos, supervisionados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), identificaram ruínas que poderiam ter pertencido à segunda construção do Forte do Varadouro.

O superintendente do órgão à época, Claudio Nogueira, relata

que também se realizou no mesmo período uma outra pesquisa arqueológica acompanhando a implantação de emissário sanitário na área do Varadouro-Porto do Capim, onde foram localizados três canhões coloniais, peças de artilharia, parcialmente enterrados na linha do antigo cais, como se vê num antigo cartão-postal, que hoje estão localizados dentro de algumas das casas da comunidade. “Há uma possibilidade de que eles tenham pertencido ao antigo Forte do Varadouro e tenham sido reutilizados após perderem a sua função após o forte ter sido abandonado/desativado séculos antes”, pontua Nogueira.

Os relatórios oficiais, no entanto, não chegaram a concluir que os fundamentos encontrados nas proximidades da Igreja São Pedro Gonçalves são, de fato, ruínas da antiga fortificação da cidade. Para o professor Leandro Vilar, essa associação não pode ser feita porque as descrições documentadas em relação ao Forte do Varadouro apontam que ele ficava mais próximo do rio, e não numa elevação.

“O que pode ter sido descoberto talvez seja algum resquício de trincheira ou alguma bateria, que é uma pequena localidade improvisada geralmente contendo um, dois ou três canhões, e não necessariamente o forte. As pinturas do século 17 mostram o forte próximo à beira do rio e não em cima de uma colina, porque ele

foi construído para proteger diretamente o porto. A ideia de construir um forte mais acima, onde seria a Igreja de São Pedro Gonçalves, teria como função proteger a Cidade Alta, mas a gente não tem fortificação lá a não ser um muro e algum tipo de trincheira”, defende.

As poucas referências materiais à fortificação que, segundo Vilar, demarcou a primeira estrutura construída no território da recém-fundada capitania da Paraíba, o fazem tornarem-se uma lembrança distante, que beira-o esquecimento. O Forte de São Felipe e Santiago (Forte Velho), o Forte de Santo Antônio (na margem norte do Rio Paraíba, em frente ao Forte de Cabedelo) e o Forte da Restinga (na Ilha da Restinga, em Cabedelo) também foram destruídos, contribuindo para que se perca também a memória coletiva.

“As pessoas só se lembram daquilo que conseguem ver. Por isso, quando não se tem a estrutura em si, as ruínas, é mais fácil que a história sobre aquilo vá se perdendo com o tempo”, pondera o historiador, que considera ainda um outro aspecto: o crescimento relativamente recente — de pouco mais de um século — de interesse pela história local a partir da criação do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), no início do século 20. “São 300 anos de esquecimento”, contabiliza Vilar.

Foto: Walter Carvalho/Reprodução

Imagem: Reprodução/Fundación Cisneros



Cidade e Forte de Frederik na Paraíba (E), óleo sobre tela do pintor holandês Frans Post (1612–1680), produzido em 1638; no livro Varadouro — soneto em preto e branco, registro fotográfico de uma área residencial do Porto do Capim, onde encontra-se um dos canhões coloniais (D), parcialmente enterrado

## Alberto Moraes de Lucena

# Paraibano transmitia alegria encarnando o Palhaço Pipokinha

Marcos Carvalho  
marcoscarvalhojr@gmail.com

Das festas de aniversário entre a vizinhança às telas da televisão e trios elétricos, Alberto Moraes deu vida ao Palhaço Pipokinha e, com ele, às memórias de toda uma geração que o acompanhou nos programas infantis ou apresentações que fazia em toda a Paraíba. Por trás do sorriso largo e da alegria que transmitia, escondiam-se tristezas e dores que, nutridas pelo silêncio, o retiraram definitivamente do picadeiro da vida.

Alberto José Moraes de Lucena nasceu em 26 de novembro de 1966, em João Pessoa. O primogênito do casal Socorro Lucena e Almiro Lucena viveu um tempo com os outros sete irmãos nas cidades paraibanas de Santa Luzia e Pombal, em razão do cargo que o pai ocupava no Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER). Ainda criança, gostava de brincar de teatro com o irmão Adilson, que também enveredou pela arte circense com as irmãs. Na escola, Alberto já dava sinais ao se envolver mais nas atividades artísticas, como desenho, dança ou música, que nas demais disciplinas. Registros fotográficos mostram como Alberto animava festas de aniversário da família e dos vizinhos, vestindo-se de palhaço.

“Em Pombal, tinha um terreno baldio onde sempre se instalava o circo, e, como a gente morava vizinho, saíamos escondido para ver os malabaristas, trapezistas e palhaços. Ele sempre gostou da parte dos palhaços”, relata o irmão Adilson. Quando adolescente, vendo as fantasias já utilizadas pelas tias nos bailes de Carnaval prestes a ir para o lixo, Alberto pediu que a mãe reaproveitasse os adereços para fazer sua primeira veste de palhaço. Pipokinha surgiria, no entanto, um pouco mais tarde, depois de conhecer o Pa-

lhaço Carrapeta (Luiz de Holanda Cavalcanti) no programa que o artista mantinha na TV Borborema, em Campina Grande, onde também Alberto se fixou, morando com a avó.

Alberto já tinha passado pela TV Jornal, em Recife (PE), acompanhando o Palhaço Pimpão (Marilam Sales) em seu programa, quando, retornando à Paraíba, decidiu-se pela vida artística. “Com 16 anos, ele foge para Campina Grande e o Palhaço Carrapeta ensina todos os detalhes de como ser palhaço e o coloca nos bastidores para ser o produtor dele. Carrapeta começa a dar uma roupa para ele, a fazer maquiagem e aí Alberto começa realmente a querer fazer o programa de televisão. Como era muito inteligente e bastante articulado, sabia a quem procurar e conseguiu ter o programa dele”, relata Rinaldo Rodrigues, produtor e auxiliar do artista.

Rinaldo conta que era fã do Pipokinha e queria conhecer o programa. Ligou para a emissora pedindo para participar, e, para sua surpresa, quem atendeu foi o próprio Alberto, convidando-o para participar de uma gravação. No dia combinado, Rinaldo já começava ajudando o apresentador, até que se tornou seu produtor e, pouco depois, companheiro de palco, interpretando o Palhaço Malukinho, que ficava responsável por fazer a abertura dos *shows* e dar início à animação quando tinham agenda em locais diferentes no mesmo dia.

Alberto consolidou sua carreira na TV Borborema com o *Show do Pipokinha*, apresentado diariamente, a partir das 11h. A



Como o Pipokinha, Alberto consolidou seu lado de apresentador infantil na TV Borborema, passando pela TV O Norte e TV Correio

Ilustração: Tônio

atração televisiva incentivava a participação de vários artistas mirins locais, conquistando a simpatia da criançada e tornando-se líder de audiência do horário. Criatividade, boa comunicação e uma explosão de alegria não faltavam na telinha antes do horário do almoço.

Depois de muito pedir à mãe para levá-la ao programa, Morgana Santos conseguiu realizar aquele que era o sonho de quase toda criança que o assistia. “Pegamos aquela fila enorme, ganhamos um lanche, que era um guaraná com pão, tudo bonito, ficamos na arquibancada. Eu estava tão feliz por estar no programa do Palhaço Pipokinha, que gritava. Aí me pegaram pelo braço, levaram para o camarim e botaram um boneco em mim, não lembro se do Mickey ou do Zé Carioca, e me deram uma caixa de leite para segurar, enquanto ele fazia a propaganda”, lembrou ela.

Quando deixou a emissora campinense em 1993, Alberto levou seu programa infantil para o rádio. Em 1995, retornou à telinha na programação da TV O Norte, na capital paraibana, com o *Clube do Pipokinha*. Nesse período, o artista levou adiante uma de suas grandes parcerias com a apresentadora baiana Mara Maravilha, mudando até mesmo o nome de seu bloco infantil de “Pipokinha Baby” para “Pipokinha Maravilha”. A atração ganhou destaque nacional e foi considerado o melhor bloco infantil da Micarande, Carnaval fora de época de

Campina Grande. No São-João, o artista também realizou o Forró Baby.

De 1998 a 2001, o *Clube do Pipokinha* passou a integrar a programação da TV Correio. Um dos quadros do programa que empolgava muito a criançada era o *Show de calouros infantil*, que tinha um júri composto também pelos pequenos. A tecladista Patrícia Duque explica que a atração começou por telefone: “As crianças ligavam, diziam qual a música que queriam cantar e eu buscava o tom e começava a acompanhá-las. E aí veio a ideia de trazer essas crianças para se apresentar no programa. Fomos amadurecendo até que, certo dia, ele chegou em minha casa e disse que já sabia como seria, e que tinha até criado uma música, e já foi me pedindo para pegar o teclado e me mostrar. Ele era de fazer as coisas na hora”.

A performance infantil de alguns artistas reconhecidos nacionalmente era outra estratégia que envolvia bastante o público. “Para as crianças da época do final dos anos 1990 e começo dos anos 2000, eram uma febre aquelas apresentações de *cover*, como Chiquititas, Sandy e Júnior, Domínio e pré-adolescentes participavam fazendo imitações desses artistas”, revela o ator e cantor infantojuvenil Junior Misaki, que sonhava se apresentar como calouro no programa e até hoje tem Alberto como inspiração para seu trabalho.

Os *shows* sempre foram parte do trabalho de Alberto Moraes, inclusive porque o programa televisivo era, segundo Rinaldo Rodrigues, uma produção independente. As caravanas reuniam muitas das atrações televisivas para percorrer grande parte do território estadual. Foi quando surgiu o Palhaço Malukinho, para possibilitar ampliar o alcance do artista, que se revezava para fazer mais de uma apresentação no mesmo dia. Alberto



Desde a época de criança, pessoense era fascinado pela arte circense e pelo teatro

chegou a gravar um disco compacto com duas músicas, que depois foram incluídas no único LP lançado pelo artista, em 1993, com canções que se tornaram conhecidas do público e animavam os *shows*.

“As viagens que a gente fazia nunca tinham uma estrutura... era guerra. Ninguém estava ali porque ganhava dinheiro, às vezes a gente não ganhava nada, a não ser os patrocínios de salão de beleza, roupa e alguma coisa assim e algum cachê. No geral, a gente ia porque gostava. Era um projeto de alegria, e o Pipokinha tinha muitos perrengues. Era sofrido para ele, tanto é que ele nunca ostentou,

nunca fez fortuna. Era uma missão e estávamos todos no mesmo barco”, destacou Clarrissa Yemist, ex-*cover* das Chiquititas, num dos episódios do documentário para o YouTube sobre Pipokinha, idealizado por Rinaldo.

No ano 2000, Alberto promoveu um concurso para assistente de palco do programa, as chamadas “Pipoketes”, que contou com mais de 350 garotas. O talento para a comunicação e a dedicação intensa ao trabalho, no entanto, ajudavam a silenciar questões sérias de saúde mental que Alberto enfrentava: as dificuldades na carreira com o fim do programa de televisão e a redução dos *shows* agravaram ainda mais a situação.

“Quando cheguei para trabalhar com ele, eu não tinha noção do que tinha acontecido com Alberto, mas, por ele ser meu ídolo, as notícias chegavam até mim e a gente pesquisava coisas. As pessoas perguntavam se eu estava trabalhando para o palhaço que pulou na Lagoa ou andou nu na [Avenida] Epitácio Pessoa. E todo mundo que trabalhou com Alberto sentia medo de perguntar se era verdade ou não. As pessoas tinham respeito, e esses assuntos eram proibidos na TV. [...] E aos poucos ele ia se abrindo, nos momentos de choro e tristeza, ele ia me contando...”, relata Rinaldo Rodrigues.

As tentativas de suicídio do artista, tanto no Açude Velho, em Campina Grande, como na Lagoa, em João Pessoa, ficaram conhecidas. Alberto Moraes de Lucena conseguiu concretizar seu intento em 12 de março de 2003, quando saltou do edifício-sede do Banco do Brasil, na capital paraibana. (Se você está passando por alguma situação difícil, não hesite em buscar ajuda no Centro de Valorização da Vida (CVV) pelo telefone 188. A ligação é gratuita, sigilosa e o atendimento funciona 24 horas por dia).

## Angélica Lúcio

### “Luís Inácio falou, Luís Inácio avisou”

“Luís Inácio falou, Luís Inácio avisou / Luís Inácio falou, Luís Inácio avisou”. O trecho da canção dos Paralamas do Sucesso, lançada na década de 1990, refere-se a Luiz Inácio Lula da Silva. Na época deputado federal, o hoje presidente da República falava sobre os “300 picaretas com amel de doutor” no Congresso Nacional. A frase foi proferida originalmente em setembro de 1993.

Recentemente, “Luís Inácio falou, Luís Inácio avisou” novamente. Dessa vez, o alvo não foram os “picaretas” do Congresso Nacional, mas a forma como nos comunicamos. O tema surgiu durante solenidade na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, para anunciar mais de 100 obras de educação por todo o Brasil e o marco de 99 mil escolas conectadas à internet de alta qualidade.

No evento, Lula exaltou os feitos do Ministério da Educação, até então sob o comando de Camilo Santana, mas também fez um *mea culpa* sobre a comunicação governamental e dos militantes de esquerda. “Quando o Camilo estava falando, eu tava pensando numa coisa que a vida inteira me preocupou. Quando eu ia, há muito tempo atrás, na porta de fábrica defender uma pauta de reivindicação para os trabalhadores, eu sempre tinha uma preocupação, Camilo, se os trabalhadores estavam entendendo aquilo que eu tava falando, se eles estavam gravando na cabeça as coisas que eu tava falando”, disse o presidente.



Lula: “Nós não temos competência para processar todas as informações”

Em seguida, Lula fez uma declaração que interessa a todos os comunicadores: “Muitas vezes, a gente fala muito e nem sempre as pessoas estão captando tudo, pela quantidade de informação que a gente passa”.

O presidente foi além ao analisar o comportamento digital: “A nossa cabeça não tem competência para processar tudo o que a gente fala. Esse é o mal da internet. Se a internet fosse utilizada só para a escola conectada, seria uma bênção de Deus, uma coisa que veio para o bem”. Em outras palavras, Lula nos lembra que o fluxo de informações na internet é tão vasto e intenso que nenhum de nós, mesmo conectado ininterruptamente, aproveita, ou consegue processar, sequer 10% do conteúdo que recebe.

“Nós não temos competência para processar todas as informações”, ressaltou Lula. Para o presidente, “escolher é uma coisa inteligente. Escolher aquilo que eu quero saber, aquilo que eu preciso”. Para ilustrar a mensagem, Lula fez uma analogia entre consumo de informação e consumo de alimentos. A ideia reforça a necessidade de paciência e observação antes da tomada de decisão. “Vamos supor que vocês entrassem num restaurante mais chique, no dia do aniversário, no aniversário de casamento, no aniversário da mãe ou do pai, numa festa de 20 anos, numa despedida de companheiros. E, quando a gente vai num restaurante mais chique, tem um *buffet* grande, uma mesa grande, cheia de comida. Se a gente tá com fome, a gente pega o que a gente vê primeiro. Depois que a gente encheu a barriga, a gente não vai mais ver o que tem, e a gente sai de lá sem saber o que tinha”, comparou.

Segundo Lula, diante da fartura, as pessoas não conseguem “fotografar a grandiosidade da mesa à disposição”. Seria necessário percorrer o local com calma, apreciar os pratos e tirar dúvidas até fazer a melhor escolha. O presidente indagou, então, se os presentes haviam guardado 10% do discurso do ministro Camilo Santana.

“Eu sei que o pessoal do MEC guardou o plano de carreira e o fim da lista tripla, porque é coisa direta e concreta. Mas o conjunto da obra, vocês guardaram? Vocês estão na cabeça com tudo o que foi dito aqui sobre a educação?”, questionou.

Lula comentou ainda que as grandes emissoras de TV, como Globo, SBT, Band e Record, não farão um “PowerPoint” para mostrar os avanços na educação. “Hoje o fuxico tem mais interesse do que a verdade. Se vocês acompanharem pela internet, tem mais gente destruindo o que foi falado aqui do que construindo. Se não tivermos capacidade de sair daqui com as informações que nós recebemos e fazer o debate que a sociedade precisa fazer, a gente poderá permitir que os mentirosos de sempre induzam a sociedade a uma mentira”.

Luiz Inácio falou. Luiz Inácio avisou: “Se os nossos adversários utilizam o celular pro mal, nós precisamos utilizar pro bem. Vamos dedicar alguns minutos da nossa vida [a isso] em vez de só ficar ‘quicando’ para cima ou para baixo para saber notícias dos outros. Vamos construir as nossas próprias notícias”. O recado foi dado.

## Tocando em Frente

### O romantismo brega... e por que não? — II

Dentre os paraibanos que integram essa lista de românticos bregas, figura o nome do sertanejo João Lelis Pinto (Itaporanga-PB, 1932-Rio, 2023), o cantor e compositor Fernando Lelis.

A presença dele foi marcante, nas décadas de 1970 e 80, sobretudo no universo musical rotulado de romântico brega, música de fossa e de dor de cotovelo, o que nunca o deixou rejeitar a alcunha. Muito pelo contrário, era assim que se rotulava em apresentações por todo o país.

Para relembra a sua ascendência familiar, ele provinha da fusão de duas famílias bem conhecidas de Itaporanga: os Pintos, do Jenipapo, e os Vicentes, do Sítio Cantinho. Diga-se de passagem que a cidade interiorana é berço de alguns dos grandes nomes da música regional, entre os quais Dedé, Zé Badu, Francimar Araújo e o maestro Geraldo de Mazinho. Rezam ainda as lendas que, originário de descendência humilde, sua família ramificara-se no temido cangaceiro Lampião.

Durante a infância no Sertão paraibano, onde as ondas do rádio ainda não haviam chegado, costumavam-se ouvir os cantores e seresteiros da época pelos raros serviços de alto-falantes. Alimentando esse saudável hábito, o menino Fernando foi criando gosto e começou a cantar entre parentes e amigos, até que, no início da juventude, levado pelo entusiasmo, aplauso e incentivo de conterrâneos, resolveu mudar-se para a capital do estado — João Pessoa —, tendo se iniciado, profissionalmente, nos microfones da Rádio Tabajara. Daí, rumou para o Rio de Janeiro,

Com a alcunha de “O apaixonado”, Lelis conquistou o rádio, a TV e um grande público por todo o Brasil



em busca de novos caminhos, os seja, tornar-se “cantor de rádio”. O estilo, como já referido, era a música romântica com todas as nuances que ela carrega entre os “apaixonados”, como ele mesmo dizia em suas apresentações.

Como, posteriormente, aconteceria com Agnaldo Timóteo e outros, ele próprio, de início, “bancava” a gravação de discos, os chamados *compact discs* (CDs), e vendia-os, num autêntico papel de camelo. Por essa época, ele mesmo se agenciava, vendendo os seus *shows* em casas noturnas. Em 1970, ele fez as

primeiras gravações e, embora esse primeiro trabalho não tenha obtido o sucesso desejado, em sua Itaporanga, o primo dele, João Vicente Neto, proprietário da loja Casa Rádio, fazia o papel de divulgador, “espalhando” os discos vinis pelo Sertão paraibano.

O primeiro LP intitulou-se de *Amor que coisa linda*, e trazia como maior sucesso a música “Um par de alianças”. Outros sucessos vieram, como “Amor sem compromisso” (parceria com Bartô Galeno), “Jesus e Madalena”, “Pecadora” e “Cadeira vazia” (este de Lupicínio Rodrigues) e “Os

apaixonados”, música feita exclusivamente para Fernando Lelis pelo famoso compositor Adelino Moreira, o homem que projetou Nelson Gonçalves para o sucesso.

Mesmo atuando na chamada área de música brega, em 1987, teve a sua música “Ti ti ti” (parceria com Jacinto José) gravada por Fafá de Belém, e lançada no LP dela, *Grandes amores*, e, obviamente, na trilha sonora da novela homônima (Som Livre).

Sempre fiel ao estilo que o consagrou, nunca abriu mão do seu roteiro musical. Em 2023, ano de sua passagem, a Unimar Music lançou uma coletânea sob o título de *Oclair José e Fernando Lelis — Série 2 ases*, com algumas composições de ambos, como “No mundo dos amantes”, “Dez garrafas de bebida” e “Me mate de uma vez”.

Mesmo já consagrado com as interpretações românticas que lhe renderam o apelido de “O apaixonado”, conquistando o rádio, a TV e um grande público por todo o Brasil, no ano de 1984, Fernando Lelis buscou entrar em mercado nacional, mais abrangente, com suas próprias composições. Ele lançou o LP *Tá chovendo mulher*, uma gravação que rompe com o romantismo metódico, até então o marca principal do artista, ao trazer estilos mais rítmicos e diversificados, como o merengue, frevo e bolero. Mas é com uma letra popular e bem-humorada que Lelis reconquista o sucesso nacional.

Fiel às suas origens, em 1975, Fernando Lelis visitou Itaporanga, quando foi rever os familiares, mas não poderia regressar ao Rio de Janeiro sem presentear seus conterrâneos com um grande *show*, que foi realizado no então Atlântida Esporte Clube.

Professor Francelino Soares  
francelino-soares@bol.com.br

angelicalucio@gmail.com

Imagem: Reprodução/IG



Foto: Dnyulgego/Netflix

# Eita!!!!

## # Filmes e séries para assistir depois de *Por dentro da machosfera*

O documentário *Por dentro da machosfera* (foto acima), de Louis Theroux, faz revelações chocantes sobre a rede de influência movida por grupos de homens que prezam pela superioridade masculina. O filme, disponível para streaming na Netflix, traz o documentarista mergulhando neste universo de cabeça. Ele conversa com influenciadores, revela seus estilos de vida e o negócio lucrativo por trás do movimento responsável pela cultura *incel* e pela ideia do "red pill".

(Com informações da Agência Estado)

## # O dilema das redes (2020)

Com sete indicações e duas vitórias no Emmy, o documentário explora o impacto do crescimento das redes sociais nas relações humanas e explica como as redes podem manipular comportamentos e capitalizar sobre a polarização política. Ex-executivos de gigantes da tecnologia falam sobre as bolhas algorítmicas e a coleta massiva de dados. Onde assistir: Netflix.

## # Adolescência (2025)

A série mais premiada da temporada de 2025 — e mais comentada dos últimos tempos — conta a história de um adolescente acusado de ter assassinado uma colega de escola. Os episódios em plano-sequência revelam os acontecimentos que levaram ao crime e o impacto da cultura *incel* em mentes de jovens garotos em puberdade. Onde assistir: Netflix.

## # A rede antissocial: dos memes ao caos (2024)

O documentário de Giorgio Angelini e Arthur Jones explora a relação entre a cultura da internet e a política do mundo real. O material conta sobre o surgimento do fórum 4chan e seu impacto no crescimento do ódio coletivo virtual, favorecido pelo anonimato e pela esfera de desinformação. Onde assistir: Netflix.

## # Príncipe Andrew, Maxwell e Epstein: o escândalo sexual (2022)

Mais do que analisar o escândalo de abuso sexual envolvendo Jeffrey Epstein, o documentário traz especialistas em linguagem corporal, linguística e psicologia forense, que examinam palavras e ações do financista, além de depoimentos de sobreviventes que ajudam a iluminar os detalhes da grande teia de acusações. Onde assistir: HBO Max.

## # Ghislaine: parceira no crime (2022)

A série documental revisita a história de Ghislaine Maxwell e seu envolvimento no esquema de tráfico sexual liderado por Jeffrey Epstein. O material aborda sua participação no aliciamento de meninas e as conexões com figuras influentes. Onde assistir: Globoplay e Apple TV.

# 9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



## Solução

1 - cabelo da mulher; 2 - nariz do homem; 3 - boca do homem; 4 - ponteiro; 5 - cabeça da mulher; 6 - altura da parede; 7 - sapato; 8 - nome "balança"; 9 - assintota.

## TECNOLOGIA

# Pombos podem acabar com "alucinações" da IA?

Comportamento das aves pode ser a solução para produção de resumos longos

Da Redação

O comportamento coletivo das aves pode ser a solução para tornar a inteligência artificial (IA) mais confiável na produção de resumos longos. Essa sugestão vem de um novo estudo, que descreve um enquadramento algorítmico inspirado no modo como os pássaros se organizam para filtrar informação antes de esta ser processada por grandes modelos de linguagem.

O objetivo dos investigadores era encontrar uma forma de contornar as chamadas "alucinações" da IA, que ocorrem sobretudo quando analisam documentos extensos, repetitivos ou com muito ruído à mistura. Além de propagarem falsidades, essas informações erradas obrigam a revisões demoradas, que vão muitas vezes contra o propósito da utilização de um chatbot.

Anasse Bari, professor de Ciência da Computação da Universidade de Nova York, nos EUA, desenvolveu com a sua equipe um método que acredita ser simples: em vez de entregar um documento inteiro ao sistema, o algoritmo primeiro identifica e organiza as frases mais relevantes, reduzindo desde logo redundâncias e destacando os pontos essenciais.

A ideia é: cada frase é tratada como se fosse uma "ave virtual". Primeiro, o sistema limpa o texto, preservando sobretudo substantivos, verbos e adjetivos, e transforma cada frase num vetor numérico com base em ca-

racterísticas lexicais, semânticas e temáticas. Depois, atribui pontuações segundo a importância no documento, o peso da seção em que surge e a sua proximidade ao resumo ou ideia central, dando ainda maior relevância a partes como a introdução, os resultados e a conclusão, explica o *Futurity*.

Só na terceira fase é que o voo coletivo entra em jogo. Selecionar apenas as frases com pontuação mais alta poderia conduzir a repetições sobre o mesmo tema, por isso o sistema agrupa frases semanticamente próximas em "bandos". Dentro de cada grupo, são escolhidas as frases mais representativas.

Segundo os autores da investigação, que foi publicada na *Frontiers in Artificial*

*Intelligence*, o processo permite construir um conjunto de frases mais equilibrado. O material condensado é então entregue ao modelo de linguagem, que produz um resumo final mais claro e mais fiel à fonte.

O método foi testado em mais de nove mil documentos. De acordo com os investigadores, o estudo gerou resumos com maior exatidão factual do que os produzidos apenas por modelos de linguagem.



Foto: Wilton Junior/Estadão Conteúdo

Assim como os pássaros, sistema agrupa frases semanticamente próximas em "bandos"

## Charada

Francelino Soares:  
francelino-soares@bol.com.br

**Resposta da semana anterior:** Volte (2) = torne + raiva (2) = ira. **Solução:** peça que distribui a água (3) = torneira.

**Charada de hoje:** Ave que representa o nº 20 do Jogo do Bicho (2), aqui (1) entre nós, tem uma cabeça que mais parece uma cabeleira postiça (3).



Ilustração: Bruno Chirossi

## Tiras

### O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



### Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)

